

**INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA  
MESTRADO DE PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLINICA**

**Tese de Mestrado**

**Vinculação e Histórias Infantis:**  
A Eleição dos Contos à Luz dos Modelos de Relação

**Magda Martins Barrocas - N°13841**

**Edição: 2005/2009**

**Orientador: Professor Doutor Eduardo Sá**

*Instituto Superior de Psicologia Aplicada*

## Resumo

Com a presente investigação pretende-se aceder à compreensão da importância das histórias infantis como produto da fantasia e a fantasia como “motor” da vida mental.

Para isso realizou-se um estudo exploratório em que se foi averiguar se a escolha e interpretação da história infantil pode representar um perfil da vinculação do próprio.

Partindo-se do princípio que os modelos de vinculação apresentados na fase adulta, sofrem influência das relações afectivas estabelecidas com os seus pais na infância, foi-se ainda perceber se existe relação entre as práticas educativas sofridas na infância e adolescência e os modelos de vinculação actuais.

A metodologia apresentada é composta por 3 instrumentos, escala de avaliação do adulto (EVA), inventário de Memórias de Infância (EMBU) e por fim por um questionário sobre histórias infantis construído por nós para a presente investigação.

A bateria de instrumentos foi aplicada numa amostra de conveniência constituída por 70 pais de crianças em idade pré-escolar residentes no concelho de Estremoz.

Através da sua aplicação procurou-se conhecer os modelos de vinculação desenvolvidos pelos sujeitos da amostra, as práticas educativas usadas com maior frequência pelos seus pais e as histórias preferidas de pais e filhos, assim como o entendimento que os pais têm delas.

Os resultados indicam que o modelo de vinculação desenvolvido pelos participantes do estudo com maior frequência é o estilo Seguro. As práticas educativas recordadas com maior frequência são o Suporte Emocional a ambos os pais e a História preferida de pais e filhos é os 3 Porquinhos, tratando-se ainda da história que os pais melhor conhecem.

Verificou-se uma relação negativa no limiar da significância entre o modelo de vinculação Evitante e a história do Gato das Botas, por sua vez encontraram-se ainda relações significativas entre as práticas educativas suporte emocional mãe, sobreprotecção mãe e pai e a história dos gato das botas, assim como entre o suporte emocional pai e sobreprotecção pai e a história da Gata Borralheira.

Por fim, constataram-se ainda relações significativas entre o estilo de vinculação Ansioso e as Práticas Educativas Rejeição Mãe e Pai e Sobreprotecção Mãe, assim como uma correlação negativa entre o Estilo Seguro e a Prática Rejeição Mãe, e entre o Estilo Evitante e a Prática Suporte Emocional Mãe.

## Índice

Resumo.....	1
Histórias Infantis.....	6
Histórias e seu Encanto.....	6
Histórias e Fantasia.....	6
Fantasia.....	17
Desenvolvimento Infantil e Fantasia.....	19
Principais Autores.....	19
Freud.....	19
Klein.....	21
Winnicott.....	23
Bion.....	28
Objectivos.....	31
Questões de Investigação.....	31
Delineamento.....	31
Vinculação.....	32
Vinculação e Qualidade dos Cuidados Parentais: Acessibilidade, Responsividade e Regulação das Emoções.....	32
Vinculação e Emoções.....	34
Vinculação e Cuidados Parentais.....	35
Definição do Sistema de Caregivin.....	35
Transmissão Intergeracional: Modelos Operativos Internos.....	37
Método.....	40
Participantes.....	40
Caracterização da Amostra.....	40
Material.....	42
Escala de Avaliação da Vinculação do Adulto – EVA.....	43
Inventory for Assessing Memories – EMBU.....	43
Questionário de Histórias Infantis.....	45
Procedimento.....	45
Resultados.....	47
Discussão dos Resultados.....	73
Conclusões.....	109
Referencias.....	110
Anexos.....	116
Anexo A: Resultados sem Significância Estatística.....	117
Anexo B: Análise do Instrumento de Histórias.....	128
Anexo C: Questionário de Histórias Infantis.....	132
Anexo D: Escala de Vinculação do Adulto - EVA.....	138
Anexo E: Memórias de Infância – EMBU.....	139

## Lista de Tabelas e Quadros

Quadro 1: Idade dos sujeitos da Amostra.....	40
Quadro 2: Número de filhos.....	40
Quadro 3: Idade dos Filhos.....	40
Quadro 4: Distribuição dos Sujeitos da Amostra.....	42
Tabela 1: Medidas de Tendência Central e de Dispersão das Memórias de Infância....	48
Tabela 2: Medidas de Tendência Central e de Dispersão da Vinculação.....	48
Tabela 3: Percentagens das escolhas das Histórias nas 4 Questões.....	48
Tabela 4: Médias da análise por História.....	49
Tabela 5: Médias da análise por Categoria.....	49
Tabela 6: Memórias de Infância e Estado Civil.....	50
Tabela 7: Vinculação (Ansiedade e Conforto com a Proximidade) e Sexo dos Pais....	51
Tabela 8: Vinculação (Confiança nos Outros) e Sexo dos Pais.....	51
Tabela 9: Vinculação (Conforto com a Proximidade) e Estado Civil.....	51
Tabela 10: Vinculação (Ansiedade e Confiança nos Outros) e Estado Civil.....	52
Tabela 11: Vinculação (Conforto com a Proximidade) e Sexo dos Filhos.....	52
Tabela 12: Vinculação (Ansiedade e Confiança nos Outros) e Sexo dos Filhos.....	52
Tabela 13: Médias da Distribuição dos Estilos de Vinculação pelos dados Demográficos.....	53
Tabela 14: Frequências relativas ao Sexo dos Pais.....	53
Tabela 15: Frequências relativas ao Sexo dos Filhos.....	54
Tabela 16: Frequências relativas ao Estado Civil.....	54
Tabela 17: Frequências relativas à Situação Profissional.....	54
Tabela 18: Frequências relativas à Escolaridade.....	55
Tabela 19: Frequências relativas à Idade dos Filhos por Grupos.....	55
Tabela 20: Frequências relativas à Idade dos Pais por Grupos.....	56
Tabela 21: Frequências relativas ao N° de Filhos por Grupos.....	56
Tabela 22: Medianas da Sub-Escala Histórias relativas ao Estado Civil.....	57
Tabela 23: Diferenças relativas ao Sexo da Criança.....	57
Tabela 24: Diferenças relativas à Idade dos Filhos.....	58
Tabela 25: Medianas da Sub-Escala Categorias relativa ao Estado Civil.....	58
Tabela 26: Mediana da Sub-Escala Categorias relativa ao Sexo dos Filhos.....	58
Tabela 27: Distribuição pelas Categorias relativamente ao N° de Filhos por Grupos....	59
Tabela 28: Vinculação e Memórias de Infância.....	59
Tabela 29: Vinculação e Análise por História.....	60
Tabela 30: Vinculação e Análise por Categoria.....	60
Tabela 31: Memórias de Infância e Análise por História.....	60
Tabela 32: Memórias de Infância e Análise por Categoria.....	61
Tabela 33: Distribuição dos sujeitos por protótipos de vinculação (Bartholomew,1990).....	62
Tabela 34: Distribuição dos sujeitos segundo o estilo de vinculação pelas histórias, à pergunta: A história que as crianças gostam mais.....	62

Tabela 35: Distribuição dos sujeitos segundo o estilo de vinculação pelas histórias, à pergunta: A história que o pai gosta.....	62
Tabela 36: Distribuição (n) dos sujeitos segundo o estilo de vinculação pelas histórias, à pergunta: A história com que a criança se identifica.....	63
Tabela 37: Distribuição (n) dos sujeitos segundo o estilo de vinculação pelas histórias, à pergunta: A história com que o pai se identifica.....	63
Tabela 38: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo o estado civil, à pergunta: A história que a criança gosta mais.....	64
Tabela 39: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo o estado civil, à pergunta: A história que o pai gosta mais.....	64
Tabela 40: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo o estado civil, à pergunta: A história com que a criança se identifica.....	64
Tabela 41: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo o estado civil, à pergunta: A história com que o Pai se identifica.....	65
Tabela 42: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo o Sexo dos Pais, à pergunta: A história que a criança gosta mais.....	65
Tabela 43: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo o Sexo dos Pais, à pergunta: A história que o Pai gosta mais.....	66
Tabela 44: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo o Sexo dos Pais, à pergunta: A história com que a criança se identifica.....	66
Tabela 45: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo o Sexo dos Pais, à pergunta: A história com que o Pai se identifica.....	66
Tabela 46: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo o Sexo dos filhos, à pergunta: A história que a criança gosta mais.....	67
Tabela 47: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo o Sexo dos filhos, à pergunta: A história que o Pai gosta mais.....	67
Tabela 48: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo o Sexo dos filhos, à pergunta: A história com que a criança se identifica.....	67
Tabela 49: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo o Sexo dos filhos, à pergunta: A história com que o Pai se identifica.....	68
Tabela 50: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo o N° de filhos, à pergunta: A história que a criança gosta mais.....	68
Tabela 51: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo o N° de filhos, à pergunta: A história que o Pai gosta mais.....	68
Tabela 52: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo o N° de filhos, à pergunta: A história com que a criança se identifica.....	69
Tabela 53: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo o N° de filhos, à pergunta: A história com que o pai se identifica.....	69
Tabela 54: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo a idade da criança, à pergunta: A história que a criança gosta mais.....	70
Tabela 55: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo a idade da criança, à pergunta: A história que o Pai gosta mais.....	70
Tabela 56: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo a idade da criança, à pergunta: A história com que a criança se identifica.....	71

Tabela 57: Distribuição dos sujeitos pelas histórias segundo a idade da criança, à pergunta: A história com que o Pai se identifica.....	71
Tabela 58: Médias do Conhecimento dos diferentes Estilos de Vinculação nas várias Histórias.....	72
Tabela 59: Médias do Conhecimento dos diferentes Estilos de Vinculação nas várias Categorias.....	72

## **Histórias Infantis**

### **Histórias e seu Encanto**

A presente investigação nasce de um enorme interesse por histórias infantis. Desde sempre nos pareceu fascinante a beleza e encanto inerente a todas as histórias para crianças. Interrogando-nos sobre a razão pela qual todas as crianças e até alguns adultos gostam de ouvir histórias, a verdade é que a história acompanha a criança em vários momentos importantes da sua vida. Temos a primeira história que lhe contamos, a hora do conto no jardim-de-infância, a história que as ajuda a acalmar e a deixarem-se ir para o mundo do sonho no fim do dia. A história torna-se como que uma companhia na aventura de crescer. Neste sentido os contos tradicionais e os contos de fadas, acabam por despertar ainda mais o nosso interesse, uma vez que persistem ao longo dos tempos, ano após ano, passam de avós a netos e continuam a causar interesse e a despertar a curiosidade dos mais pequenos.

Actualmente existe uma vasta literatura infantil moderna que aborda temas de grande actualidade e que vai ao encontro dos interesses dos mais pequenos, que embora causem emoções momentâneas, acabam por se perder e ficarem esquecidos, ao contrário dos contos tradicionais que embora sejam tão antigos, com temas de certa forma “desactualizados”, mas que continuam a ser contados pelos pais aos filhos e pedidos pelos filhos aos pais para serem ouvidos.

O que têm estes contos de tamanha magia que continuam a aproximar tantas gerações? Desta forma nasceu a grande questão de investigação; Porque motivo escolhem os pais as histórias? Será uma escolha aleatória ou será condicionada por outros factores como por exemplos os Modelos de Vinculação? Cumprirá a história uma função no desenvolvimento infantil?

### **HISTÓRIAS E FANTASIA**

Bettelheim (1998) refere “o conto de fadas é, antes de mais, uma obra de arte” (p.196). Acrescenta ainda que “ ouvir um conto de fadas e ficar com as imagens que ele representa pode-se comparar com um lançar de sementes: somente algumas delas se implantarão na mente da criança. Algumas começaram a trabalhar imediatamente no seu inconsciente; outras ainda terão necessidade de assentar por muito tempo no espírito da criança, até que esta atinja um estado adequado à germinação, e muitas outras não

criaram nunca qualquer raiz. Mas aquelas sementes que tenham caído em bom terreno acabarão por ser lindas flores e vigorosas árvores – quer dizer, darão validade a importantes sentimentos, promoverão perspicácia, alimentarão esperanças, reduzirão angústias – e, fazendo-o, enriqueceram a vida da criança, não só de momento mas para sempre. “ (p196, 197)

Segundo Sá (2002, p. 70)“ O nosso espaço interior é um espaço de histórias” . O autor afirma que “ Talvez as histórias sejam um guardiam do sonho, onde as personagens, em lugar de nos adormecerem, nos acordam para nós, e em relação às quais uma pessoa não existe, na relação, como coisa em si mas como personagem de um sonho entre outras personagens” (Sá, 2002 p.71)

Esse sonhar acordado que é a hora da história pode ser terapêutico na medida em que a relação com estas personagens permite-lhe viver numerosas aventuras, aliviar tensões, angustias, etc.

Relembra-nos ainda que, “Cada história representa uma viagem pelos recantos da nossa intimidade. “ (Sá, 2002 p. 70)

A criança lê os olhos de quem conta a história, ela confunde por isso pessoa e história em si. Ela entra na história e vive as aventuras das personagens. Ela usa as personagens das histórias para viver as personagens mais secretas das suas fantasias. As crianças riem, choram, angustiam-se etc. Elas precisam ouvir a mesma história muitas vezes, de forma a conseguirem fixar a história e perceberem que as personagens têm sempre o mesmo destino. Mas por outro lado parece que nunca se lê uma história 2 vezes, pois parece sempre “ um mesmo lugar de um novo sonho” ( Sá 2002 p.70)

Segundo Strauss (1981) ao conto está associado os afectos e o mundo dos significados, integrando por um lado aspectos do real mas indo muito para além disso pois incorpora em si uma elaboração dos afectos por meio do signo, significado e compreensão.

A raiz mais profunda do conto reside na tradição oral dos povos ancestrais, dando voz aos seus sonhos, medos, inquietações, premonições, desejos e necessidades.

O conto apresenta-se como uma possibilidade estruturante, uma vez que, o processo primário, via de acesso ao imaginário aqui entendido como inconsciente, e o processo secundário inter-relacionam-se para produzir “imagens que combinam sentimentos e significados pessoais como implicações sociais e culturais mais vastas”.

É com Freud que a criança nasce em termos de compreensão do seu psiquismo para o mundo, uma criança cujo desenvolvimento envolve um mundo interno povoado de ansiedades, conflitos, impulsos, sentimentos agressivos e fantasias, onde os personagens fantásticos dos contos de fadas encontram a sua maior “musa” inspiradora, com monstros, heróis e muito mais (Barros, 1995). Mas é pela mão de Melanie Klein que se aprofunda o interesse e estudo dos processos implicados na formação e desenvolvimento das fantasias infantis, em que o método de intervenção designado por ludoterapia assume como principal matéria-prima, essencial, os produtos imaginários da mente infantil, oferecendo-se como um instrumento confiável na compreensão dos dinamismos inerentes ao funcionamento psíquico da criança. (Barros, 1995)

Barros (1995, p. 15) acrescenta ainda que “...a história pessoal do paciente pode emergir através de histórias infantis ou pelas histórias infantis o paciente verbaliza seus conflitos psicológicos...”

Barros (1995) acrescenta ainda que o conto desempenha um papel importante no desenvolvimento psíquico da criança, aparecendo como um suporte ao seu crescimento, oferecendo-se como “placas de sinalização” que indicam alguns dos possíveis caminhos no longo trajecto que é crescer, apontando leituras para os problemas interiores e o apontar de possíveis soluções para esses conflitos, válidos em qualquer parte do mundo e plenamente ao alcance da criança. No fundo constitui um espaço de resposta à compreensão da criança de si mesma, seria como arrumar a casa, num espaço de confusão de sentimentos.

A estruturação do conto permite a ocorrência dos processos de projecção e identificação. A identificação é o processo psicológico pelo qual o indivíduo se constitui. No entanto a identificação é indissociável do mecanismo de projecção. Este mecanismo de origem arcaica permite ao sujeito expulsar de si e localizar no outro sentimentos e desejos difíceis de suportar. Nos contos, os processos internos da criança são assim exteriorizados e tornam-se compreensíveis porque representados pelos personagens, ideia que permite descrever a ideia de auto-referenciação presente no conto. (António, 2004).

Para enriquecer a vida de uma criança, uma história para além de despertar a sua atenção e curiosidade terá de “ ...estimular a sua imaginação; tem de ajudá-la a desenvolver o seu intelecto e esclarecer as suas emoções; tem de estar sintonizada com as suas angústias e as suas aspirações; tem de reconhecer plenamente as suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam” (Bettelheim, 1998, p.11)

Um dos méritos dos contos de fadas, é o de que ao ouvi-los, as crianças, entendem que as transformações a nível interior são possíveis de entender.

No conto, a confrontação com uma narração diferente provoca um trabalho mental e é assim que o explícito e implícito produzem efeitos notáveis na sua articulação, com o dizer e o não dizer de cada criança.

O “ Era uma vez” parece induzir-nos ao passado, mas é um passado que se torna presente para controlar o futuro. Esta distanciação e anonimato das personagens permite a identificação com os elementos e ter o sentimento de que não é nosso, o projectarmonos, sem medo de cair da corda de equilibrista. O anonimato e o carácter extra-temporal do conto através da fórmula “era uma vez” facilitam a regressão a estádios arcaicos da personalidade comunicando à criança uma experiência.

Os contos começam onde a criança realmente se encontra, falam-lhe dos seus conflitos interiores e sugerem-lhe exemplos de soluções quer temporárias quer permanentes.

O mundo que é aberto pela porta do conto de fadas é um mundo em que crianças e adultos se perdem no seu espaço de desejos, fantasias, medos, angústias, todas elas espaços e passos de crescimento que marcam o desenvolvimento, a transição, o voltar a ver e ver com outros olhos, outras coisas, daí que por vezes um conto acompanhe a criança durante muito tempo.

Segundo Ferro (1995) o conto funciona como uma mãe capaz de tornar-se permeável aos medos da criança e de lhos restituir menos terríficos.

As personagens são aparentemente esquemáticas, uns são bons, outros maus mas no aspecto mais profundo as personagens são mais complicadas. Tal como nos sonhos cada papel não representa a totalidade de uma pessoa nem um dos seus aspectos, é antes o

produto de uma das suas identificações. Tanto pode identificar-se com uma personagem simpática, uma referência ao seu ideal do eu, como identificar-se a uma personagem má, porque vê uma parte má dele próprio e pode assim esvaziar-se no fogo que só dura o instante do conto. Assim, brincar às identificações projectivas é uma das vantagens dos contos. No fundo é concebida a exteriorização para as personagens da história dos processos interiores e problemas emocionais próprios do crescimento, de tal forma que a criança possa enfrentar os primeiros e resolver os últimos.

Segundo Bettelheim (1998) a criança pequena começa a fantasiar com um segmento da realidade que poderá suscitar nela necessidades e angústias tão fortes, podendo deixar-se arrastar por elas. Por vezes estas 2 realidades tornam-se confusas na mente da criança ao ponto de não as conseguirem diferenciar. Mas é necessário um certo ordenamento que ajude a criança a regressar à realidade fortalecida por este passeio pelas suas fantasias. Estes contos funcionam como a mente da criança, pois, tal como a mente da criança começam normalmente de uma forma realista, começam com uma situação real mas de certo modo problemática.

Uma criança perante os problemas e acontecimentos perplexos do dia-a-dia, é obrigada a compreender o como e o porquê de várias situações e a procurar soluções. Mas como o raciocínio tem um fraco controlo sobre o inconsciente da criança, a sua imaginação foge da pressão das emoções e dos conflitos não resolvidos.

Uma criança que conhece os contos de fadas sabe que eles usam uma linguagem cheia de símbolos em vez de falarem da realidade de todos os dias. O conto de fadas consegue transmitir à criança através das suas personagens, dos enredos e dos espaços físicos que não se tratam de pessoas ou lugares reais. Por sua vez permite à criança que os acontecimentos reais se tornem importantes através do sentido simbólico que ela lhes dá ou que neles encontra. O início do conto de fadas “ Era uma vez” “ num país longínquo” “ há mil anos ou mais”, começa logo por nos remeter para um espaço que não o da realidade quotidiana.

Envolvendo sempre da parte do herói ou heroína a resolução de uma situação. Habitualmente o herói não tem um nome próprio assumindo-se como princesa, rei, mãe, madrasta, bruxa, fada, entre outros ou então quando assume um nome próprio este é de carácter comum de forma a deixar à criança um espaço de identificação em que

qualquer um pode ser o personagem da história. Apesar destas personagens poderem viver ao longo do conto diversas dificuldades, no final conseguem sempre ultrapassá-las. Nas histórias alguns personagens após o cumprimento da sua função, seja de dar significado ao conflito na fase da introdução seja como motor da acção do herói, acabam por desaparecer. São de carácter simples em termos da forma como apresentam as situações, são directos e curtos, funcionando num certo imediatismo. Todos os conflitos implícitos, as lutas travadas entre o bem e o mal têm sempre solução e sempre uma solução que vai num determinado sentido, em que o “mau da fita” por mais assustador, ameaçador e poderoso que pareça, acaba sempre por sair derrotado e sofrer um fim trágico. Dai que este espaço oferecido pelas características particulares do conto de fadas, se ofereça como um excelente espaço de encontro com a criança nos conflitos que são particulares à sua fase de desenvolvimento e suas experiências emocionais vividas e oferecidas pelo contexto familiar.

Surgem ainda acontecimentos que mostram que a lógica e causalidade normais estão suspensas, tal como nos nossos processos inconscientes, em que têm lugar os mais surpreendentes acontecimentos. “ O conteúdo do inconsciente é simultaneamente o mais escondido e o mais familiar, o mais obscuro e o mais compulsivo; e cria a angústia mais feroz, assim como a maior esperança. Não está limitada por um espaço de tempo ou localização específicos ou pela sequência lógica de acontecimentos, tal como é definida pelo nosso raciocínio. Sem o nosso conhecimento, o inconsciente transporta-nos para os mais velhos tempos das nossas vidas. As localizações mais estranhas, as mais antigas, as mais distantes e ao mesmo tempo as mais familiares de que fala o conto de fadas sugerem uma viagem no interior do nosso espírito, nos abismos do inconsciente. “ (Bettelheim, 1998, pag. 83)

Desta forma a criança viaja com o conto, mas no fim da história regressa à realidade de uma forma mais tranquilizadora, tal como acontece geralmente ao próprio herói, ele termina a sua história regressando à realidade, uma realidade feliz e sem magia. O herói volta à realidade estando mais apto para lidar com as exigências do dia-a-dia.

Os contos ajudam a criança a elaborar em fantasia as pressões do seu inconsciente. (Bettelheim, 1998)

As histórias infantis, são importantes na concepção psicológica da criança, visto que, encerram em si, um simbolismo, sendo ainda analisáveis do ponto de vista da narrativa, das aventuras, dos conceitos morais subentendidos e acima de todos estes aspectos o facto de envolverem aspectos projectados, mais ou menos conscientes, do próprio psiquismo dos seus autores (Barros, 1995).

Segundo Sá, para uma criança, mais fácil do que pensar o medo, é vivê-lo colocando-se atrás dos pais. Os pais até percebem essa função protectora, mas não explicam esses medos. Por outro lado, existem coisas que não se podem dizer entre pais e filhos e esse indizível é necessário nomeá-lo “ então, talvez, o pensamento seja tão somente uma forma de se nomear o inominável” (Sá, 1995, p.63). É porque a criança precisa de dar forma e corpo, aos seus medos, que o conto aparece como continente capaz de proporcionar tamanhos, formas, nomes e sentido à angústia. Assim, tal como os adultos, primitivos ou civilizados, as crianças necessitam dessas formas de comunicação indirecta e disfarçada, mas que terão uma função de reconhecimento da realidade familiar por detrás do estranho, parafraseando Sá (1995).

Ferro (1995) afirma “ o conto permite viver algures, longe no espaço e no tempo em lugares míticos aqueles medos que a criança não poderia nunca admitir provindos do encontro com as suas pessoas mais “caras”, ela não poderia tolerar a ideia de que a bruxa e o ogre são também outros aspectos do pai e da mãe...ou que sejam partes próprias, ou estados afectivos, que tomam corpo nas suas relações íntimas. É para um lugar longínquo que são mandadas as histórias e os personagens terríveis: devoradores, infanticidas que consubstanciam todas as vicissitudes que dominam o mundo fantasmático das crianças e dos adultos” (Ferro, 1995 p. 78). Neste caminho, da sensação à recriação e à simbolização, o conto pode ter a função de consolidar a vinculação e conseqüentemente de consolidar o processo de simbolização. O conto funciona como um fenómeno e um objecto, que actua no espaço transaccional. As histórias conseguem incorporar as preocupações conscientes que envolvem o Id da criança, mostrando caminhos que servem e satisfazem as exigências do ego e do superego.

Contar um conto é uma actividade dinâmica e relacional que implica a existência de um querer partilhar um prazer que não se esgota nunca no ouvir ou no contar mas que se vai reinventando. Logo sempre que lemos estamos a comunicar e a partilhar com alguém, assim sendo o ler torna-se num acto de amor, em que existe uma selecção prévia daquilo que gostamos e que queremos partilhar com os outros, como forma de nos darmos a conhecer, (Pennac, 1999) e de nos adaptarmos aos outros. (cit por Santos, 2006)

Pois como nos diz Sá (1995) uma história nunca se lê sozinha, há sempre alguém do outro lado que lê a história connosco, uma criança não ouve só a história em si, mas lê todas as expressões faciais da pessoa que lhe está a contar a história, ela apreende as emoções que a história e a pessoa que lhe lê lhe enviam. Logo ouvir uma história não é um acto solitário, mas uma partilha de emoções, é sempre vivido num espaço relacional. Assim sendo, partiu-se da ideia que as relações afectivas existentes entre a pessoa que conta a história e a pessoa que a ouve, influencia toda a transmissão da mesma. Neste sentido pode-se pensar que os contos não são recordados pelo conto em si mas pela relação que temos com a pessoa que nos conta o conto, ou até, podemos criar uma relação melhor ou pior pelas experiências que partilhamos com essa pessoa no momento da história.

“ O conto funciona assim como um continente das angústias, exemplificando à criança que, tal como as histórias, também na vida existem partes boas e más, sendo importante que as primeiras prevaleçam sobre as segundas. Estes elementos transacionais, que medeiam o espaço entre a realidade e o fantástico, exercem a função de aplacar as angústias da criança. Quando estas suplantam a própria compreensão que a criança possa fazer dos seus fantasmas, a forma de as entender e controlar é exteriorizá-las” (Santos, 2006 p. 140)

Neste sentido o papel da pessoa que conta a história é fundamental como elemento de relação e criação de espaço de rêverie. Tornando-se essencial que quem conta o conto transmita à criança o que está a sentir, pois trata-se de um acto de amor.

Em forma de conclusão sintetiza-se que o conto tem um papel no desenvolvimento da criança, ajudando-a a estruturar os seus medos e as suas angústias, auxiliando-a na elaboração da ansiedade e promovendo uma maior capacidade de adaptação e

compreensão do mundo, não esquecendo o seu papel como espaço de projecção e de exteriorização.

Fica-se ainda com a ideia de que a criança se desenvolve na relação que estabelece com o exterior e que o conto a coloca em contacto com esse exterior. Gostaríamos de deixar a ideia de que o conto inicialmente faz parte da relação primeira, ajudando bebé e mãe a conhecerem-se e adaptarem-se melhor, mas que depois acompanha a criança como objecto transitivo.

Segundo Santos (2006), pegando no conceito Biónico num primeiro momento alguém tem de pensar pela criança, criando aos poucos um espaço para que esta possa pensar por si. Posteriormente tem de favorecer o afastamento para que ela possa criar espaço para a cultura e para a capacidade de tornar presente o ausente, servindo-se da imaginação. Desta forma a partir de uma história a criança reconstrói-se noutras histórias.

Bruder (2000 cit por Santos 2006 p.112) “ O conto orienta o pensamento e as emoções da criança e do adulto, sem outra intenção que não, a de lhe dar a liberdade de extrair as suas próprias conclusões.”

Segundo Bettelheim (1998) os contos de fadas adequam-se ao desenvolvimento emocional da criança, se analisarmos estes contos tradicionais encontramos uma estrutura linear. Existe sempre um protagonista bem destacado, um conflito externo que se tem de resolver, um desenlace em relação directa de causa-efeito, um encadeamento de acções e um final feliz. As personagens são sempre poucas, não são ambivalentes, existindo sempre uma moral dicotómica, os bons são premiados e os maus castigados. Desta forma as crianças identificam-se claramente com as personagens, constatando-se que a fantasia exerce um poder de organizador mental infantil permitindo à criança conhecer a realidade, reconstruí-la, significá-la e vivenciá-la. (Santos, 2006)

Não esquecendo do que nos diz Bettelheim (1998) que o conto tem sempre um conteúdo latente para além do manifesto, que pode funcionar como um “espaço de Rêverie”, sendo um óptimo organizador dos afectos.

O Conto pode fazer a ponte entre o mundo interior e o mundo exterior de que nos falava Winnicott.

No conto, por meio da identificação projectiva a criança resolve conflitos internos, acedendo à capacidade de imaginar, criar e pensar.

Sousa (2000 cit por Sousa 2006 p. 121) “ o imaginário que os contos oferecem faz com que se possa descobrir segredos, quer acerca de nós próprios, quer acerca das personagens que passam a habitar a imaginação de cada um. Ouvir e contar contos é ainda uma forma de criar laços, de fazer pontes entre culturas e gerações, um meio para aprender e apreciar a riqueza da diversidade, seja ela cultural, linguística ou física”.

Através do conto a criança tem a oportunidade de experienciar sentimentos e emoções novas, mesmo que não as tivesse vivido de verdade passa a conhece-las

O importante nos contos não são, as bruxas e as madrastas, mas o significado implícito que essas personagens têm.

“ A. Ferro (1995), falando sobre rêverie no conto, refere a permeabilidade e a disponibilidade mental e emocional à comunicação do conto e à entrada em acção da função alfa, dos pensamentos oníricos da vigília e a capacidade de contacto com estes últimos no momento da restituição transformadora do estado emocional assumido e é a rêverie que possibilita pensar sobre as angústias da vida. Conto e vida/sonho (o continuum gerador de significações) parecem possuir uma relação íntima. Assim poderemos dizer que o conto tem a capacidade de comover, isto é, mover o conjunto de objectos internos e criar a possibilidade de novas relações entre eles, originando, deste modo, novas experiencias afectivas e de conhecimento.”

Bettelheim (1998) defende ainda que a aceitação do conto depende dos sentimentos do narrador em relação às crianças e em relação com as crianças.

O conto assume ainda um papel como facilitador da função simbólica. As histórias falam do que os pais não são capazes de dizer com simplicidade. Fazendo um paralelismo entre o conto e o sonho, citamos Sá quando ele nos diz “ Sonhar supõe que se pode fechar os olhos (e adormecer com confiança básica) ao colo de alguém....que olha por nós. Isto é, a tranquila entrega ao acto de sonhar representa, num plano simbólico, não tanto a possibilidade de fechar os olhos mas de os abrir....para dentro depois de os fechar para a relação” (Sá, 2003, p. 148)

Dado o seu carácter de elaboração simbólica, o conto parece requerer um bom funcionamento quer da função alfa, quer consequentemente, da barreira de contacto, indicando deste modo uma digestão da experiencia emocional e um armazenamento dos

elementos que, dando origem a elementos oníricos, encontraram no conto um espaço onde puderam ser pensados.

Esta digestão da experiência emocional produz, segundo Bion, um sentimento de confiança de perceber a verdade não da coisa-em-si mas da experiência emocional. Digerir as emoções é transformar as experiências de dor, sofrimento, angústia e luto.

“ Assim as imagens suscitadas pelas histórias vão funcionar como objectos transitivos que se situam num espaço entre o dentro e o fora, espaço potencial, do qual resulta a capacidade de subjectivação e de abstracção e que servem como substitutos do objecto real, dando compreensão às coisas que a criança ainda não compreende, partindo daquelas que ela já conhece porque significou. Perpetuam-se assim nas suas aprendizagens os objectos de amor, num acto entre o sentir para poder significar com o objectivo de conhecer e o dar-se a conhecer.” (santos, 2006 p. 144)

O conto deve ser um dos meios que dá vontade à criança de decifrar e inventar o mundo, pois imaginar é mergulhar no real.

Lodge (2009), vêm ainda dar mais ênfase ao papel da história, uma vez que defende que o nosso cérebro não vive à margem das histórias. Assim sendo, vejamos o que nos diz o autor.

Lodge (2009) citando Damásio refere que “ A representação em imagens de sequências de acontecimentos cerebrais que ocorrem em cérebros mais simples do que o nosso constitui a matéria de que são feitas as histórias” (p.25) Pode muito bem ser que uma ocorrência natural pré-verbal de narração de histórias seja a razão por que acabamos por criar o drama e, mais tarde, os livros. Contar histórias, para ele é provavelmente uma obsessão do cérebro, ou seja, o autor acredita que essa intencionalidade radica na aptidão do cérebro para contar histórias.

A consciência humana, como Damásio faz questão de sublinhar, é uma consciência de si, uma auto-consciência. Nós não nos limitamos a ter experiências, nós temos consciência de estarmos a ter essas experiências e a ser afectados por elas.

Damásio, chama a atenção para o paradoxo referido por William James, de que “ o si na nossa corrente de pensamento muda continuamente à medida que avança o tempo,

mesmo que nós mantenhamos a sensação de que o si se mantém o mesmo enquanto a consciência avança” (p.26)

Damásio designa por “si nuclear” o si que parece ter uma espécie de existência contínua, sugerindo que é como uma produção literária. Daniel Dennett diz algo muito parecido. “Da mesma maneira que as aranhas fazer teias e os castores constroem diques, nós contamos histórias” (p.26)

“ A nossa tática fundamental de auto-protecção, autocontrolo e auto-definição não é tecer teias nem construir diques, mas sim contar histórias, e, mais do que isso, relacionar e controlar a história que contamos aos outros e a nós mesmos, acerca de quem somos.” (p.26)

Para Dennett, contudo, todas estas histórias, e os sis que elas constroem, são ilusões, epifenómenos: pensar o contrário seria cometer a falácia do dualismo.

Visto isto, percebe-se que o cérebro não vive à margem das histórias. E se o nosso mundo interior é um mundo de histórias, então as histórias também não vivem à margem da Fantasia. O que nos faz pensar que a Fantasia poderá ser o estádio anterior à consciência alargada.

Vejamos então o que se entende por Fantasia:

### **Fantasia**

Segundo Corsini (1984, cit por António, 2004) a intenção primária da fantasia é o estimular a criatividade e oferecer uma ajuda para chegar a um equilíbrio emocional. Associado ao conto em que, o próprio, “Era Uma Vez” associado à imagem das histórias oferece-se como organizador do pensamento, permite explorar como é que o conto pode aparecer como forma ou estrutura continente capaz de funcionar como espaço de nomeação, de elaboração e de digestão de conteúdos mentais.

Por sua vez Lima (1990, cit por António, 2004) refere que o mundo imaginário da criança é também uma via de acesso à expressão da interioridade, não constituindo a sua criação uma fuga ao real (exterior), mas sim uma abertura à realidade interior. É neste sentido que a criança procura confusamente, com os seus próprios meios, sair do real. Se o mundo adulto não sabe proporcionar-lhe medidas sãs para atingir o imaginário,

arrisca-se a embrenhar-se sozinha no que não será mais do que uma evasão, uma fuga perante o real, contra o real. Uma história de qualidade permite à criança sair do real quotidiano para melhor o compreender, o controlar e o ultrapassar.

O espaço de fantasia é constantemente ameaçado pelo real, sendo do conflito entre ambos que a criança consegue aceder a um mundo interno em que prevalece o equilíbrio entre estes 2 mundos. Desta forma, o crescimento da vida mental dos mais pequenos inclui a capacidade de reconhecimento e identificação da fronteira que medeia o real e a fantasia, ou seja, entre um espaço do real em que a sua acção é circunscrita e um espaço de fantasia em que a sua acção é onipotente. Esta organização e desenvolvimento dependem em muito do mundo interno e externo em termos de experiência emocional e sua gestão. (António, 2004)

Magagnin (1995) defende que a fantasia é utilizada com a principal função de adaptação à realidade, elaborando e organizando os conteúdos emocionais.

Sobre a Fantasia, Bettelheim (1998) afirma ainda que, sem fantasia para nos dar esperança, não temos forças para enfrentar as adversidades da vida. A infância é a altura em que estas fantasias precisam ser nutridas. Deve-se encorajar a fantasia das crianças, pois todas as histórias que as crianças inventam são a expressão dos seus desejos e angústias.

Após uma análise sobre a importância da Fantasia, chegamos à noção de Fantasia não como produto, mas como função mental, vejamos o que os autores nos dizem:

Freud definiu Fantasia como o “desejo inconscientemente trabalhado pela capacidade do pensamento lógico, a fim de dar origem a uma expressão disfarçada e a uma satisfação imaginária de um desejo pulsional” (Magagnin, 1995, p. 5)

Freud aponta ainda o carácter de irrealidade dos jogos infantis e estabelece um elo de ligação entre estes, os devaneios da vida adulta e a criação literária. Para o autor o brincar é concebido como uma das primeiras manifestações da fantasia, é um precursor da actividade imaginativa que rege a produção literária. Segundo Freud as fantasias são

subordinadas ao princípio do prazer, mas são formadas pelo processo secundário, isto é, pela lógica dos sistemas pré-conscientes e conscientes. (Magagnin, 1995)

Por sua vez Klein (1923) define Fantasia Inconsciente como “ a representação mental daqueles eventos somáticos que se originam das sensações físicas interpretadas como relacionamentos com objectos que causam essas sensações” (Magagnin, 1995, p. 6)

Na concepção de Klein (1986) as fantasias assumem tanto um papel de satisfação de desejos como um aspecto defensivo, uma vez que a cisão e a projecção, que são mecanismos de defesa, são também expressos por meio da fantasia, assim como o são os impulsos. As fantasias estão ligadas à defesa, pois o próprio facto de fantasiar é uma defesa contra uma realidade dolorosa. (Magagnin, 1995)

Para Hanna Segal (1964) “ a fantasia é, não apenas a representação mental de uma pulsão, mas pode ser elaborada, segundo Hinshelwood (1992), para representar acções defensivas contra a ansiedade, vindo a transformar-se, com o protagonismo da posição depressiva, à medida que o mundo interno “ é povoado por objectos simbólicos” (Sá, 2003, p.113)

## **DESENVOLVIMENTO INFANTIL E FANTASIA**

Surgindo a história numa estreita ligação com o cérebro humano e com as suas fantasias, quer como produto, quer como função mental. Vejamos o papel da Fantasia no desenvolvimento infantil.

### **Principais Autores**

Após um olhar sobre alguns autores que teorizaram sobre desenvolvimento infantil, chamou-nos a atenção especialmente a obra de Freud, Klein, Winnicott e Bion. As quais passaremos a citar de seguida.

#### ***Freud***

Ao relembrar a teoria de Freud sobre desenvolvimento infantil de forma a entender a Fantasia, surge a noção de sublimação.

Da teoria de Freud retira-se que pelo uso da sublimação a criança abandona o princípio do prazer e acede ao princípio da realidade. Para Freud o desenvolvimento afectivo é fonte de enriquecimento do pensamento, que resulta do símbolo e da negação. O pensar não é mais do que o aceder ao princípio da realidade, entendido este como uma modificação pela realidade do princípio do prazer. Freud foi o primeiro autor a falar de desenvolvimento infantil associado à afectividade e à realidade psíquica, entendendo-se esta, como o espaço mental que se ocupa dos desejos, dos impulsos, dos instintos e que contribui para a construção das emoções. O pensamento serve não só para ajudar a tolerar a frustração perante um desejo não realizado, mas ainda como forma de elaboração de estratégias vindas do meio exterior, de forma a dar a ideia do desejo satisfeito. A este mecanismo Freud deu o nome de princípio da realidade. Sempre que a criança tem uma necessidade que não é satisfeita ela elabora um pensamento, não necessitando de promover a descarga motora. Assim pela capacidade de simbolização e de representação a criança consegue adiar ou transformar a satisfação desse desejo. É uma forma de transformar as angústias e os desejos em imagens significadas.

Para Freud (1969 cit por Santos, 2006 p.22) “ O desenvolvimento afectivo passa pela capacidade de transformar a energia pulsional num pensamento criativo, ou seja, de transformar um desejo numa espera que facilite o uso de estratégias elaborativas e que permita a sua realização respeitando já a realidade, ou seja, o aceitar o principio da realidade em detrimento do principio do prazer.”

Assim sendo a história pode surgir como mecanismo de sublimação promotora da construção da história individual de cada pessoa, uma vez que faz emergir o simbolismo e consequentemente a capacidade de representação mental. A criança enquanto vai ouvindo um conto, familiariza-se com a realidade externa e com a realidade interna começando a adaptar-se às exigências da sua cultura. Através da identificação projectiva com os personagens, percebe que nem tudo o que faz parte da sua fantasia (fazer mal aos outros) pode ser realizado. Através dos contos a criança vai visualizando as consequências da realização dos seus desejos e vai começando a confrontar-se com os limites da realidade. A sublimação permite à criança usar a fantasia como forma de realização do real.

Para Santos (2002 cit por Santos 2006 p. 128) “ Os contos são uma forma de sublimação, na medida em que permitem a substituição de um desejo não possível de ser concretizado, por um outro socialmente aceite e possível de realizar. O princípio do

desejo dá, paulatinamente lugar ao princípio da realidade, promovendo um trabalho maioritariamente de carácter intelectual e artístico em detrimento de um pensamento regido pelas pulsões libidinais. É assim que a criança começa a contar a si própria histórias, ou melhor, uma história que nada mais é que a sua própria história, uma narrativa elaborada para explicar o inexplicável. Este mesmo movimento é perpetuado no tempo, quando sem grandes pretensões criadoras, a criança, agora adulto, conta para si, eternamente, as histórias que na infância o ensinaram a criar. ”

A fantasia é um instrumento ao serviço do conhecimento, e no conto realidade e fantasia entrecruzam-se constantemente. A fantasia está ligada ao mundo interior e a realidade ao mundo exterior. Como já foi referido atrás, Freud diferenciou muito bem estas 2 realidades. Em que a primeira tem a função de evitar o sofrimento e procurar a satisfação e a segunda atribuir-lhe uma função reguladora. Neste sentido a “mãe” que conta a história cumpre uma função de objecto transicional que medeia o passado, o presente e o futuro.

### *Klein*

Vejamos, Melanie Klein, e a sua teoria sobre o “Jogo”. Klein defende que o “Jogo” aparece como o modo de expressão natural das crianças sendo o equivalente às verbalizações no adulto. Ganhado, assim um valor simbólico equivalente ao sonho. (Sá, 2003)

Por meio do jogo a criança traduz de modo simbólico as suas fantasias, os seus desejos, assim como as suas experiências de vida. (Santos, 2006).

Continuando a aprofundar algumas considerações de Klein, encontra-se uma nova teoria para o desenvolvimento e funcionamento do aparelho psíquico. Segundo Klein a mente humana apresenta um mundo interior diferente do mundo exterior, este mundo interior está preenchido por objectos internos que foram introjectados de figuras com quem se estabeleceu um vínculo e que interagem entre si a partir dos fantasmas inconscientes. Para Klein o vínculo estabelecido entre o bebé e a mãe nos primeiros tempos de vida é fundamental para a construção destes objectos internos.

O mundo interno seria, assim, um espaço de representações que, a partir das imagos, atribuía ao psiquismo a capacidade de pensar, sendo a sua integração mediada por relações significativas. (Sá, 2003)

A autora descreve-nos 2 posições, a posição esquizoparanoide e a posição depressiva.

Na primeira posição a clivagem está na base de todas as relações de objecto, sendo os objectos vistos, ora como bons, ora como maus. Na posição depressiva já existe uma relação de objecto total.

Para Klein a criança nasce com um ego rudimentar, que se liberta das pulsões de morte projectando-as no exterior. A parte que é projectada vai posteriormente ser identificada como objecto parcial e reintrojectada como parte integrante da criança.

É por meio desta projecção e reintrojecção que o eu da criança através da clivagem cria o objecto bom e mau. Este mecanismo é uma forma defensiva de se lidar com a ansiedade e de se poder introjectar o bom objecto, existindo uma idealização do bom objecto. Para que uma criança passe de um mau objecto para um bom objecto é necessário existir um processo de luto. Desta forma, é importante que se verifique um predomínio de experiências boas sobre as más, para que a criança acredite no bom objecto.

O facto da criança acreditar no bom objecto, faz com que ela esteja mais bem preparada para lidar com a ansiedade, levando à reintegração do eu. Pois o bom e o mau objecto estão relacionados com a capacidade de satisfazer ou frustrar o eu.

Deste modo a criança percebe que as percepções não são provenientes de um objecto bom ou de um mau, mas sim de um objecto total, - a mãe-, que é ao mesmo tempo boa e má. Nesta altura a criança reconhece esse objecto como sendo exterior e independente de si. Fonte de gratificação e frustração o que faz com que crie uma ambivalência face a esse objecto. A criança vai ter receio de perder o objecto amado (angústia de perda) pelos ataques agressivos que lhe faz, acreditando que o destrói. Desta forma surgem os primeiros sentimentos depressivos. Há medida que vai tolerando estes sentimentos vai caminhando no sentido dos impulsos reparadores. (Klahr, 2005)

As realizações positivas contribuem para a criação de um Ego cada vez mais diferenciado do exterior. Assim sendo, a criança evolui de um objecto dividido em bom e mau para uma unificação do objecto. Este objecto interno leva à integração do Ego, e, a par de uma maturação fisiológica, promove no indivíduo o surgimento das capacidades para gerir as ansiedades resultantes tanto do seu mundo interno como externo. (Santos, 2006; Magagnin, 1995)

Ouvir um conto, pode surgir como um momento de partilha de afectos, em que a mãe não só está a ajudar a criança a elaborar as suas angústias, com base nas personagens e nas temáticas abordadas, mas pode funcionar ainda como um espaço em que a mãe lhe proporciona bons momentos que a ajudem a integrar a mãe como um todo.

Os objectos que são internalizados em fantasia, transformando-se em estruturas internas, como o superego, tornam-se cada vez mais realistas. Muda a natureza das fantasias, de relação objectal parcial, ideal e persecutória para relação com objectos internos, tais como os pais, os irmãos, a família, e a fantasia diz mais respeito à reparação. É somente na posição depressiva que a regressão vai pouco a pouco subsistindo às defesas mais primitivas de cisão, idealização e projecção. O bebé torna-se mais separado e diferenciado do seu objecto e mais capaz de se sentir culpado pelos seus impulsos e pelas suas fantasias. Desta forma reprime-os, e é assim que ao funcionar a fantasia, os impulsos e as fantasias podem dar origem à sublimação. (Magagnin, 1995)

Na obra de Klein, gostaríamos ainda de realçar a sua teoria sobre a clivagem entre o bom e o mau, pois nos contos tradicionais as personagens nunca são ambivalentes ou são totalmente boas ou totalmente más, indo ao encontro do objecto parcial reintrojectado, é como se a estrutura e as personagens dos contos fossem ao encontro da mente da criança pequena, e as histórias conseguissem acompanhar as diferentes fases do desenvolvimento infantil

O conto pode surgir como um meio para o estabelecimento da relação, assim como uma forma da criança experienciar com o herói todas as suas aventuras e desventuras, funcionando um pouco como a capacidade que Bion define como “rêverie”, ou até funcionando como projecção do mau objecto e a introjecção do bom objecto acabando por perceber o objecto total de Klein. Quando uma mãe conta um conto a um filho, ela está a proporcionar-lhe um estímulo externo, cheio de fantasia, emoções e angústias, permitindo à criança vivenciar e dar um sentido às suas próprias angústias por meio dessa história.

### *Winnicott*

Como forma de entender melhor esta função criadora do conto, recordemos Winnicott e a importância do brincar e da actividade criativa.

Para o autor, é impossível descrever o desenvolvimento emocional do humano apenas em termos de indivíduo, chamando-nos a atenção para a importância da qualidade do ambiente. Para ele não faz sentido falar de uma “realidade psíquica interna” se não houver o externo, que o constitua e o pautar.

Desta forma, confere um novo universo ao brincar: o da formação do eu e da adaptação à realidade.

Winnicott (1975) refere que “ é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar a sua personalidade na íntegra: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o seu Eu.

Para que a criança possa brincar é necessário ter criado o que ele chama de “ espaço de ilusão”, o qual é definido como uma área intermédia entre o mundo interno e o externo. Pressupõe-se para a criação deste espaço, o estabelecimento de uma relação de confiança entre o bebé e a figura materna.

A criação deste espaço de ilusão que permite à criança brincar, está directamente relacionada com a qualidade da relação: é essencial que a adaptação da mãe ao bebé seja bastante activa durante os primeiros tempos de vida, para que o bebé possa experimentá-la como suficientemente satisfatória, de forma a poder tolerar a experiência de frustração que a impossibilidade de uma adaptação “ perfeita” lhe vai causar. (porque ele e a mãe são seres diferentes).

A capacidade de tolerância a esta frustração tenderá a permitir que gradualmente a mãe e a criança se vão diferenciando. Assim, na medida em que a mãe vai sentindo essa possibilidade aumentada no bebé, isso vai-lhe permitindo tornar a sua adaptação cada vez menos activa, podendo o bebé evoluir para a diferenciação e mais tarde para a autonomia. Logo a relação mãe/bebé, assim como as próprias capacidades maternas são uma peça chave na criação do brincar / fantasiar.

O que nos leva a pensar que o acto de uma mãe contar um conto ao seu filho pode ser visto dentro desta lógica, isto é, por um lado este momento pode potenciar a relação de proximidade, e ao mesmo tempo o conteúdo do conto desperta a mente da criança e prepara-a para a percepção da diferenciação. Por outro lado, permite ainda à mãe transmitir à criança emoções e sentimentos que lhe são próximos, facilitando assim a adaptação da mãe ao bebé e deste à mãe. É como se a mãe escolhe-se histórias que

possuíssem algum significado dentro de si, significado este que dava a mãe a conhecer-se melhor ao seu filho.

Winnicott (1969, cit por Funck-Brentano, 2005 p.93) defende ainda que “ O potencial inato de uma criança só se pode transformar numa criança se for associado a cuidados maternos”. O autor sugere-nos desta forma que a relação mãe/criança é crucial em todo o desenvolvimento infantil.

Para o autor os cuidados maternos permitem prevenir as distorções precoces; o ego da mãe supre o ego da criança que ainda não está formado, fornecendo-lhe um ambiente favorável.

Nesta perspectiva o ambiente parece representar um papel fundamental na criação do espaço do mundo interno.

Para o autor a agressividade tem um papel importante no desenvolvimento, porque ela faz parte do ser humano e está presente antes da integração da personalidade e na sua origem o comportamento agressivo é quase sinónimo de actividade. A criança possui um potencial inato de motricidade e de agressividade, que varia consoante a criança. Ela tem necessidade de um objecto externo para satisfazer as suas pulsões que se fundiram e é desta forma que se consegue diferenciar do mundo exterior através da expressão instintiva e da actividade motora.

A segunda origem da agressividade tem a ver com a fase de dependência relativa, a consequência da frustração é o bebé odiar o objecto, e é este ódio ou agressividade que leva a criança à manifestação do desejo e à diferenciação do seu self em relação ao mundo exterior. A agressividade tem necessidade de um objecto para se exprimir, o que pressupõe a distinção entre o Ego e o Não Ego.

Defendendo ainda que a criança através da brincadeira dá escoamento ao ódio e à agressão, isto no sentido em que ela, conclui que os impulsos coléricos ou agressivos podem exprimir-se num meio conhecido, sem o retorno do ódio e da violência do meio.

Se a expressão da agressividade surge como uma etapa de desenvolvimento necessária, então o contacto com o conto pode surgir como um óptimo meio de vivenciar e elaborar essas emoções mais fortes. Uma vez que, a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem à criança imagens através das quais ela pode libertar as suas emoções mais agressivas vivenciando as aventuras das diversas personagens.

Os contos permitem à criança e ao adulto que certo material inconsciente, atinja a consciência e possa ser elaborado através da imaginação. Desta forma, o potencial da criança para fazer o mal a ela e aos outros fica reduzido, podendo certas forças serem canalizadas de forma positiva.

Existem pais que acreditam que a criança só deveria ter acesso ao belo e ao bom das coisas, mas a verdade é que para o adequado desenvolvimento elas precisam de ter acesso ao mundo em geral.

As crianças devem saber que existem pessoas boas e más, pois elas sentem impulsos agressivos que têm de ser entendidos com naturalidade, se os pais lhes dizem que as pessoas são todas boas, elas não vão entender e vão ver-se a si próprias como más.

Tal como nos diz Winnicott a criança adquire experiências quer internas, quer externas brincando. As crianças evoluem por intermédio das suas próprias brincadeiras e das invenções de brincadeiras feitas por outras crianças e adultos. A brincadeira é a prova evidente e constante da capacidade criadora, que quer dizer, vivência.

A brincadeira fornece uma organização para a iniciação da relação emocional e assim propicia o desenvolvimento de contactos sociais. Será que seguindo este raciocínio, pode-se pensar que ouvir um conto ou ler as imagens de um conto também poderá promover a relação emocional?

É o brincar que serve de elo de ligação entre a relação do indivíduo com a realidade interior e a relação do indivíduo com a realidade externa. É nas brincadeiras que a criança liga as ideias com a função corporal.

Tendo por base a perspectiva de Winnicott, em que o brincar surge como o grande impulsionador de todo o desenvolvimento da criança, parece pertinente fazer um paralelismo com as histórias tradicionais, uma vez que os contos tradicionais ensinam às crianças que através das ligações afectivas com outra pessoa atingimos a suprema segurança emocional e alcançamos relações permanentes de confiança, isto é, passam a ideia à criança que crescemos e nos desenvolvemos por meio de relações de confiança com outras pessoas, indo ao encontro do que nos sugere Winnicott.

Tal como Winnicott nos indica que as crianças devem conseguir criar este espaço de ilusão, devem crescer e aprender por meio da actividade criativa, da imaginação e da brincadeira, para Bettelheim é a literatura tradicional que alimenta a imaginação da criança e estimula a sua fantasia, contribuindo assim para a sua socialização.

Aqui os processos internos são exteriorizados e tornam-se compreensíveis porque são representados por personagens de histórias e das suas ocorrências.

Se a criança se desenvolve por meio do brincar quando encarna papéis diferentes, este processo também pode ser realizado quando está a ouvir uma história, pois quando ouve uma história também está a vivenciar as alegrias e angústias das personagens.

Interessámo-nos ainda pelos conceitos de “objectos transicionais” e “fenómenos transitivos” que Winnicott (1975) usou para designar a área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objecto, entre a actividade criativa primária e a projecção do que já foi introjectado, entre o desconhecimento primário de dúvida e o reconhecimento desta. (Sá, 2003)

O objecto transicional, não é um objecto interno (que é um conceito mental), é sim uma possessão. Também não é para o bebé, um objecto externo. Esse objecto é o prolongamento do bebé para o mundo externo, é algo externo a si, que puxa para si e leva-o consigo para todo o lado.

O objecto transicional jamais está sob controlo mágico como o objecto interno, nem tampouco fora de controlo, como a mãe real. (Winnicott, 1975)

O espaço transicional ou espaço potencial, é o espaço dos símbolos, enquanto o espaço interno é o das representações. (Sá, 2003)

O Jogo (o conto) cumpriria assim uma função decisiva na organização do Eu e na aprendizagem do princípio da realidade, tornando-se ao mesmo tempo agradável.

Mais uma vez o conto surge como espaço transaccional, como espaço de fantasia e criatividade e até como fonte de imagens que a criança pode usar para estruturar o seu pensamento e a sua afectividade.

Winnicott defende que durante a gravidez a mãe vai desenvolver uma capacidade de empatia, evoluindo para um estado particular ao que deu o nome de “Preocupação materna primária”. Desta forma a mãe consegue progressivamente atingir um nível de sensibilidade acrescida que dura as primeiras semanas que se seguem ao nascimento.

No início o ego da criança é ao mesmo tempo forte e fraco e a preocupação materna primária facilita o início da estruturação do Ego. (Funk-Brentano, 2005)

A mãe desempenha ainda uma função de espelho para a criança, uma vez que se trata da função de suporte que o Ego da mãe assegura junto do Ego da criança. A esta relação Winnicott dá o nome de “Relação ao Ego”

A experiência que a criança começa a viver irá repetir-se possuindo cada vez mais sentido, transitando progressivamente de uma dimensão simbólica para a sensação da realidade. Desta forma a criança passa da projecção à percepção. Aqui verifica-se o início do processo de separação do não-ego e do ego, processo que se estabelece segundo um ritmo variável, quer em função da criança, quer em função do ambiente, conduzindo sucessivamente à elaboração da ideia da pessoa da mãe.

O autor dá ainda uma grande importância ao “holding” – A forma como a criança é pega, a maneira como é tratada, manipulada, cuidada.

O Holding desempenha uma função de protecção contra todas as experiências angustiantes, sejam elas de natureza fisiológica, sensorial ou vivências psíquicas.

Neste sentido parece-nos pertinente acrescentar que a forma como a mãe conta a história ao seu filho, como lhe pega ao colo, a forma como lhe olha nos olhos, o sítio onde a conta, a hora em que a conta, o tom de voz, as expressões faciais, o tipo de história escolhida por ela, entre outros tantos factores, podem influenciar o desenvolvimento da criança.

### ***Bion***

Ao pensar e analisar o conto como um ponto de partida para esta troca de afectos, encontraram-se algumas respostas às presentes interrogações na teoria de Bion.

Na sua teoria sobre a relação continente-conteúdo, esta relação é operacionalizada como uma função mental, inicialmente desempenhada pela mãe, em relação aos conteúdos psíquicos por elaborar do bebé, transformando-os no seu interior e devolvendo-lhos pensáveis. (Sá, 2003), isto é, o bebé projecta no bom seio (continente) um (conteúdo) formado pelas sensações ou pelas emoções insuportáveis, a fim de os receber por sua vez desintoxicados e conseqüentemente mais suportáveis. Para Bion os pensamentos preexistem à capacidade de pensar e para enfrentar esses pensamentos tem de se desenvolver um aparelho de pensar.

O autor defende ainda a capacidade de “rêverie” da mãe isto é, a capacidade da mãe de transformar as angústias do bebé em elementos  $\alpha$ . Desencadeando desta forma mecanismos que tendem a modificar a frustração levando à formação de elementos  $\alpha$ . e consequentemente ao pensamento. Mais uma vez no modelo de Bion pode-se observar a importância da relação precoce, como precursora do acesso ao desejo de conhecer, porque permite a formação do aparelho de pensar do bebé. Torna-se desta forma essencial desde o primeiro momento do desenvolvimento, a educação para o optimismo e para a criatividade, as quais despertem o desejo de conhecer e de significar os afectos para que estes se tornem conhecidos.

A conversão, pela função  $\alpha$ ., da totalidade da experiência emocional torna-se um símbolo passível de ser assimilável pela mente da criança. É como se toda a experiência precisasse de ser processada, passando a lidar com experiências emocionais e não com objectos reais. Os elementos  $\beta$  coisas em si não estão em condição de serem pensadas, para tal têm de ser transformados em  $\alpha$ , desta forma a mente já é capaz de transformar a emoção em pensamento. Isto é, é desta função “rêverie”, ou seja desta “relação amorosa” que resulta o desenvolvimento da mente da criança. Quando Bion teoriza esta relação ele está a falar-nos de sentimentos, da capacidade de numa situação dolorosa a criança ser capaz por meio da mãe, de a partir de um pensamento, elaborar outro pensamento e assim sucessivamente até o seu poder criativo. Mais uma vez verifica-se a necessidade do outro e da relação no desenvolvimento da mente da criança. O objecto primeiro da relação é imprescindível que se torne um continente capaz de receber todas as angústias da criança e atribuir-lhe um significado (Santos, 2006). Para Bion (1989 cit por Santos, 2006) o psiquismo é uma realidade imaginária e o seu papel é essencial para o crescimento mental. A imaginação é o sítio onde as ideias estão ligadas entre si por forças associativas que nos permitem por antecipação perceber o que vai acontecer em situações similares. Referenciando ainda Meltezer quando nos diz que o sonho é o lugar onde se gera o pensamento. Isto é, tudo é sonho, porque tudo é imaginário. (Sá, 2003)

E nós acrescentamos, o que é um conto se não uma forma de sonhar?

Para Bion (1979) a simbolização é um processo essencial para o desenvolvimento da emoção e do sentimento, ou seja, de toda a afectividade, visto que, é um facilitador da ligação, da comunicação e do desenvolvimento da linguagem, como forma privilegiada de relação com os outros, logo connosco mesmos. O crescimento surge quando se passa do real para o imaginário e deste para o simbólico. Este processo necessita de uma

capacidade de transformação das coisas-em-si em algo psíquico, apto a ser pensado, assimilado e guardado como coisa significada que vai evoluindo, de forma, progressiva, criando no sujeito estruturas cada vez mais complexas, mais criativas e com o melhor potencial adaptativo. (Santos, 2006)

No modelo de Bion, fica bem claro a importância da mãe no desenvolvimento do bebê, pelo que a evolução da criança depende essencialmente da capacidade da mãe para entender e elaborar as suas angústias.

Citando Sá (2003, p.149) “ A verdade vem dos lugares do sonho. Por isso, vem de dentro, do modo como organizamos a certeza absoluta do amor dos nossos pais por nós, como acto de fé no pensamento, como ponto fixo que nos guarda o universo mental; nós precisamos dessa certeza para podermos ter dúvidas...Só porque podemos duvidar, podemos sonhar, isto é, a fé organiza a rêverie como função mental (associada à noção de fantasia) e o pensamento. A verdade não é só o que sentimos que é verdade, é o que vemos como verdade nos olhos dos outros.”

Se o mundo do sonho e o mundo do conto são tão similares, como temos visto, então por meio do conto a criança atreve-se a viver afectos sem a nítida consciência de os estar a viver, afectos que a podem aproximar desta certeza do amor dos pais.

Pegando nos conceitos de Bion, pode-se entender a importância do conto, como forma de “rêverie”, ou seja, quando uma mãe lê um conto a uma criança pequena, ela está a fornecer-lhe uma forma da criança elaborar as suas angústias, já que o conto pode ser um meio, um instrumento para auxiliar a criança a transformar os seus elementos  $\beta$  em elementos  $\alpha$ , e ainda a organizar a sua forma de pensar.

Isto porque segundo Bettelheim a forma e estrutura dos contos sugerem à criança imagens através das quais ela pode estruturar os seus receios, medos e desejos e com isso orientar melhor a sua vida.

Os contos permitem à criança e ao adulto que certo material inconsciente, atinja a consciência e possa ser elaborado através da imaginação.

### **Objectivos**

O presente estudo tem por objectivo principal averiguar se existe relação entre os modelos de vinculação utilizados por pais de crianças em idade pré-escolar e o tipo de histórias contadas aos seus filhos, assim como o entendimento que têm delas.

As histórias são o produto da fantasia e a fantasia acaba por ser o “motor” da vida mental.

### **Questões de Investigação**

- 1) Os modelos de vinculação influenciam o tipo de histórias que os pais contam aos filhos e o entendimento que têm delas.
- 2) Existe relação entre os modelos de vinculação usados pelos pais na idade adulta e as práticas educativas exercidas pelos seus pais durante a infância e adolescência.
- 3) Características como a idade, o sexo, o estado civil entre outras, influenciam os modelos de vinculação, as práticas educativas e o tipo de histórias contadas aos filhos

### **Delineamento**

Trata-se de um estudo de carácter exploratório, descritivo e transversal composto por uma análise descritiva.

Chegados a este ponto pensou-se: se as histórias têm este efeito elaborativo, sendo o conto uma síntese das metáforas produzidas pela mente. Existindo a função fantasia, em que se as histórias são o produto da fantasia e se, como nos diz Bion a identificação projectiva tem uma função comunicativa, então até que ponto as histórias que utilizamos representam no essencial um perfil da vinculação do próprio. Neste sentido fomos pegar num conjunto de histórias tradicionais - tradicionais, porque irão resumir no essencial enredos relacionados com fantasias e fantasmas - se ligam com o tipo de vinculação desenvolvido da fase adulta.

De forma a perceber se todos os pais escolhem as mesmas histórias pelas mesmas razões, ou se cada pessoa faz a sua escolha com base neste perfil de vinculação.

Tornou-se crucial, averiguar os diferentes modelos de vinculação existentes, ou seja, a forma como cada pessoa se entende a si e se relaciona com o outro. De forma a poder estabelecer pontos de contacto entre as histórias escolhidas e a própria história da pessoa.

Por fim, como forma de enriquecer o presente estudo, pareceu-nos pertinente perceber a relação existente entre as memórias de infância dos participantes do estudo e os modelos de vinculação desenvolvidos, isto é, foi-se recolher informação sobre a forma como os pais se relacionaram com os sujeitos na sua infância para se tentar perceber a razão do surgimento dos diferentes modelos de vinculação.

Pelo que passamos de seguida a sintetizar algumas ideias-chave da Teoria da Vinculação que nos ajudam a entender melhor esta possibilidade.

## VINCULAÇÃO

A Vinculação influencia o desenvolvimento da criança ao nível da construção da sua própria imagem e da imagem do mundo, a regulação das emoções e o desenvolvimento de competências linguísticas e cognitivas em tarefas de resolução de problemas.( Soares, Martins & Tereno, 2007)

### **Vinculação e Qualidade dos Cuidados Parentais:**

#### *Acessibilidade, Responsividade e Regulação das emoções*

Ao abordar a Teoria da Vinculação, percebe-se que vários estudos têm demonstrado que a segurança na vinculação está relacionada a uma prestação de cuidados sensíveis ( bakerman-Kranenburg e tal., 2003; deWolff, & Van Ijzendoorn, Juffer, & Duyvesteyn, 1995 cit por Soares, Martins & Tereno, 2007). Desta forma a vinculação segura parece desenvolve-se num ambiente relacional em que o cuidador reconhece os sinais e comunicações do bebé, respondendo-lhe adequadamente, ao passo que modula eficazmente a activação emocional negativa (tal como acontece durante o conto), uma vez que ela ainda não o consegue fazer sozinha.

Segundo Schneider-Rosen (1990 cit por Soares, 2001) o objectivo da criança é sentir-se segura e não apenas manter a proximidade. Acrescenta ainda que numa vinculação segura existe a capacidade de negociar e de regular a proximidade, de tal forma que ambos os membros sintam liberdade e autonomia, ao mesmo tempo que tenham a certeza da disponibilidade do outro em caso de necessidade. Se as histórias preparam os

mais pequenos para os problemas inerentes aos seres humanos, ajudam-nos a identificarem e lidar melhor com as suas emoções e a reconhecerem as emoções dos outros, logo capacita-os para uma maior autonomia e sentimento de segurança.

A criança pode usar a mãe como uma base segura e explorar o meio, mas sempre que ela vivencie algo ameaçador, o seu sistema de vinculação aumenta passando o restabelecimento da proximidade a ser o objectivo principal da criança. Aqui a figura de vinculação pode estar acessível às solicitações da criança proporcionando-lhe segurança ou por outro lado pode ser sentida como inacessível, gerando ansiedade (Soares, 2001)

Se por meio do contacto com o conto a criança se torna emocionalmente mais capaz. Ela irá ter menos necessidade de procurar a mãe quando se sente ameaçada, pois ao ter um melhor entendimento de si e do outro, ela irá realizar menos avaliações ameaçadoras, pois certas situações já serão por si conhecidas e vivenciadas por meio da imaginação e da fantasia. Ao procurar com menor frequência a protecção da figura de vinculação, torna-se mais autónoma, mas também deixa a mãe mais disponível para si própria, logo favorece a sua acessibilidade e responsividade nos momentos realmente importantes.

Segundo a perspectiva desenvolvimental, o sentimento de segurança, é formado em vivências repetidas em que o medo e a ansiedade foram aliviados de uma forma adequada pela figura de vinculação, levando a criança a regressar à exploração do meio. Assim, a figura de vinculação funcionou como uma base segura, uma vez que a ajudou a superar o medo e a ansiedade, mas também lhe proporcionou a segurança necessária para a criança retomar as explorações do meio. Assim, sendo o sentimento de segurança decorre deste processo de regulação mútua. É nesta regulação mútua que o conto pode ter um papel fundamental. Estas experiências promovem uma vinculação segura, isto é, “uma organização interna constituída por conhecimentos e expectativas positivas relativas à disponibilidade e responsividade da figura de vinculação e ao self como merecedor de atenção e de afecto e como competente para se confrontar com o mundo “ (Soares, 2001, pp.85)

Se por outro lado a criança possuir experiências desfavoráveis ou adversas aquando da activação do sistema de vinculação, irá constituir uma vinculação insegura ou ansiosa. O que nos faz pensar que quando a relação pai/filho é uma relação constituída por histórias verifica-se uma tendência para desenvolverem uma vinculação segura.

### ***Vinculação e Emoções***

Outro termo central para a nossa investigação, é a regulação emocional. Associada à forma como regulamos as nossas emoções mais negativas, ou seja, como as elaboramos, surge a nossa ideia fulcral das histórias infantis. Será que a projecção de fantasias e fantasmas nos contos auxilia a regulação das emoções? Explicando o porque de umas pessoas elaborarem melhor as suas emoções do que outras?

No dia-a-dia do bebé ele vai experimentando vários momentos de grande activação emocional, uns com grandes tonalidades afectivas, outros com menores tonalidades. Quando surgem afectos negativos tais como o medo ou a raiva, afectos estes que a criança ainda não consegue regular autonomamente, ela conta com a ajuda das figuras parentais para modularem estas emoções. Emoções que podem ser moduladas por meio da fantasia, da imaginação e da criatividade. Para Ferro (1995), o conto funciona como uma mãe capaz de tornar-se permeável aos medos da criança e devolve-los menos angustiantes. Desta forma, as personagens dos contos auxiliam os mais pequenos no caminho da auto-regulação. Pois nesse momento a criança encontra-se de certa forma sozinha frente às solicitações da história e é desta forma com a mãe a uma certa distância que ela vai dar solução às suas inquietações.

Nesta linha, os diferentes padrões de vinculação podem ser associados às diferentes formas de regulação emocional. Mikulincer e tal. (2003 cit por Carvalho, Martins, Neves & Soares, 2007) refere a procura da proximidade como a estratégia primária, depois a responsividade sensível da figura parental conduz à manutenção e à complexidade dessa estratégia, ou por outro lado se a responsividade da figura que lhe presta os cuidados não for adequada, o bebé começa a desenvolver estratégias secundárias. Neste sentido os bebés classificados como seguros à mãe e ao pai, apresentavam maior probabilidade de utilizar estratégias de pedido de ajuda. Por outro lado a vinculação insegura está associada as estratégias secundárias de regulação emocional. O conto poderá funcionar ao nível da responsividade sensível da figura de vinculação, impedindo o bebé de colocar em marcha as estratégias secundárias, favorecendo desta forma a vinculação segura.

### **Vinculação e Cuidados Parentais**

Tendo em conta a importância da sensibilidade do prestador de cuidados, aprofunda-se a relevância dada aos cuidados parentais.

Em termos conceptuais verifica-se uma proximidade entre o comportamento de prestação de cuidados parentais e o comportamento de vinculação.

Nos trabalhos de 1969/1982 Bowlby reconhece que prestou pouca atenção à prestação de cuidados maternos, admitindo que o comportamento parental é influenciado por bases biológicas e pela aprendizagem, assim como pelas experiências de vinculação das próprias figuras parentais. (Soares, 2001)

Bowlby (1988) considerou o caregiving, isto é, o conjunto dos comportamentos parentais que comportam tanto os cuidados físicos como os afectivos prestados à criança, numa perspectiva biológica, em certa medida programado, como o comportamento de vinculação. Assim, existe uma tendência para cuidar e proteger as crianças, sem dúvida sustentadas por mecanismos biológicos, mas com diferenças individuais, ligadas à aprendizagem e à história. ( Rabouam & Moralès-Huet, 2004)

Cassidy (1999 cit por Rabouam & Moralès-Huet, 2004), propõe que se utilize a designação Caregiving system, introduzida provavelmente por Solomon e George, para descrever os comportamentos parentais que visam promover a proximidade e o reconforto quando percebem que a criança se sente em perigo. Isto implica diferentes comportamentos tais como, aproximar-se, chamar, abraçar, segurar, seguir, consolar, embalar. (Rabouam & Moralès-Huet, 2004)

Nesta leitura o conto seria como que o arrumar da casa num espaço de confusão de sentimentos. Neste sentido o conto torna-se numa peça chave ao nível dos cuidados parentais, logo não favorecem só o sistema de vinculação, mas também o caregiving.

Segundo Barros (1995) o conto desempenha um papel fundamental no desenvolvimento psíquico dos mais pequenos, surgindo como um suporte ao seu crescimento, indicando-lhes os caminhos possíveis na aventura de crescer e oferecendo-lhes soluções e leituras para os seus problemas interiores.

### ***Definição do Sistema de Caregiving***

O sistema de Caregiving é activado pelos sinais internos e externos associados às situações que o progenitor percebe como perigosas ou stressantes (tal como acontece no sistema de vinculação).

A função da mãe é cuidar da criança no sentido em que ela se torne independente e autónoma, logo, verifica-se um decréscimo de intensidade da protecção à medida que a criança vai crescendo. O contacto com a imaginação e a fantasia vão potenciar esse crescimento, a criança vai sentindo-se cada vez mais capaz e autónoma, ao ver que existem personagens que sentem o mesmo que ela e que possuem capacidade para tal como ela enfrentar e superar os seus conflitos. A fantasia possui como função a adaptação à realidade elaborando e organizando os conteúdos emocionais (Magagnin, 1995). O crescimento da vida mental das crianças inclui a capacidade para identificar o limiar entre o real e a fantasia. Limiar este que o conto pelas suas características próprias diferencia muito bem. O envolvimento elevado e próximo do bebé vai dando lugar a uma supervisão à distância, em função das necessidades de apoio, mas também de autonomia. Por fim esta protecção fornecida pela mãe transforma-se numa capacidade de auto-protecção da criança. Capacidade de auto-protecção que como já foi referido pode ser fortalecida e acelerada por intermédio do contacto com as histórias infantis.

Esta abordagem traz uma mudança no sentido em que se transfere do foco ser protegido – objectivo da criança, para o foco proporcionar protecção – objectivo da figura parental. (Soares, 2001) Será que os pais têm noção deste sistema e escolhem histórias com base na promoção da protecção dos seus filhos?

Para Greenberg & Speltz (1988), “a sensibilidade dos pais aos sinais do seu bebé tem de evoluir para uma capacidade de conciliar os seus objectivos e os seus planos com os do seu filho mais crescido, tendo em conta os seus desejos e os seus afectos, o que irá aumentar a sua confiança neles, e o irá apoiar na construção com eles de uma « parceria corrigida quanto ao objectivo». Alguns comportamentos de cuidados são quase automáticos mas, quanto mais o filho cresce, mais difícil se torna os pais adaptar-se a ele, como acontece na adolescência, porque o desejo dos pais de proteger entra em conflito com os desejos de autonomia dos filhos. (Rabouam & Moralès-Huet, 2004)

A regulação deste sistema, é feito à semelhança do sistema de vinculação. Isto é, sinais internos ou externos percebidos como ameaçadores ou perigosos para a criança irão activar o sistema de cuidados. Desta forma a figura parental pode manifestar um conjunto de comportamentos com o objectivo de assegurar a protecção da criança. A sua desactivação processa-se mediante a proximidade física ou psicológica da criança, assim como pelos seus sinais de conforto, satisfação e contentamento. (Soares, 2001)

### **Transmissão Intergeracional** **-Modelos Operativos Internos-**

Como já foi referido anteriormente como forma de enriquecer a presente investigação, procurou-se perceber a relação existente entre as memórias de infância dos sujeitos da nossa amostra e o modelo de vinculação desenvolvido na fase adulta.

Chegando desta forma a outro ponto importante da revisão da literatura, que é o conceito de Transmissão Intergeracional.

Por vezes as nossas novas relações continuam a sofrer influências dos laços relacionais passados. Não nos conseguimos adaptar às novas relações e continuamos a reagir da forma como reagíamos perante as primeiras figuras de vinculação. A este fenómeno dá-se o nome de “ Transmissão Intergeracional”.

De forma a entender melhor o processo em que se estabelece esta transmissão, passa-se brevemente a sintetizar o funcionamento dos Modelos Operativos Internos.

Através das trocas com as pessoas que a rodeiam, a criança desenvolve modelos de relação, que uma vez postos em acção a ajudam a compreender e interpretar o comportamento dos que lhe são próximos, isto é, ao longo do desenvolvimento as crianças constroem modelos representativos da realidade, dos objectos, das pessoas, de si próprios e das relações. A partir das experiências reais de interacção a criança constrói um modelo interno da relação de vinculação, constituído por expectativas, crenças e emoções complementarias acerca da disponibilidade e acessibilidade da figura de vinculação e da capacidade de si próprio para promover a protecção e o afecto. (López, 1985) A função destes modelos é prever a reacção dos outros (Liljkovitch, 2004) assim como a influência do seu comportamento na reacção dos outros (López e cols, 2000), influenciando o seu comportamento nas relações com as figuras de vinculação. Em simultâneo a criança desenvolve um modelo de si e um modelo do outro. O modelo de si corresponde a uma imagem de si como sendo mais ou menos merecedor de ser amado, enquanto, o modelo do outro diz respeito à sua percepção dos outros como estando mais ou menos atentos e sensíveis às suas necessidades. Se por meio do conto a criança projecta as suas emoções em personagens que sentem o mesmo que ela, alcançando sempre a resolução dos seus conflitos internos no fim da história, então a criança vai acreditar que ela também é capaz de superar as suas dificuldades sentindo-se merecedora do amor e atenção dos outros. Por outro lado a figura de vinculação usa o conto como forma de regular as emoções do seu filho, logo apresenta-

se como mais sensível e atenta às solicitações da criança. Mesmo que por factores internos a mãe possa não se encontrar disponível às solicitações do seu filho, ao usar o conto, ela vai estar a dar resposta às inquietações da criança, sem ter a consciência do estar a fazer. Assegurando-lhe uma certa uniformização e indo ao encontro das suas expectativas. Após o desenvolvimento do modelo operativo interno, a criança vai usa-lo como um filtro para perceber os acontecimentos.

Se partirmos do princípio que a figura de vinculação também integra as experiências pessoais com a criança no seu modelo mental de relações íntimas, formado a partir das suas relações com a família de origem (Fonagy, 1999 cit por Soares, Martins & Tereno 2007), logo, a sua forma de se relacionar e interagir com a criança é em parte fruto da sua própria história com a sua figura de vinculação. “ Presume-se que a associação entre a vinculação da criança e a do progenitor seja mediada pela qualidade parental, na medida em que a representação mental de vinculação do progenitor modela a parentalidade.” (Soares, Martins & Tereno 2007 p.88). Desta forma, pode-se concluir que a qualidade dos laços afectivos entre a criança e o seu progenitor é transmitida transgeracionalmente (George & Solomon, 1999 cit por Soares, Martins & Tereno 2007). Contudo, esta transmissão pode sofrer alterações devido ao contexto ou à reciprocidade dos filhos às práticas parentais. (Belsky, 2007 cit por Soares, Martins & Tereno 2007).

Main e cols (1985) foram os primeiros a interessar-se pelo tema da transgeracionalidade da vinculação, aqui eles constataram que a organização da narrativa da figura parental estava relacionada com a qualidade da vinculação do seu filho.

Assim, Van Ijzendoorn (1995 cit por Soares, Martins & Tereno 2007) verificou que a relação entre a vinculação dos adultos e das crianças é significativa com a vinculação do progenitor. Percebeu-se ainda que, a associação transgeracional da vinculação era mais forte para a mãe do que para o pai.

Em Portugal, evidencia-se a pesquisa de Soares (1996a), onde é comparada a qualidade da representação da vinculação em mães e filhos adolescentes, posteriormente a investigação de Jongenelen (2004) num grupo de mães adolescentes e seus bebés, seguindo-se o estudo de Carvalho (2007) que inclui as avós destes bebés adolescentes.

Em forma de síntese, os resultados da meta-análise de Van Ijzendoorn (1995), e dos estudos atrás apresentados, conclui-se a presença de uma concordância, maior ou menor, na qualidade da vinculação das figuras parentais com as dos seus filhos, embora,

esta concordância não seja absoluta pelo que não se pode dizer que a transmissão intergeracional da vinculação é um processo inevitável.

Nesta linha realizaram-se ainda estudos que testam a hereditariedade da vinculação, a grande maioria deles conclui que não se constata uma relação hereditária significativa na vinculação, aparecendo o factor ambiental e relacional como os mais importantes.

Desta forma a responsividade sensível das figuras parentais aparece como o factor mais determinante na constituição da vinculação. Teoricamente defende-se que as práticas sensíveis e responsivas predizem uma vinculação segura nas crianças, ao passo que, cuidados severos, intrusivos, não responsivos ou inconsistentemente responsivos desenvolvem vinculações inseguras.

Em forma de conclusão pode-se afirmar que a investigação empírica tem evidenciado que a segurança na vinculação é, tendencialmente transmitida de geração em geração em contextos que não exijam uma nova adaptação por parte do sujeito.

Em forma de conclusão, pode-se acrescentar que os cuidados parentais, a resposta sensível e a regulação das emoções, surgem como promotores da vinculação segura. Desta forma a história como espaço de transformação, de crescimento e de diferenciação, oferece-se à criança como uma forma de “digerir” os conteúdos impensáveis, podendo desta forma tornarem-se possíveis de serem pensados, se as histórias possuem esta capacidade de rêverie, então são um cuidado parental sensível. Por outro lado aumentam ainda a sensibilidade materna, tornando a mãe mais disponível para as investidas do filho, uma vez que através da regulação das emoções, a criança resolve por meio da identificação projectiva com as personagens das histórias as suas angústias, realizando menos solicitações à mãe, uma vez que realiza menos avaliações de ameaça, já que tem acesso a inúmeras emoções e sentimentos, face a ela e aos outros. O contacto com o conto, aumenta a capacidade para conhecer-se a si e aos outros, desenvolve ainda a capacidade para se colocar no lugar dos outros e ver o ponto de vista dos outros. A história não só favorece o laço de vinculação, como funciona ainda como uma resposta sensível e célere que promove a capacidade de auto-protecção e auto-regulação, podendo funcionar como um bom preditor do desenvolvimento de uma vinculação segura, sendo um aliado de todo o sistema de vinculação.

## Método

### Participantes

O presente estudo incidiu sobre uma população constituída por sujeitos adultos de ambos os sexos, pais de crianças em idade pré-escolar e residentes no concelho de Estremoz.

A amostra em questão foi recolhida por conveniência em vários Jardins-de-infância da rede pública e privado do concelho de Estremoz.

Sendo constituída por 70 participantes com idades compreendidas entre os 22 e os 55, cuja média etária perfaz os 35 anos.

As variáveis operacionalizadas para a caracterização da amostra foram as seguintes:

- Idade dos pais, Sexo dos pais, Estado civil, Situação profissional, Escolaridade, Nº de filhos, Idade do filho e Sexo do filho.

Não houve qualquer critério de exclusão da amostra pretendendo-se apenas pais de crianças em idade pré-escolar.

### Caracterização da amostra

Quadro 1: Idade dos sujeitos da amostra

N	M	Máx	Min	Dp
70	35,29	55	22	5,50

Os sujeitos da amostra possuem idades compreendidas **entre os 22 e os 55 anos**, apresentando uma média de 35, 29.

Quadro 2: Nº de Filhos

N	M	Máx	Min	DP
70	1,59	6	1	0,86

Os sujeitos da amostra possuem **1 a 6 filhos**, evidenciando-se uma média de 1,59

Quadro 3: Idade dos Filhos

N	M	Máx	Min	Dp
70	4,59	7	3	0,97

Os sujeitos da amostra possuem filhos com idades compreendidas **entre os 3 e os 7 anos**, perfazendo uma média de 4,59

Relativamente à idade dos pais, criaram-se 2 grupos, de forma a perceber-se se gerações diferentes, fantasiam de forma diferente. Do primeiro constam os sujeitos com idades compreendidas entre os 20 e os 40 anos e do segundo os que possuem uma idade entre os 40 e os 60 anos de idade. Procedeu-se de igual modo para a idade dos filhos, também com o objectivo de perceber se idades diferentes fantasiam de forma diferente. Obtendo-se 3 grupos diferentes, no primeiro constam os filhos com idades inferiores ou igual a 3 anos, no segundo os 4 e 5 anos e por fim os maiores de 5 anos de idade.

Por sua vez o N° de Filhos também foi dividido em sujeitos que possuem apenas um filho e sujeitos que possuem mais de um.

Sem ter o objectivo de realizar um estudo sistemático, mas sim um estudo qualitativo, procedeu-se da seguinte forma:

No que diz respeito ao sexo quer dos pais quer dos filhos foram colocados todos os sujeitos de sexo feminino no grupo 1 ao passo que os masculinos preencheram o grupo 2.

Relativamente ao estado civil foram incluídos na amostra todos os sujeitos casados ou em união de facto no grupo 1 e os solteiros, divorciados ou separados e viúvos no grupo 2.

No caso do nível de escolaridade foram formados apenas 4 grupos, incluindo no primeiro grupo todos os sujeitos que possuem o 6º ano ou menos, no segundo grupo os sujeitos que se enquadram entre o 6º ano e o 9º, no terceiro grupo os que se enquadram entre o 9º e o 12º ano e por fim no quarto grupo os sujeitos que se encontram entre o 12º ano e o ensino superior.

Respeitante à situação profissional, formaram-se 2 grupos, o primeiro constituído por sujeitos que desempenham uma actividade profissional, sendo denominado por activa e o segundo grupo pelos sujeitos que não desempenham qualquer actividade sendo designados por inactiva.

Quadro 4: os sujeitos da amostra distribuem-se da seguinte forma

Amostra	Sujeitos	N	%
Sexo	Feminino	50	71,4
	Masculino	20	28,6
Idade dos Pais	20-40	36	51,4
	40-60	34	48,6
Estado Civil	Casado/UF	61	87,1
	Div/viu/Sol	9	12,9
Escolaridade	Até 6º Ano	10	14,3
	Até 9º Ano	20	28,6
	Até 12º Ano	27	38,6
	Licenciatura	13	18,6
Situação Profissional	Activa	64	91,4
	Inactiva	6	8,6
Nº de Filhos	Apenas Um	39	55,7
	Mais de Um	31	44,3
Sexo dos Filhos	Feminino	41	58,6
	Masculino	29	41
Idade dos Filhos	≤ 3	12	17,1
	4/5	48	68,6
	>5	10	14,3

Com base no quadro acima apresentado, pode-se observar que a amostra em estudo é maioritariamente constituída por sujeitos entre os 20 e os 40 anos (51%) do sexo feminino (71,4%), sobretudo com apenas um filho (55,7%), também maioritariamente do sexo feminino (58,6%), e numa faixa etária dos 4/5 anos (68,6%), encontrando-se casados ou em união de facto (87,1%), com estudos compreendidos entre o 9º e o 12º ano (38,6) e que desempenham um actividade profissional (58,6%).

## Material

De forma a averiguar se existe relação entre os modelos de vinculação, as práticas educativas e o tipo de histórias contadas aos filhos em idade pré-escolar, optaram-se pelos seguintes instrumentos:

1º Questionário de caracterização da amostra, onde se recolheram as variáveis demográficas.

2º Escala de Vinculação do Adulto, EVA – Avalia dimensões de vinculação

3º Inventory for Assessing Memories, EMBU – Avalia as práticas educativas

4º Questionário sobre histórias infantis – recolha das preferências de pais e filhos

A razão da escolha destes instrumentos, para além das suas características de administração fácil e célere, prende-se ainda com o facto de se encontrarem adaptados e aferidos para a população portuguesa.

### **Escala de Avaliação da Vinculação do Adulto - EVA**

A Escala de Vinculação do Adulto (EVA), é a versão portuguesa (Canavarro, 1999) da “Adult Attachment Scale”, construída por Collins e Read.

Trata-se de uma escala de Likert de 5 pontos, para se obter a pontuação nas 3 dimensões deve-se cotar os itens de 1 a 5, após esta cotação efectua-se a soma do conjunto de itens que compõe cada dimensão, dividindo a pontuação obtida pelo número de itens.

O instrumento avalia as relações afectivas do adulto com os pares e identifica 3 padrões de vinculação ou dimensões, designadas desde a concepção da escala por:

- Vinculação segura (Conforto com a proximidade) – sente-se confortável com a proximidade, é capaz de confiar nos outros e não sente especial receio de ser abandonado.

Caracterizada pelo “facto de as relações estabelecidas com parceiros ocorrerem facilmente. Estas são percebidas como respondendo às necessidades do próprio, quando necessário, proporcionando, desta forma, sensações de segurança e bem-estar” (Canavarro, 2006)

- Vinculação Ansiosa (Ansiedade)- não se sente confortável com a proximidade, não confia nos outros e sente um grande receio com a possibilidade de ser abandonado.

Caracterizada pelo “desejo de manter os parceiros próximos, existindo hipervigilância a aspectos ligados à separação. A presença e disponibilidade dos parceiros é percebida como incerta” (Canavarro, 2006)

- Vinculação Evitante (Confiança nos outros)- não se sente confortável com a proximidade, não confia nos outros e não sente receio especial em ser abandonada.

Caracterizada por “estratégias de diminuição da importância da relação. Os parceiros são percebidos como fontes indutoras de stress e alvos de desconfiança” (Canavarro, 2006)

### **Inventory for Assessing Memories – EMBU**

O EMBU é um instrumento que avalia as memórias que os adultos possuem das práticas educativas ocorridas durante a sua infância e adolescência.

No presente estudo foi usado a versão portuguesa da EMBU (Canavarro, 1999) designada por Memórias de Infância e avalia a frequência das práticas educativas de cada um dos pais, em separado, durante a infância e adolescência

É actualmente um dos questionários mais referidos na literatura, de entre os instrumentos usados na avaliação das memórias que os adultos possuem das práticas educativas da sua infância e adolescência, sendo esta uma das razões que levou à sua escolha.

O instrumento debate-se com o papel desempenhado pelo ambiente educativo e afectivo, no desenvolvimento do indivíduo no seio da sua família de origem

A versão original da EMBU (C.Perris, e tal.1994), que tinha como língua o sueco, foi posteriormente adaptada por Arrindell e tal. (1994), desenvolvendo-se então a forma abreviada adaptada por Canavarro (1999)

A versão portuguesa desta escala (Canavarro, 1999), Memórias de Infância, tem 23 itens e analisa 3 dimensões: Suporte Emocional, Rejeição e Sobreprotecção e constitui uma versão abreviada do Inventário original (Perris e tal., 1980) que mede a frequência de determinadas práticas educativas, em relação ao pai e à mãe, separadamente com um total de 81 itens.

Na análise do instrumento é usada uma escala tipo Likert, de quatro pontos, que vai desde “Não, nunca “(1), até “sim, a maior parte do tempo” (4)

As 3 dimensões avaliadas são:

Suporte Emocional – É caracterizado pelo conjunto de comportamentos dos pais em relação ao seu filho, que permitem que ele se sinta cómodo na presença daqueles e que lhe confirmem a ideia de que é aprovado por eles, como pessoa individual. “ Esta dimensão é o somatório de comportamentos dos pais em relação aos filhos, tais como aprovação, encorajamento, ajuda, compensação, expressão verbal e física de amor e carinho” (Canavarro, 1999)

Rejeição – É caracterizada pelo conjunto de comportamentos dos pais que conduzem a alteração da vontade do seu filho e que são por ele percebidos como uma rejeição de si próprio como individuo. É avaliado a “frequência dos comportamentos dos pais como castigos físicos, privação de objectos ou privilégios ou aplicação directa da força, com o objectivo de influenciar o comportamento do filho, falta de consideração pelo ponto de vista do filho e das suas necessidades” (Canavarro, 1999)

Sobreprotecção – É constituída pelo “ comportamento dos pais que se caracteriza por protecção (excessiva), experiencia indutoras de stress e adversidades, um elevado grau de intrusão e tentativa de conhecer todas as actividades dos filhos e elevados padrões de

realização em determinadas áreas, como por exemplo a imposição de regras rígidas às quais é exigida estrita obediência” (Canavarro, 1999)

### **Questionário de Histórias Infantis**

Ao longo do presente estudo sentiu-se a necessidade de criar um instrumento que realize-se uma recolha e sistematização das histórias que os pais contam aos seus filhos com maior incidência. A certa altura com o intuito de aprofundar um pouco mais o tema e enriquecer o estudo acrescentou-se uma 2ª parte ao instrumento, em que se tentou realizar um questionário que avaliasse o conhecimento e entendimento que os pais tinham das histórias. Desta forma, o instrumento final ficou composto por 2 partes. Uma I Parte onde se realiza uma análise qualitativa da listagem das histórias escolhidas e uma II Parte que se subdivide em 2 análises diferentes. Uma análise por História e uma análise por Categoria.

Relativamente à cotação da 2ª parte, atribui-se um valor positivo a cada resposta interpretada como correcta, podendo variar entre 0 e 4. (O questionário em questão, assim como todos os seus dados encontram-se em anexo)

### **Procedimento**

1-Procedeu-se ao levantamento das histórias tradicionais contadas com maior frequência a crianças de idades compreendidas entre os 0 e os 6 anos, por meio de um inquerido administrado aos pais. Onde se pedia apenas que escolhessem as 10 histórias que costumam contar aos seus filhos. Estes inquéritos foram realizados em vários Jardins-de-infância do concelho de Estremoz.

2- Averiguou-se quais eram as 10 histórias que surgiam com maior frequência e fez-se uma análise analítica exaustiva das 10.

3- Consoante os conteúdos temáticos de cada uma agruparam-se 2 a 2. Onde ficámos apenas com 5 histórias que reenviavam para conteúdos diferentes.

4- Da análise geral das 5 histórias foram descritos vários descritores principais de forma a elaborar várias questões fechadas que reenviavam para esses conteúdos.

5- Realizou-se um questionário com base nessas questões, o qual foi inicialmente administrado a 20 pais do concelho de Estremoz e da grande Lisboa, com filhos com idades compreendidas entre os 0 e os 6 anos, de forma a realizar um estudo prévio, para tentar criar critérios de exclusão para fazer esta síntese de resultados.

6- De seguida analisou os resultados do estudo prévio e procedeu-se à recolha da amostra.

7- A amostra foi recolhida junto de pais de crianças em idade pré-escolar do concelho de Estremoz.

8- Os instrumentos foram deixados em vários jardins-de-infância (rede pública e privada) do concelho de Estremoz, contando-se com a colaboração das respectivas educadoras de infância, as quais receberam um esclarecimento prévio face ao adequado preenchimento dos mesmos.

9- Os pais receberam os questionários no JI, onde posteriormente os devolverão. (auto-preenchimento)

10- Após recepcionados os questionários preenchidos, procedeu-se ao tratamento dos dados, usando-se o tratamento estatístico da informação com recurso ao programa informático SPSS.

## **Resultados**

Inicialmente foi realizada uma análise descritiva, com a finalidade de descrever e resumir a informação presente nas variáveis sob estudo numa forma de fácil visualização. Obtendo-se medidas de tendência central e medidas de dispersão.

Na comparação entre grupos. Inicialmente averiguou-se se as amostras cumprem os requisitos básicos dos testes Paramétricos, nomeadamente se a amostra segue uma distribuição conhecida, ou seja, normal. Esta decisão foi feita com base no Teste Kolmogorov-Smirnov.

Uma vez que se tratam de amostras independentes, na estatística paramétrica usou-se o teste T- Student para 2 amostras independentes e a Anova One Way para mais de 2 amostras, com o objectivo de perceber as diferenças entre os grupos. Por sua vez na estatística não paramétrica usou-se o teste Mann-Whitney para 2 amostras e o teste Kruskal-Wallis quando existiam mais de 2 amostras, também para se perceber a existência de diferenças entre os grupos. Sempre que, embora se cumpra os pressupostos da normalidade da variável, mas de seguida se percebe que não cumpre os pressupostos do teste de Levene, nomeadamente  $\text{Sig.} \leq 0,05$ , opta-se por usar a estatística não paramétrica, uma vez que não existe homogeneidade das variáveis.

Por fim realizou-se uma análise correlacional, com base na correlação de Pearson. Esta análise possui como objectivo conhecer as associações entre as variáveis principais em estudo.

Considerou-se relevância estatística sempre que a  $\text{sig.} \leq 0,05$ .

Os resultados obtidos sem relevância estatística encontram-se em anexo, de seguida passa-se a apresentar apenas os resultados estatisticamente significativos. ( $\text{sig.} \leq 0,05$ )

## **Análise Descritiva**

A análise descritiva tem por objectivo conhecer as propriedades das variáveis.

O tipo de análise descritiva efectuado depende das diferentes escalas de medida. Pelo que nas escalas nominais, como é o caso da I parte do instrumento das Histórias Infantis apenas se efectuou a frequência como medida de tendência central, enquanto nas escalas quantitativas, como é o caso do questionário das Memórias de Infância e dos Estilos de

Vinculação, já se realizou como medida de tendência central a média e como medida de dispersão o desvio padrão.

Tabela 1: Medidas de Tendência Central e de Dispersão - Memórias de Infância

	Média	Desvio Padrão	Coefficiente de Variação Relativa
<b>Suporte Emocional (Mãe)</b>	<b>20,06</b>	4,12	4,87
<b>Suporte Emocional (Pai)</b>	19,14	3,94	4,86
<b>Rejeição (Mãe)</b>	11,87	2,85	4,16
<b>Rejeição (Pai)</b>	11,50	2,60	4,42
<b>Sobreprotecção (Mãe)</b>	14,69	2,92	5,03
<b>Sobreprotecção (Pai)</b>	14,20	2,60	5,46

Os sujeitos da amostra **recordam as suas memórias de infância com base sobretudo no suporte emocional, quer em relação à mãe (20,06), quer em relação ao pai (19,14)**. Enquanto, surge como menos usado a rejeição, mãe (11,87) e pai (11,50).

Relativamente ao coeficiente de variação percebe-se que a sub-escala rejeição apresenta na rejeição pai uma maior dispersão em torno da média, enquanto, a rejeição mãe surge como a menor dispersão em torno da média.

Tabela 2 : Medidas de Tendência Central e de Dispersão - Vinculação

	Média	Desvio Padrão	Coefficiente de Variação Relativa
<b>Ansiedade</b>	2,1	0,65	3,2
<b>Conforto com a proximidade</b>	<b>3,4</b>	0,50	6,8
<b>Confiança nos outros</b>	2,7	0,58	4,6

O quadro acima apresentado mostra que **os sujeitos da amostra usam sobretudo o estilo de vinculação Conforto com a proximidade**. Constata-se ainda a existência de uma maior dispersão na sub-escala Confronto com a proximidade

O instrumento das histórias divide-se em duas partes, a primeira parte é apenas sujeita a uma análise de Frequências, uma vez que se trata de uma variável nominal. Por sua vez a segunda parte é sujeita a uma análise por história e a uma análise por categoria. Sendo submetida à análise descritiva, comparativa e correlacional, tal como foi realizado com as restantes escalas.

Tabela 3: Percentagens das escolhas das Histórias nas seguintes Questões:

	A História que a criança mais gosta	A História que o pai mais gosta	A História com que a criança se identifica	A história com que o pai se identifica
3 Porquinhos	<b>48,6%</b>	<b>41,4%</b>	24,3%	17,1%
Gato das Botas	4,3%	11,4%	8,6%	12,9%
Gata Borralheira	10%	15,7%	21,4%	<b>27,1%</b>
Carochinha	22,9%	25,7%	15,7%	20%
Peter Pan	14,3%	5,7%	<b>30%</b>	22,9%

No quadro acima apresentado pode-se constatar que **os pais apontam os 3 porquinhos como a sua história preferida e a dos seus filhos, seguindo-se a história da Carochinha.**

Relativamente à história com que **ambos se identificam surge como identificação das crianças o Peter Pan, ao passo que como identificação dos pais surge a Gata Borralheira.**

Tabela 4: Médias da análise por Histórias

	Média	Desvio Padrão	Coefficiente de Variação Relativa
Os 3 Porquinhos	2,11	0,97	49,97
O Gato das Botas	2	1,01	50,5
A Gata Borralheira	1,96	0,98	50
A Carochinha	2,06	0,98	47,57
O Peter Pan	1,46	0,91	62,32

Os sujeitos evidenciam um **melhor conhecimento** da história dos **3 porquinhos** e um **pior conhecimento do Peter Pan.**

Tabela 5: Médias da análise por Categorias

	Média	Desvio Padrão	Coefficiente de Variação Relativa
Personagem com que a criança se identifica	2,80	1,28	2,19
Tema Principal	2,30	1,18	1,95
Personagem Principal	1,97	0,82	2,40
Vilão / Personagens Secundárias	2,49	1,22	2,04

Os sujeitos evidenciaram um **melhor conhecimento** na categoria **Personagem com que a criança se identifica**. Ao passo que se evidenciam um **conhecimento mais fraco** na categoria **de Personagem principal**.

### Análise Comparativa

Na análise comparativa, pretende-se identificar diferenças a nível dos dados demográficos. Passando-se a apresentar apenas os resultados com significância estatística, os restantes resultados encontram-se em anexo.

Inicialmente testou-se a normalidade com base no teste Kolmogorov-Smirnov percebendo-se que as sub-escalas suporte emocional mãe e pai e sobreprotecção mãe possuem uma distribuição conhecida, isto é, que seguem a normalidade, ao passo que as sub-escalas rejeição mãe e pai e a sobreprotecção pai, não possuem uma distribuição normal.

Uma vez que se tratam de amostras independentes, na estatística paramétrica usou-se o teste T- Student para 2 amostras independentes e a Anova One Way para mais de 2 amostras, com o objectivo de perceber as diferenças entre os grupos. Por sua vez na estatística não paramétrica usou-se o teste Mann-Whitney para 2 amostras e o teste Kruskal-Wallis quando existiam mais de 2 amostras, também para se perceber a existência de diferenças entre os grupos.

Considerou-se relevância estatística sempre que o  $\alpha \leq 0,05$ .

Refere-se ainda que se formaram grupos no que diz respeito à idade dos pais, idade das crianças e nº de filhos.

**No que respeita as Memórias de Infância, realça-se apenas que não se verificaram diferenças significativas entre os grupos relativamente às variáveis: sexo, escolaridade, idade dos pais, nº de filhos, situação profissional e idade dos filhos.**

(os resultados encontrados encontram-se em anexo)

Pelo que se passa a apresentar apenas os resultados da variável **Estado Civil**

Tabela 6: Memórias de Infância e Estado Civil

	Estado Civil	N	Mediana	Nível de Significância
Sobreprotecção (Pai)	Casado/UF	61	35,86	0,490
	Solteiro/D/V	9	39,83	
Rejeição (Pai)	Casado/UF	61	32,25	<b>0,000*</b>
	Solteiro/D/V	9	57,56	
Rejeição (Mãe)	Casado/UF	61	33,32	<b>0,018*</b>
	Solteiro/D/V	9	50,28	

No quadro acima apresentado observa-se que existe uma **diferença significativa entre o Estado Civil e a Memória de Infância Rejeição Pai e Rejeição Mãe**. Isto é, os sujeitos solteiros recordam mais estas 2 Memórias de Infância do que os casados.

Relativamente à Vinculação, voltou-se a testar a normalidade com base no teste Kolmogorov-Smirnov percebendo-se que as sub-escalas Ansiedade e Conforto com a proximidade seguem a normalidade, ao passo que, a sub-escala Confiança nos outros não segue a normalidade, pelo que no primeiro caso foi usada a estatística paramétrica, enquanto, no segundo a não-paramétrica.

**Mais uma vez, no respeitante aos Modelos de Vinculação não se evidenciam diferenças estatisticamente significativas, nas variáveis: Escolaridade, idade dos pais, idade dos filhos, nº de filhos e situação profissional.** (os resultados alcançados encontram-se em anexo)

Passando-se de seguida à análise das variáveis com relevância estatística.

Tabela 7: Vinculação e Sexo dos Pais

	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	Nível de Significância
Ansiedade	Feminino	50	2,16	0,65	0,580
	Masculino	20	2,07	0,68	
Conforto com a Proximidade	Feminino	50	3,33	0,47	<b>0,050*</b>
	Masculino	20	3,59	0,55	

No quadro acima apresentado pode-se observar que **os grupos da sub-escala Conforto com a proximidade se encontram no limiar da significância.** Isto é, os sujeitos masculinos usam com maior incidência o conforto com a proximidade do que os sujeitos femininos.

Tabela 8: Vinculação e Sexo dos Pais

	Sexo	N	Mediana	Nível de Significância
Confiança nos outros	Feminino	50	37,28	0,245
	Masculino	20	31,05	

No quadro acima apresentado pode-se observar que não existem diferenças significativas entre os grupos

Tabela 9: Vinculação e Estado Civil

	Estado Civil	N	Média	Desvio Padrão	Nível de Significância
Conforto com a Proximidade	Casado/UF	61	3,43	0,51	0,30
	Solteiro/D/V	9	3,24	0,43	

Na análise do teste de Levene na sub-escala de Ansiedade, observa-se que o  $\alpha \leq 0,05$  ( $\alpha = 0,034$ ), pelo que se procedeu ao tratamento estatístico com base na estatística não paramétrica, uma vez que não se confirma a homogeneidade da variável

Tabela 10: Vinculação e Estado Civil

	Estado Civil	N	Mediana	Nível de Significância
Ansiedade	Casado/Uf	61	33,79	0,066
	Solteiro/D/V/	9	47,11	
Confiança nos outros	Casado/Uf	61	33,66	<b>0,048*</b>
	Solteiro/D/V	9	47,94	

No quadro acima apresentado pode-se constatar a existência **de diferenças significativas na sub-escala confiança nos outros**. Observando-se que os sujeitos solteiros usam com mais frequência esse estilo de vinculação.

Tabela 11: Vinculação e Sexo dos Filhos

	Sexo dos filhos	N	Média	Desvio Padrão	Nível de Significância
Conforto com a Proximidade	Feminino	41	3,42	0,46	0,726
	Masculino	29	3,38	0,56	

No quadro acima apresentado pode-se observar que os grupos não apresentam diferenças significativas.

Após se realizar o teste de Levene na sub-escala Ansiedade, percebe-se que esta não cumpre os requisitos dos testes paramétricos, sendo sujeita a uma análise não paramétrica, isto é o teste Mann-Whitney

Tabela 12: Vinculação e Sexo dos Filhos

	Sexo Filhos	N	Mediana	Nível de Significância
Ansiedade	Feminino	41	30,74	<b>0,020*</b>
	Masculino	29	42,22	
Confiança nos outros	Feminino	50	31,95	0,08
	Masculino	20	40,52	

No quadro acima apresentado pode-se observar que existe uma **diferença significativa ao nível da vinculação ansiosa**, isto é, os pais de meninos apresentam mais sinais de vinculação ansiosa do que os pais de meninas.

Após se realizar uma análise em termos de diferenças significativas entre os grupos, procede-se a uma leitura da predominância dos traços de vinculação, nas diferentes variáveis demográficas.

Tabela 13: Médias da distribuição dos Estilos de Vinculação pelos dados Demográficos

		Ansiedade	Conforto com a proximidade	Confiança nos Outros
		Médias		
Sexo dos Pais	Feminino	2,16	3,33	2,7
	Masculino	2,07	3,59	2,6
Idade dos Pais	20-40	2,08	3,49	2,67
	40-60	2,20	3,32	2,76
Estado Civil	Casado	2,07	3,43	2,66
	Solteiro	2,59	3,24	3,11
Situação Profissional	Activo	2,11	3,41	2,72
	Inactivo	2,36	3,36	2,69
Escolaridade	6º Ano	2,32	3,65	2,72
	9º Ano	2,08	3,31	2,80
	12º Ano	2,01	3,40	2,71
	Licenciatura	2,33	3,37	2,59
Nº de Filhos	1	2,11	3,40	2,70
	< 1	2,17	3,41	2,75
Idade dos Filhos	≤ 3	2,01	3,49	2,55
	4/5	2,15	3,40	2,80
	> 5	2,20	3,31	2,48
Sexo dos Filhos	Feminino	1,95	3,42	2,63
	Masculino	2,38	3,37	2,83

Na tabela acima apresentada constata-se que existe uma **predominância do estilo conforto com a proximidade, seguindo-se a confiança nos outros e por fim surge com médias inferiores a Ansiedade**. Estes resultados são transversais a todas os dados demográficos, tal como sucede na totalidade da amostra.

### Análise Descritiva

Tendo em conta que se tratam de variáveis nominais, apenas se procedeu à análise das frequências das mesmas.

Tabela 14: Frequências relativas ao Sexo dos Pais

	A História que a criança mais gosta		A História que o pai mais gosta		A História com que a criança se identifica		A história com que o pai se identifica	
	F	M	F	M	F	M	F	M
3 Porquinhos	25*	9*	21*	8*	12	5	8	4
Gato das Botas	2	1	5	3	4	2	7	2
Gata Borralheira	5	2	9	2	12	3	15*	4
Carochinha	10	6	12	6	7	4	9	5*
Peter Pan	8	2	3	1	15*	6*	11	5*

No quadro acima apresentado constata-se que na questão **a história que a criança gosta mais e a história que os pais gostam mais, os sujeitos de ambos os sexos escolheram os 3 porquinhos, ao passo que na história com que a criança se identifica, os sujeitos do sexo feminino escolheram os 3 porquinhos, enquanto, os sujeitos do sexo masculino optaram pelo Peter Pan. Por fim na história com que os pais se identificam as mulheres referiram a Gata Borralheira e os homens a Carochinha e o Peter Pan.**

Tabela 15 : Frequências relativas ao Sexo dos Filhos

	A História que a criança mais gosta		A História que o pai mais gosta		A História com que a criança se identifica		A história com que o pai se identifica	
	F	M	F	M	F	M	F	M
3 Porquinhos	<b>18*</b>	<b>16*</b>	<b>14*</b>	<b>15*</b>	8	9	6	6
Gato das Botas	1	2	4	4	2	4	5	4
Gata Borralheira	5	2	8	3	<b>14*</b>	1	<b>12*</b>	<b>7*</b>
Carochinha	14	2	12	6	10	1	8	6
Peter Pan	3	7	3	1	7	<b>14*</b>	10	6

No quadro acima apresentado verifica-se que nas perguntas **a história que a criança e o pai mais gosta ambos os sexos optaram por escolher os 3 porquinhos, enquanto, na questão com quem se identifica a criança os pais acham que as meninas preferem a Gata Borralheira enquanto os meninos preferem o Peter Pan. Na última questão quer os pais de meninas quer os pais de meninos optam pela Gata Borralheira.**

Tabela 16: Frequências relativas ao Estado Civil

	A História que a criança mais gosta		A História que o pai mais gosta		A História com que a criança se identifica		A história com que o pai se identifica	
	Casado	Solteiro	Casado	Solteiro	Casado	Solteiro	Casado	Solteiro
3 Porquinhos	<b>28*</b>	<b>6*</b>	<b>23*</b>	<b>6*</b>	<b>16*</b>	1	11	1
Gato das Botas	3	0	7	1	6	0	7	2
Gata Borralheira	7	0	11	0	14	1	<b>17*</b>	2
Carochinha	15	1	16	2	10	1	13	1
Peter Pan	8	2	4	0	15	<b>6*</b>	13	<b>3*</b>

O quadro acima apresentado mostra que nas **2 primeiras questões quer os casados, quer os solteiros optam pelos 3 Porquinhos, mas quando olhamos para a história com que a criança se identifica verifica-se uma diferença uma vez que os casados optam pelos 3 Porquinhos, mas os solteiros preferem o Peter Pan. Na história com que os pais se identificam podemos observar que os casados preferem a Gata Borralheira ao passo que os solteiros identificam-se mais com o Peter Pan.**

Tabela 17: Frequências relativas à Situação Profissional

	A História que a criança mais gosta		A História que o pai mais gosta		A História com que a criança se identifica		A história com que o pai se identifica	
	Activa	Inactiva	Activa	Inactiva	Activa	Inactiva	Activa	Inactiva
3 Porquinhos	<b>33*</b>	1	<b>28*</b>	1	17	0	12	0
Gato das Botas	3	0	8	0	6	0	8	1
Gata Borralheira	6	1	9	<b>2*</b>	11	<b>4*</b>	<b>17*</b>	2
Carochinha	14	<b>2*</b>	17	1	11	0	12	<b>2*</b>
Peter Pan	8	<b>2*</b>	2	<b>2*</b>	<b>19*</b>	2	15	1

O quadro acima apresentado indica-nos que na história **que a criança mais gosta as pessoas que trabalham identificam os 3 porquinhos, enquanto que as que não trabalham escolhem quer a Carochinha, quer o Peter Pan . Na história que os pais**

**mais gostam os sujeitos activos voltam a escolher os 3 porquinhos, mas desta vez os inactivos optam pela Gata Borralheira e pelo Peter Pan. Na história com que a criança se identifica os activos identificam o Peter Pan e os inactivos a Gata Borralheira. Por último na história com que os pais se identificam os activos preferem a Gata Borralheira e os inactivos tanto a Gata Borralheira como a Carochinha.**

Tabela 18: Frequências relativas à Escolaridade

	A História que a criança gosta mais				A História que o pai gosta mais				A História com que a criança se identifica				A história com que o pai se identifica			
	6 <sup>a</sup>	9 <sup>a</sup>	12 <sup>o</sup>	Lic.	6 <sup>a</sup>	9 <sup>a</sup>	12 <sup>o</sup>	Lic.	6 <sup>a</sup>	9 <sup>a</sup>	12 <sup>o</sup>	Lic.	6 <sup>a</sup>	9 <sup>a</sup>	12 <sup>o</sup>	Lic.
3 Porquinhos	<b>6*</b>	<b>9*</b>	<b>15*</b>	<b>4*</b>	4	<b>7*</b>	<b>15*</b>	3	1	<b>8*</b>	7	1	1	<b>5*</b>	5	1
Gato das Botas	1	0	1	1	1	2	2	3	2	0	1	3	1	4	1	3
Gata Borralheira	0	0	4	3	0	3	6	2	1	3	8	3	2	4	<b>11*</b>	2
Carochinha	3	7	3	3	<b>5*</b>	6	2	<b>5*</b>	<b>3*</b>	2	2	<b>4*</b>	<b>4*</b>	<b>5*</b>	2	3
Peter Pan	0	4	4	2	0	2	2	0	<b>3*</b>	7	<b>9*</b>	2	2	2	8	<b>4*</b>

No quadro acima apresentado pode-se observar que na questão **a história que a criança gosta mais**, independentemente da escolaridade os sujeitos **optam maioritariamente pelos 3 Porquinhos**. Na questão **a História que o pai gosta mais**, verifica-se que os sujeitos com o **6<sup>o</sup> ano e os com a Licenciatura optam pela carochinha**, ao passo que os que possuem o **9<sup>o</sup> ano e o 12<sup>o</sup> ano preferem os 3 Porquinhos**. Relativamente à questão **a história com que a criança se identifica** constata-se que os sujeitos que **preferem os 3 Porquinhos** possuem o **9<sup>o</sup> ano**, enquanto os sujeitos que preferem a **carochinha** possuem **quer o 6<sup>o</sup> ano, quer a Licenciatura** e por fim os sujeitos que optam pelo **Peter Pan** possuem **quer o 6<sup>o</sup> ano, quer a licenciatura**. Na última questão percebe-se que os sujeitos que possuem o **6<sup>o</sup> ano optam pela carochinha**, os que têm o **9<sup>o</sup> ano optam indiferentemente pelos 3 Porquinhos e pela Carochinha**, os do grupo do **12<sup>o</sup> ano preferem a Gata Borralheira**, enquanto os da licenciatura preferem o **Peter Pan**.

Tabela 19: Frequências relativas à Idade dos Filhos por Grupos

	A História que a criança gosta mais			A História que o pai gosta mais			A História com que a criança se identifica			A história com que o pai se identifica		
	≤3	4/5	>5	≤3	4/5	>5	≤3	4/5	>5	≤3	4/5	>5
3 Porquinhos	<b>15</b>	<b>19</b>	2	9	<b>13</b>	3	9	8	1	7	5	2
Gato das Botas	3	0	2	3	5	1	3	3	2	4	5	2
Gata Borralheira	4	3	1	7	5	2	7	8	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>9</b>	<b>3</b>
Carochinha	9	7	<b>5</b>	5	9	<b>4</b>	5	6	2	6	8	2
Peter Pan	5	5	0	<b>12</b>	2	0	<b>12</b>	<b>9</b>	2	9	7	1

No quadro acima apresentado pode-se observar que as crianças com **idades inferiores a 5 anos preferem a história dos 3 porquinhos**, ao passo que os mais velhos optam

pela carochinha. Por sua vez os pais de filhos menores de 3 anos, preferem o Peter pan, os pais de crianças entre os 4 e os 5 anos optam pelos 3 porquinhos e os pais com filhos maiores de 5 anos escolhem a carochinha. Relativamente às identificações constata-se que nas identificações dos pais não existe diferença relativamente à idade do seu filho, enquanto na identificação da criança observa-se que os mais pequenos identificam-se com o Peter pan e os mais velhos com a gata borralheira.

Tabela 20:Frequências relativas à Idade dos Pais por Grupos

	A História que a criança mais gosta		A História que o pai mais gosta		A História com que a criança se identifica		A história com que o pai se identifica	
	20/40	40/60	20/40	40/60	20/40	40/60	20/40	40/60
3 Porquinhos	15	19	7	5	9	8	7	5
Gato das Botas	3	0	4	5	3	3	4	5
Gata Borralheira	4	3	10	9	7	8	10	9
Carochinha	9	7	6	8	5	6	6	8
Peter Pan	5	5	9	7	12	9	9	7

O quadro acima apresentado indica-nos que **não existe qualquer diferença relativamente à idade dos pais**, uma vez que surgem as mesmas escolhas nos 3 grupos.

Tabela 21:Frequências relativas ao N° de Filhos por Grupos

	A História que a criança mais gosta		A História que o pai mais gosta		A História com que a criança se identifica		A história com que o pai se identifica	
	1	≥ 1	1	≥ 1	1	≥ 1	1	≥ 1
3 Porquinhos	23	11	19	10	12	5	9	3
Gato das Botas	3	0	6	2	4	2	6	3
Gata Borralheira	2	5	5	6	6	9	11	8
Carochinha	6	10	8	10	6	5	5	9
Peter Pan	5	5	1	3	11	10	8	8

O quadro acima apresentado indica-nos que, **quer as crianças tenham ou não irmãos elas optam sempre pelos 3 Porquinhos**. Por sua vez os pais também escolhem os 3 Porquinhos independentemente do nº de filhos, apenas se observa que os pais com mais de um filho dão ainda preferência à Carochinha. Por outro lado, constata-se que as crianças que não têm irmãos identificam-se com os 3 Porquinhos, ao passo que as que possuem irmãos optam pelo Peter Pan. Por fim os pais com apenas um filho identificam-se sobretudo com a Gata Borralheira, enquanto, os que possuem mais filhos preferem a carochinha.

De seguida proceder-se-á à análise comparativa da II parte do questionário das histórias com as variáveis secundárias.

A II parte do questionário das histórias é sujeito a 2 tipos de análise, uma análise por história e uma análise por categoria.

Na comparação dos dados demográficos usou-se apenas a estatística não – paramétrica, uma vez que não se reuniram as condições necessárias para o uso da estatística paramétrica

**No respeitante à por História, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas nas variáveis: Sexo dos Pais, Situação Profissional, N° de Filhos e Escolaridade.** (os resultados alcançados encontram-se em anexo)

Encontrando-se resultados significativos nos seguintes grupos:

Tabela 22: Medianas da sub-escala Histórias relativas ao Estado Civil

	Estado Civil	N	Mediana	Nível de Significância
3 Porquinhos	Casado/UF	61	36,84	0,132
	Solteiro/S/D/V	9	26,44	
Gato das Botas	Casado /UF	61	35,34	0,855
	Solteiro/S/V/D	9	36,61	
Gata Borralheira	Casado/UF	61	37,92	<b>0,007*</b>
	Solteiro/S/D/V	9	19,11	
Carochinha	Casado/UF	61	34,55	0,281
	Solteiro/S/D/V	9	41,94	
Peter Pan	Casado/UF	61	34,84	0,458
	Solteiro/S/D/V	9	39,94	

No quadro acima apresentado observa-se uma **diferença significativa entre o estado civil e a história da Gata Borralheira**, verificando-se que os sujeitos casados têm um melhor conhecimento da história que os solteiros.

Tabela 23: Diferenças relativas ao Sexo dos Filhos

	Sexo	N	Mediana	Nível de Significância
3 Porquinhos	Feminino	41	39,35	<b>0,047*</b>
	Masculino	29	30,05	
Gato das Botas	Feminino	41	38,16	0,175
	Masculino	29	31,74	
Gata Borralheira	Feminino	41	41,78	<b>0,001*</b>
	Masculino	29	26,62	
Carochinha	Feminino	41	39,87	<b>0,024*</b>
	Masculino	29	29,33	
Peter Pan	Feminino	41	32,01	0,071
	Masculino	29	40,43	

No quadro acima apresentado verifica-se uma **diferença significativa entre o sexo da criança e as histórias dos 3 Porquinhos, Gata Borralheira e Carochinha**. Constatando-se que as 3 histórias são melhor conhecidas pelos pais de meninas.

Tabela 24: Diferenças relativas à Idade dos Filhos

	Idade dos Filhos	N	Mediana	Nível de Significância
3 Porquinhos	≤3	12	22,88	<b>0,045*</b>
	4/5	48	38,04	
	>5	10	38,45	
Gato das Botas	≤3	12	30,13	0,488
	4/5	48	37,29	
	>5	10	33,35	
Gata Borralheira	≤3	12	40,54	0,485
	4/5	48	35,25	
	>5	10	30,65	
Carochinha	≤3	12	45,63	0,080
	4/5	48	32,23	
	>5	10	39,05	
Peter Pan	≤3	12	24,33	0,086
	4/5	48	37,98	
	>5	10	39,05	

No quadro acima apresentado verifica-se a existência de uma **diferença na história dos 3 porquinhos**, isto é, **os sujeitos com filhos menores de 3 anos, apresentam menos respostas correctas na história dos 3 porquinhos.**

**Por sua vez na análise por Categoria, nas variáveis demográficas, Sexo dos Pais, Situação Profissional, idade dos Filhos e Escolaridade, não se verificaram diferenças significativas.** (os resultados encontrados encontram-se em anexo)

Encontrando-se os seguintes resultados nas restantes variáveis.

Tabela 25: Medianas da sub-escala Categorias relativa ao Estado Civil

	Estado Civil	N	Mediana	Nível de Significância
Personagem com que a criança se identifica	Casado/UF	61	37,79	<b>0,012*</b>
	Solteiro/S/V/D	9	20	
Tema Principal	Casado/UF	61	35,98	0,598
	Solteiro/S/V/D	9	32,28	
Personagem Principal	Casado/UF	61	35,17	0,706
	Solteiro/S/V/D	9	37,72	
Vilão / personagem Secundária	Casado/UF	61	34,67	0,362
	Solteiro/S/V/D	9	41,11	

**Os sujeitos casados /união de facto evidenciam mais sinais de vinculação segura na categoria Personagem com que a criança se identifica, enquanto os Solteiros/Separados/Viúvos ou Divorciados mostram resultados melhores na categoria Vilão/ Personagem Principal.** Verifica-se ainda uma **diferença significativa na categoria personagem com que a criança se identifica.**

Tabela 26: Mediana da sub-escala Categorias relativa ao Sexo dos Filhos

	Sexo	N	Média	Nível de Significância
Personagem com que a criança se identifica	Feminino	41	43,26	<b>0,000*</b>
	Masculino	29	24,53	
Tema Principal	Feminino	41	37,34	0,351
	Masculino	29	32,90	

Personagem Principal	Feminino	41	34,77	0,701
	Masculino	29	36,53	
Vilão / personagem Secundária	Feminino	41	36,90	0,480
	Masculino	29	33,52	

No quadro acima apresentado constata-se que existe uma **diferença significativa entre o sexo da criança e a categoria Personagem com que a criança se identifica**, observando-se que os pais de meninas demonstram um melhor conhecimento desta categoria.

Tabela 27: Distribuição pelas Categorias relativamente ao N° de Filhos por Grupos

	N° de Filhos	N	Mediana	Nível de Significância
Personagem com que a criança se identifica	Apenas Um	39	38,09	0,220
	Mais de Um	31	32,24	
Tema Principal	Apenas Um	39	35,72	0,917
	Mais de Um	31	35,23	
Personagem Principal	Apenas Um	39	39,59	<b>0,043*</b>
	Mais de Um	31	30,35	
Vilão / personagens Secundárias	Apenas Um	39	37,18	0,425
	Mais de Um	31	33,39	

No quadro acima apresentado constata-se a existência de uma **diferença significativa na sub-escala Personagem principal**, isto é, **os sujeitos com apenas um filho dão mais respostas correctas nessa sub-escala**.

De seguida recorreu-se à correlação de Pearson. Considerou-se relevância estatística sempre que o  $\alpha \leq 0,05$ .

Realizou-se uma análise correlacional, com a finalidade de descobrir a relação existente entre as variáveis, usando-se o coeficiente de correlação de Pearson.

### Correlações Pearson

Tabela 28: Vinculação e Memórias de Infância

	Correlações					
	Ansiedade		Conforto com a Proximidade		Confiança nos Outros	
	Person	Sig	Person	Sig	Person	Sig
Suporte Emocional Pai	0,061	0,617	0,162	0,180	-0,144	0,234
Suporte Emocional Mãe	0,028	0,815	0,227	0,059	<b>-0,279</b>	<b>0,019*</b>
Rejeição pai	<b>0,323</b>	<b>0,006*</b>	-0,162	0,181	0,160	0,186
Rejeição Mãe	<b>0,365</b>	<b>0,002*</b>	<b>-0,258</b>	<b>0,031*</b>	0,207	0,085
Sobreprotecção pai	0,185	0,124	-0,068	0,576	0,107	0,377
Sobreprotecção Mãe	<b>0,278</b>	<b>0,020*</b>	-0,034	0,782	0,024	0,845

No quadro acima apresentado observa-se que existe uma **correlação positiva entre o estilo de Vinculação Ansiedade e as Memórias Rejeição pai, Rejeição mãe e sobreprotecção mãe**. Isto é, os sujeitos que desenvolveram o estilo de vinculação Ansiedade, recordam sobretudo estes tipos de práticas. **Verifica-se ainda uma correlação negativa entre o estilo de Vinculação Conforto com a Proximidade e a**

**Memória Rejeição mãe, assim como entre o estilo Confiança nos outros e a Memória Suporte Emocional mãe**, pelo que, se percebe que os sujeitos que usam o Conforto com a proximidade tendem a recordar menos a prática Rejeição mãe e os sujeitos que usam a Confiança nos Outros, referem menos o suporte emocional mãe.

Tabela 29: Vinculação e análise por História

	Correlações					
	Ansiedade		Conforto com a Proximidade		Confiança nos Outros	
	Person	Sig	Person	Sig	Person	Sig
3 Porquinhos	-0,078	0,521	-0,046	0,703	-0,096	0,428
Gato das Botas	0,128	0,290	0,028	0,815	-0,228	<b>0,058</b>
Gata Borracheira	0,110	0,363	0,040	0,741	-0,056	0,648
Carochinha	0,056	0,647	0,153	0,206	-0,056	0,642
Peter Pan	0,166	0,170	0,028	0,820	-0,030	0,804

No quadro acima apresentado pode-se constatar que **não existe correlação entre os estilos de vinculação e a histórias**. Pode-se apenas realçar a relação entre a **Confiança nos Outros e o Gato das Botas**, observando-se **uma relação negativa no limiar da significância**.

Tabela 30: Vinculação e análise por Categoria

	Correlações					
	Ansiedade		Conforto com a Proximidade		Confiança nos Outros	
	Person	Sig	Person	Sig	Person	Sig
Personagem com que a criança se identifica	-0,103	0,398	-0,108	0,373	-0,094	0,439
Tema principal	0,174	0,149	0,061	0,619	-0,082	0,499
Personagem principal	0,071	0,561	0,134	0,269	-0,074	0,544
Vilão/ Personagens Secundárias	0,194	0,108	0,123	0,312	-0,147	0,224

No quadro acima apresentado verifica-se que **não existe qualquer correlação significativa entre os Estilos de Vinculação e as Categorias das Histórias**.

Tabela 31: Memórias de Infância e análise por História

Histórias	Memórias de Infância											
	Suporte Emocional Mãe		Suporte Emocional Pai		Rejeição Mãe		Rejeição Pai		Sobreprotecção Mãe		Sobreprotecção Pai	
	Person	Sig	Person	Sig	Person	Sig	Person	Sig	Person	Sig	Person	Sig
3 Porquinhos	-0,045	0,711	-0,072	0,551	-0,052	0,668	-0,080	0,508	0,095	0,436	0,008	0,947
Gato das Botas	<b>0,318</b>	<b>0,007*</b>	0,197	0,102	0,202	0,094	0,155	0,200	<b>0,256</b>	<b>0,032*</b>	<b>0,243</b>	<b>0,042*</b>
Gata Borr.	0,172	0,154	<b>0,263</b>	<b>0,028*</b>	0,158	0,192	0,048	0,692	0,156	0,196	<b>0,281</b>	<b>0,019*</b>
Carochinha	0,176	0,145	0,073	0,547	0,034	0,781	0,046	0,707	0,108	0,374	0,104	0,392
Peter Pan	0,147	0,224	0,066	0,586	0,090	0,460	0,092	0,450	0,071	0,559	-0,057	0,637

No quadro acima apresentado observa-se uma **correlação positiva entre a História do Gato das Botas e a Memória de Infância Suporte Emocional Mãe, Sobreprotecção Mãe e Sobreprotecção Pai**. Isto é, os sujeitos que recordam com sobretudo estas práticas possuem um melhor conhecimento da história o Gato das Botas. **Por sua vez,**

**verifica-se uma relação também positiva entre a História da Gata Borralheira e o Suporte Emocional Pai e a Sobreprotecção Pai.**

Tabela 32: Memórias de Infância e análise por Categoria

Histórias	Memórias De Infância											
	Suporte Emocional Mãe		Suporte Emocional Pai		Rejeição Mãe		Rejeição pai		Sobreprotecção Mãe		Sobreprotecção Pai	
	Person	Sig	Person	Sig	Person	Sig	Person	Sig	Person	Sig	Person	Sig
Personagem com que a Criança se Identifica	0,090	0,458	0,060	0,620	0,080	0,510	0,048	0,694	-0,064	0,601	0,021	0,864
Tema principal	0,211	0,080	0,174	0,150	0,166	0,170	0,054	0,656	<b>0,275</b>	<b>0,021*</b>	0,192	0,111
Personagem Principal	-0,051	0,673	-0,098	0,420	-0,064	0,600	-0,048	0,694	0,100	0,412	0,064	0,598
Vilão/ Personagens Secundárias	<b>0,334</b>	<b>0,005*</b>	0,235	0,051	0,126	0,299	0,137	0,259	<b>0,246</b>	<b>0,040*</b>	0,187	0,120

No quadro acima apresentado verifica-se **uma correlação positiva entre a Memória de Infância Sobreprotecção Mãe e a Categoria Tema Principal e Vilão/Personagens Secundárias**. Assim como entre a **Memória Suporte Emocional Mãe e a categoria Vilão/Personagens Secundárias**. Isto é, à medida que os sujeitos recordam estas práticas apresentam um melhor conhecimento destas histórias.

Por fim de forma a enriquecer a presente investigação, conforme indicação da autora da Escala da Vinculação do Adulto (EVA) – (Canavarro, 2006). Pode-se realizar uma análise exploratória que faça uma correspondência não só entre as 3 dimensões encontradas e os estilos identificados por Hazan e Shaver (1987), como já foi visto, mas ainda com os 4 estilos encontrados por Bartholomew (1990). “Para isto inicialmente foram calculados os valores médios nas dimensões Ansiedade, Conforto com a proximidade e Confiança nos outros. De seguida foi calculado o valor compósito das dimensões Conforto com a Proximidade e Confiança nos Outros (valor médio destas 2 variáveis, criando a variável Conforto-Confiança). Finalmente, procedeu-se à classificação dos sujeitos a partir dos valores obtidos na variável Conforto-Confiança e na variável Ansiedade do seguinte modo: os indivíduos que apresentassem valores superiores ao valor médio da escala (3) na variável Conforto-Confiança e valores inferiores ao valor médio na variável Ansiedade eram classificados como Seguros; os que apresentassem valores superiores a 3 na variável Conforto-Confiança e superiores a 3 na variável Ansiedade eram classificados como Preocupados; os que apresentassem valores inferiores a 3 na variável Conforto-Confiança e inferiores a 3 na variável

Ansiedade eram classificados como Desligados; os que apresentassem valores inferiores a 3 na variável Conforto-Confiança e superiores a 3 na variável Ansiedade eram classificados como Amedrontados.” (Canavarro, Dias & Lima, 2006, p. 179)

Tabela 33: Distribuição dos sujeitos por protótipos de Vinculação (Bartholomew, 1990)

Estilos (Bartholomew, 1990)	N	%
Seguro	<b>34</b>	<b>48,6</b>
Preocupado	6	8,6
Desligado	26	37,1
Amedrontado	4	5,7

Na tabela acima apresentada observa-se que os sujeitos da presente amostra distribuem-se sobretudo pelo **Estilo Seguro**, seguindo-se o **Desligado**, o **Preocupado** e por fim o **Amedrontado**. **Indo ao encontro dos resultados encontrados ao nível dos Estilos Seguro, Evitamento e Ansioso.**

De seguida cruzaram-se estes estilos encontrados com os resultados alcançados no instrumento das histórias.

Tabela 34: Distribuição dos sujeitos segundo o Estilo de Vinculação pelas Histórias, à pergunta: A História que a criança gosta mais.

A História que a criança mais Gosta	Vinculação			
	Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado
3 Porquinhos	<b>17</b>	<b>2</b>	<b>13</b>	<b>2</b>
Gato das Botas	0	1	2	0
Gata Borralheira	3	1	3	0
Carochinha	11	0	5	0
Peter Pan	3	2	3	2

**Os diferentes estilos de vinculação escolhem como história que os filhos mais gostam os 3 porquinhos.** O Estilo preocupado e o amedrontado para além dos 3 porquinhos escolhem ainda o Peter pan.

Tabela 35: Distribuição dos sujeitos segundo o Estilo de Vinculação pelas Histórias, à pergunta: A História que o pai gosta mais

A História que o Pai gosta mais	Vinculação			
	Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado
3 Porquinhos	<b>15</b>	2	<b>9</b>	<b>3</b>
Gato das Botas	4	0	3	1
Gata Borralheira	4	1	6	0
Carochinha	8	<b>3</b>	7	0
Peter Pan	3	0	1	0

**O Estilo de vinculação seguro, desligado e amedrontado escolhem como história que os pais mais gostam os 3 Porquinhos, enquanto, o estilo de vinculação preocupado opta pela Carochinha**

Tabela 36: Distribuição (n) dos sujeitos segundo o Estilo de Vinculação pelas Histórias, à pergunta: A História com que a criança se identifica

A História com que a Criança se identifica	Vinculação			
	Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado
3 Porquinhos	6	0	<b>11</b>	0
Gato das Botas	3	1	1	1
Gata Borralheira	9	1	5	0
Carochinha	7	0	4	0
Peter Pan	<b>9</b>	<b>4</b>	5	<b>3</b>

**Relativamente à história com que a criança se identifica os pais com o estilo de vinculação seguro, preocupado e amedrontado escolhem o Peter Pan, enquanto, o estilo desligado opta pelos 3 porquinhos.** Verifica-se ainda que os sujeitos seguros também escolhem a gata borralheira.

Tabela 37: Distribuição (n) dos sujeitos segundo o Estilo de Vinculação pelas Histórias, à pergunta: A História com que o pai se identifica

A História com que o Pai se identifica	Vinculação			
	Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado
3 Porquinhos	5	0	7	0
Gato das Botas	7	0	2	0
Gata Borralheira	<b>8</b>	1	<b>8</b>	<b>2</b>
Carochinha	7	<b>3</b>	4	0
Peter Pan	7	2	5	2

**O quadro acima apresentado evidencia que os pais seguros, desligados e amedrontados identificam-se com a gata borralheira. Os pais preocupados optam pela carochinha.** Realça-se ainda o facto dos sujeitos amedrontados escolherem também a história do Peter Pan. Embora todos os sujeitos escolham os 3 porquinhos como a história que mais gostam, aqui percebe-se que esta é a história com que eles menos se identificam à excepção dos desligados.

**Em forma de curiosidade, posteriormente pegou-se nas variáveis demográficas que registaram diferenças no estudo e foi-se averiguar se existem alterações a esse nível.**

Tabela 38: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo o Estado Civil, à pergunta: A História que a criança gosta mais

	Estado Civil	Vinculação				
		Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado	
A História que a Criança mais gosta	Casado/UF	3 Porquinhos	15	1	12	0
		Gato das Botas	0	1	2	0
		Gata Borracheira	3	1	3	0
		Carochinha	10	0	5	0
		Peter Pan	2	1	3	2
	Solteiro/D;V	3 Porquinhos	2	1	1	2
		Gato das Botas	0	0	0	0
		Gata Borracheira	0	0	0	0
		Carochinha	1	0	0	0
		Peter Pan	1	1	0	0

A tabela acima apresentada mostra que **são os sujeitos amedrontados casados que escolhem o Peter Pan, enquanto os solteiros optam pelos 3 porquinhos.**

Tabela 39: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo o Estado Civil, à pergunta: A História que o pai gosta mais

	Estado Civil	Vinculação				
		Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado	
A História que o Pai mais gosta	Casado/UF	3 Porquinhos	13	1	8	1
		Gato das Botas	3	0	3	1
		Gata Borracheira	4	1	6	0
		Carochinha	7	2	7	0
		Peter Pan	3	0	1	0
	Solteiro/D;V	3 Porquinhos	2	1	1	2
		Gato das Botas	1	0	0	0
		Gata Borracheira	0	0	0	0
		Carochinha	1	1	0	0
		Peter Pan	0	0	0	0

No quadro acima apresentado **não se encontra nenhuma exceção, apenas se assinala o facto dos preocupados solteiros se distribuírem de igual forma pelos 3 porquinhos e pela carochinha, e os amedrontados casados pelos 3 porquinhos e pelo gato das botas.**

Tabela 40: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo o Estado Civil, à pergunta: A História com que a criança se identifica

	Estado Civil	Vinculação				
		Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado	
A História com que a Criança se Identifica	Casado/UF	3 Porquinhos	5	0	11	0
		Gato das Botas	3	1	1	1
		Gata Borracheira	8	1	5	0
		Carochinha	6	0	4	0
		Peter Pan	8	2	4	1
	Solteiro/D;V	3 Porquinhos	1	0	0	0
		Gato das Botas	0	0	0	0
		Gata Borracheira	1	0	0	0
		Carochinha	1	0	0	0
		Peter Pan	1	2	1	2

No quadro acima apresentado observa-se que **nos sujeitos seguros a escolha da gata borralheira e do Peter Pan é uma escolha essencialmente feita pelos sujeitos casados, pois os solteiros distribuem-se de igual forma pelos 3 Porquinhos e pela carochinha. Por sua vez são os desligados casados que escolhem os 3 Porquinhos, pois os solteiros preferem pelo Peter Pan.**

Tabela 41: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo o Estado Civil, à pergunta: A História com que o Pai se identifica

A História que com que o Pai se Identifica	Estado Civil	Vinculação				
		Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado	
	Casado/UF	3 Porquinhos	4	0	7	0
		Gato das Botas	5	0	2	0
		Gata Borralheira	8	1	7	1
		Carochinha	7	2	4	0
		Peter Pan	6	1	5	1
	Solteiro/D;V	3 Porquinhos	1	0	0	0
		Gato das Botas	2	0	0	0
		Gata Borralheira	0	0	1	1
		Carochinha	0	1	0	0
		Peter Pan	1	1	0	1

Na tabela acima apresentada constata-se que **os sujeitos seguros solteiros não dão nenhuma resposta Gata Borralheira**, são os preocupados casados que escolhem a carochinha, pois os solteiros tanto escolhem a carochinha como o Peter Pan.

Tabela 42: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo o Sexo dos Pais, à pergunta: A História que a criança gosta mais

A História que a Criança mais gosta	Sexo dos Pais	Vinculação				
		Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado	
	Feminino	3 Porquinhos	13	1	9	2
		Gato das Botas	0	0	2	0
		Gata Borralheira	2	1	2	0
		Carochinha	6	0	4	0
		Peter Pan	2	2	2	2
	Masculino	3 Porquinhos	4	1	4	0
		Gato das Botas	0	1	0	0
		Gata Borralheira	1	0	1	0
		Carochinha	5	0	1	0
		Peter Pan	1	0	1	0

Na tabela acima apresentada observa-se que **os sujeitos masculinos seguros optam pela carochinha, nos sujeitos preocupados são as mulheres que escolhem o Peter Pan, pois os homens distribuem-se pelos 3 Porquinhos e pelo Gato das Botas. Por fim percebe-se que os sujeitos amedrontados são todas mulheres.**

Tabela 43: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo o Sexo dos Pais, à pergunta: A História que o pai gosta mais

	Sexo dos Pais		Vinculação			
			Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado
A História que o Pai gosta mais	Feminino	3 Porquinhos	11	1	6	3
		Gato das Botas	2	0	2	1
		Gata Borracheira	3	1	5	0
		Carochinha	5	2	5	0
		Peter Pan	2	0	1	0
	Masculino	3 Porquinhos	4	1	3	0
		Gato das Botas	2	0	1	0
		Gata Borracheira	1	0	1	0
		Carochinha	3	1	2	0
		Peter Pan	1	0	0	0

Na tabela acima apresentada observa-se que **as mulheres preocupadas escolhem efectivamente a carochinha, mas os homens escolhem tanto a carochinha como os 3 porquinhos.**

Tabela 44: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo o Sexo dos Pais, à pergunta: A História com que a criança se identifica

	Sexo dos Pais		Vinculação			
			Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado
A História Com que a criança se identifica	Feminino	3 Porquinhos	4	0	8	0
		Gato das Botas	2	0	1	1
		Gata Borracheira	7	1	4	0
		Carochinha	4	0	3	0
		Peter Pan	6	3	3	3
	Masculino	3 Porquinhos	2	0	3	0
		Gato das Botas	1	1	0	0
		Gata Borracheira	2	0	1	0
		Carochinha	3	0	1	0
		Peter Pan	3	1	2	0

Na tabela acima apresentada observa-se que **são as mulheres seguras que escolhem a Gata Borracheira e os homens optam tanto pela Carochinha como pelo Peter Pan.**

Tabela 45: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo o Sexo dos Pais, à pergunta: A História com que o pai se identifica

	Sexo dos Pais		Vinculação			
			Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado
A História com que o pai se identifica	Feminino	3 Porquinhos	4	0	4	0
		Gato das Botas	6	0	1	0
		Gata Borracheira	5	1	7	2
		Carochinha	4	2	3	0
		Peter Pan	4	1	4	2
	Masculino	3 Porquinhos	1	0	3	0
		Gato das Botas	1	0	1	0
		Gata Borracheira	3	0	1	0
		Carochinha	3	1	1	0
		Peter Pan	3	1	1	0

Na tabela acima apresentada observa-se que **as mulheres seguras identificam-se com o Gato das Botas e logo a seguir com a Gata Borracheira, ao passo que os homens se identificam com a Gata Borracheira, a Carochinha e o Peter Pan.**

Tabela 46: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo o Sexo dos Filhos, à pergunta: A História que a criança gosta mais

	Sexo dos Filhos		Vinculação			
			Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado
A História que a Criança gosta mais	Feminino	3 Porquinhos	9	0	9	0
		Gato das Botas	0	0	1	0
		Gata Borracheira	2	0	3	0
		Carochinha	10	0	4	0
		Peter Pan	0	1	2	0
	Masculino	3 Porquinhos	8	2	4	2
		Gato das Botas	0	1	1	0
		Gata Borracheira	1	1	0	0
		Carochinha	1	0	1	0
		Peter Pan	3	1	1	2

Na tabela acima apresentada observa-se que relativamente **aos sujeitos seguros, são os filhos meninos que preferem os 3 Porquinhos, pois as meninas gostam mais da Carochinha.** Constata-se ainda que não existem sujeitos amedrontados com filhas meninas.

Tabela 47: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo o Sexo dos Filhos, à pergunta: A História que o pai gosta mais

	Sexo dos Filhos		Vinculação			
			Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado
A História que o Pai gosta mais	Feminino	3 Porquinhos	7	0	7	0
		Gato das Botas	2	0	2	0
		Gata Borracheira	3	0	5	0
		Carochinha	7	1	4	0
		Peter Pan	2	0	1	0
	Masculino	3 Porquinhos	8	2	2	3
		Gato das Botas	2	0	1	1
		Gata Borracheira	1	1	1	0
		Carochinha	1	2	3	0
		Peter Pan	1	0	0	0

Na tabela acima apresentada constata-se que **os sujeitos desligados com filhos rapazes optam pela Carochinha em vez de pelos 3 Porquinhos.**

Tabela 48: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo o Sexo dos Filhos, à pergunta: A História com que a criança se identifica

	Sexo dos Filhos		Vinculação			
			Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado
A História com que a Criança se Identifica	Feminino	3 Porquinhos	2	0	6	0
		Gato das Botas	1	0	1	0
		Gata Borracheira	9	0	5	0
		Carochinha	7	0	3	0
		Peter Pan	2	1	4	0
	Masculino	3 Porquinhos	4	0	5	0
		Gato das Botas	2	1	0	1
		Gata Borracheira	0	1	0	0
		Carochinha	0	0	1	0
		Peter Pan	7	3	1	3

Na tabela acima apresentada observa-se **que nos seguros são os sujeitos com filhos meninas que se identificam com a Gata Borracheira e os com filhos rapazes que preferem o Peter Pan.**

Tabela 49: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo o Sexo dos Filhos, à pergunta: A História com que o pai se identifica

	Sexo dos Filhos		Vinculação			
			Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado
A História com que o Pai se identifica	Feminino	3 Porquinhos	2	0	4	0
		Gato das Botas	3	0	2	0
		Gata Borracheira	5	0	7	0
		Carochinha	5	1	2	0
		Peter Pan	6	0	4	0
	Masculino	3 Porquinhos	3	0	3	0
		Gato das Botas	4	0	0	0
		Gata Borracheira	3	1	1	2
		Carochinha	2	2	2	0
		Peter Pan	1	2	1	2

Na tabela acima apresentada percebe-se que, **nos sujeitos seguros os pais de meninas identificam-se com o Peter Pan, e os pais de meninos identificam-se com o Gato das Botas**, consistindo desta forma numa exceção. **Por sua vez verifica-se que são os sujeitos desligados com filhos meninas que se identificam com a Gata Borracheira, pois os com filhos rapazes preferem os 3 Porquinhos.**

Tabela 50: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo o Nº de Filhos, à pergunta: A História que a criança gosta mais

	Nº de Filhos		Vinculação			
			Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado
A História que a criança mais gosta	Apenas Um	3 Porquinhos	13	1	8	1
		Gato das Botas	0	1	2	0
		Gata Borracheira	1	0	1	0
		Carochinha	4	0	2	0
		Peter Pan	1	1	3	0
	Mais de Um	3 Porquinhos	4	1	5	1
		Gato das Botas	0	0	0	0
		Gata Borracheira	2	1	2	0
		Carochinha	7	0	3	0
		Peter Pan	2	1	0	2

Na tabela acima apresentada constata-se que, **os sujeitos seguros com mais de um filho preferem a Carochinha, em vez dos 3 Porquinhos.** Por fim evidencia-se que **são os sujeitos amedrontados com apenas um filho que escolhem os 3 Porquinhos e os com mais de um filho escolhem o Peter Pan.**

Tabela 51: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo o Nº de Filhos, à pergunta: A História que o pai gosta mais

	Nº de Filhos		Vinculação			
			Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado
A História que o Pai gosta mais	Apenas Um	3 Porquinhos	11	1	6	1
		Gato das Botas	3	0	3	0
		Gata Borracheira	3	0	2	0
		Carochinha	2	2	4	0
		Peter Pan	0	0	1	0
	Mais de Um	3 Porquinhos	4	1	3	2
		Gato das Botas	1	0	0	1
		Gata Borracheira	1	1	4	0
		Carochinha	6	1	3	0
		Peter Pan	3	0	0	0

Na tabela acima apresentada percebe-se que, **os sujeitos seguros com mais de um filho escolhem a história da Carochinha. Nos desligados evidencia-se que os que possuem mais de um filho optam pela Gata Borralheira.**

Tabela 52: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo o N° de Filhos, à pergunta: A História com que a criança se identifica

	N° de Filhos		Vinculação			
			Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado
A História com que a criança se identifica	Apenas Um	3 Porquinhos	3	0	9	0
		Gato das Botas	2	1	1	0
		Gata Borralheira	5	0	1	0
		Carochinha	4	0	2	0
		Peter Pan	5	2	3	1
	Mais de Um	3 Porquinhos	3	0	2	0
		Gato das Botas	1	0	0	1
		Gata Borralheira	4	1	4	0
		Carochinha	3	0	2	0
		Peter Pan	4	2	2	2

Na tabela acima apresentada observa-se que, **são os sujeitos desligados com apenas um filho que escolhem os 3 Porquinhos**, pois os com mais de um filho optam pela Gata Borralheira.

Tabela 53: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo o N° de Filhos, à pergunta: A História com que o pai se identifica

	N° de Filhos		Vinculação			
			Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado
A História com que o Pai se identifica	Apenas Um	3 Porquinhos	4	0	5	0
		Gato das Botas	4	0	2	0
		Gata Borralheira	6	0	4	1
		Carochinha	2	2	1	0
		Peter Pan	3	1	4	0
	Mais de Um	3 Porquinhos	1	0	2	0
		Gato das Botas	3	0	0	0
		Gata Borralheira	2	1	4	1
		Carochinha	5	1	3	0
		Peter Pan	4	1	1	2

Na tabela acima apresentada observa-se que, **os sujeitos seguros com mais de um filho identificam-se com a Carochinha e são os com apenas um filho que se identificam com a Gata Borralheira. Os sujeitos desligados com apenas um filho identificam-se com os 3 Porquinhos e só os que possuem mais de um filho é que se identificam com a Gata Borralheira. Por fim percebe-se que são os sujeitos amedrontados com apenas um filho que escolhem a Gata Borralheira e os que têm mais de um filho preferem o Peter Pan.**

Tabela 54: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo a Idade dos Filhos, à pergunta: A História que a criança gosta mais

Idade da Criança		Vinculação			
		Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado
≤ 3	3 Porquinhos	3	0	3	0
	Gato das Botas	0	0	0	0
	Gata Borracheira	0	0	0	0
	Carochinha	1	0	2	0
	Peter Pan	1	0	1	1
4-5	3 Porquinhos	13	2	9	2
	Gato das Botas	0	0	1	0
	Gata Borracheira	3	1	2	0
	Carochinha	8	0	0	0
	Peter Pan	2	2	2	1
>5	3 Porquinhos	1	0	1	0
	Gato das Botas	0	1	1	0
	Gata Borracheira	0	0	1	0
	Carochinha	2	0	3	0
	Peter Pan	0	0	0	0

Na tabela acima apresentada observa-se que, os **sujeitos seguros com filhos maiores de 5 anos escolhem a Carochinha**. Percebe-se que **não existem sujeitos preocupados com filhos menores de 3 anos**. Os **desligados com filhos maiores de 5 anos escolhem a carochinha**. Por fim evidencia-se que **não existem sujeitos amedrontados com filhos maiores de 5 anos**.

Tabela 55: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo a Idade dos Filhos, à pergunta: A História que o pai gosta mais

Idade da Criança		Vinculação			
		Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado
≤ 3	3 Porquinhos	2	0	1	1
	Gato das Botas	0	0	0	0
	Gata Borracheira	1	0	2	0
	Carochinha	1	0	2	0
	Peter Pan	1	0	1	0
4-5	3 Porquinhos	11	2	7	2
	Gato das Botas	4	0	2	1
	Gata Borracheira	2	1	3	0
	Carochinha	7	2	2	0
	Peter Pan	2	0	0	0
>5	3 Porquinhos	2	0	1	0
	Gato das Botas	0	0	1	0
	Gata Borracheira	1	0	1	0
	Carochinha	0	1	3	0
	Peter Pan	0	0	0	0

Na tabela acima apresentada observa-se que nos **sujeitos desligados apenas os que possuem filhos entre os 4/5 anos é que optam pelos 3 Porquinhos**, pois os que possuem **filhos mais pequenos preferem a Gata Borracheira e a Carochinha** e os que possuem **filhos maiores escolhem a Carochinha**.

Tabela 56: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo a Idade dos Filhos, à pergunta: A História com que a criança se identifica

A História com que a Criança se identifica	Idade da Criança	Vinculação				
		Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado	
	≤ 3	3 Porquinhos	1	0	3	0
		Gato das Botas	0	0	0	0
		Gata Borracheira	2	0	1	0
		Carochinha	1	0	1	0
	Peter Pan	1	0	1	1	
	4-5	3 Porquinhos	4	0	8	0
		Gato das Botas	3	0	0	1
		Gata Borracheira	6	1	2	0
		Carochinha	6	0	1	0
	Peter Pan	7	4	3	2	
	>5	3 Porquinhos	1	0	0	0
		Gato das Botas	0	1	1	0
Gata Borracheira		1	0	2	0	
Carochinha		0	0	2	0	
Peter Pan	1	0	1	0		

Na tabela acima apresentada constata-se que, nos **sujeitos preocupados**, os que possuem filhos entre os 4/5 anos são os que escolhem o Peter Pan. Nos desligados, os sujeitos com filhos maiores de 5 anos não escolhem os 3 Porquinhos mas a Gata Borracheira e a Carochinha.

Tabela 57: Distribuição dos sujeitos pelas Histórias segundo a Idade dos Filhos, à pergunta: A História com que o pai se identifica

A História com que o Pai se identifica	Idade da Criança	Vinculação				
		Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado	
	≤ 3	3 Porquinhos	1	0	1	0
		Gato das Botas	0	0	0	0
		Gata Borracheira	2	0	2	1
		Carochinha	1	0	1	0
	Peter Pan	1	0	2	0	
	4-5	3 Porquinhos	3	0	5	0
		Gato das Botas	6	0	1	0
		Gata Borracheira	5	1	4	1
		Carochinha	6	2	2	0
	Peter Pan	6	2	2	2	
	>5	3 Porquinhos	1	0	1	0
		Gato das Botas	1	0	1	0
Gata Borracheira		1	0	2	0	
Carochinha		0	1	1	0	
Peter Pan	0	0	1	0		

Na tabela acima apresentada percebe-se que, sujeitos **seguros com filhos entre os 4/5 anos identificam-se com o Gato das Botas, a Carochinha e o Peter Pan**, em vez da gata borracheira. **Os desligados na mesma faixa etária preferem os 3 Porquinhos** em vez da Gata Borracheira. Por fim nos **amedrontados** evidencia-se que os que possuem **filhos pequenos identificam-se com a Gata Borracheira** e os que possuem filhos **entre os 4/5 anos identificam-se com o Peter Pan**.

Tabela 58: Médias do Conhecimento dos diferentes Estilos de Vinculação nas várias Histórias

	Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado	Sig
	Média				
3 Porquinhos	33,26	36,25	41,56	14	<b>0,047*</b>
Gato das Botas	32	46,25	39,69	21,88	0,109
Gata Borralheira	36,35	28,08	35,25	41	0,736
Carochinha	32,34	41,83	37,50	39,88	0,560
Peter Pan	33,22	48,33	34,77	40,38	0,328

No quadro acima apresentado pode-se constatar que existe uma **diferença significativa** ao nível da **história dos 3 Porquinhos**, isto é, os sujeitos **Amedrontados** apresentam **um menor conhecimento da história dos 3 Porquinhos** que os restantes estilos.

Tabela 59: Médias do Conhecimento dos diferentes Estilos de Vinculação nas várias Categorias

	Seguro	Preocupado	Desligado	Amedrontado	Sig
	Média				
Personagem com que a criança se identifica	32,41	25,25	43,87	22,75	<b>0,033*</b>
Tema principal	35,43	41,17	33,90	38	0,864
Personagem Principal	33,78	48,50	34,08	39,88	0,325
Vilão/Personagens Secundárias	33	49,08	36,52	29,75	0,286

No quadro acima apresentado pode-se constatar que existe uma **diferença significativa** na categoria **Personagem com que a criança se identifica**, isto é, os sujeitos **Desligados** apresentam **um melhor conhecimento nesta categoria**, ao passo que os **Amedrontados** apresentam **o seu pior resultado nesta categoria**.

## Discussão dos Resultados

Nos sujeitos da amostra em estudo retiraram-se os seguintes resultados:

### Vinculação e Práticas Educativas

- Os sujeitos da amostra usam sobretudo o Conforto com a Proximidade (Segura), seguindo-se a Confiança nos Outros (Evitante) e por fim a Ansiedade (Ansiosa)
- Recordam com maior frequência o uso do Suporte Emocional à Mãe e ao Pai. Surgindo como prática menos usada pelos seus pais a Rejeição.
- Existência de uma Associação Positiva entre o modelo de vinculação Ansiedade e as práticas Rejeição Pai e Mãe e Sobreprotecção Mãe.
- Existência de uma relação negativa entre o Estilo de Vinculação Conforto com a Proximidade e a Prática Rejeição Mãe.
- Existência de uma relação negativa entre o Estilo de Vinculação Confiança nos outros e a Prática Suporte Emocional Mãe.
- Os sujeitos masculinos apresentam um padrão de vinculação Conforto com a proximidade (v. segura) com maior frequência do que as mulheres.
- Os solteiros usam com maior frequência o evitamento (Confiança nos outros) do que os casados.
- Os pais de rapazes apresentam mais sinais de vinculação Ansiosa do que os pais de meninas.
- Os sujeitos solteiros recordam com maior frequência o uso das práticas Rejeição por ambos os pais do que os casados.

### Histórias

- Os 3 Porquinhos é a história preferida de pais e filhos.
- Os pais identificam-se sobretudo com a Gata Borralheira e os filhos com o Peter Pan.
- As mulheres da amostra identificam-se com a Gata Borralheira, ao passo que os homens se identificam com a Carochinha e o Peter Pan.
- As meninas identificam-se com a Gata Borralheira e os meninos com o Peter Pan
- Os casados identificam-se com a Gata Borralheira e os solteiros com o Peter Pan
- Os filhos mais pequenos gostam mais dos 3 porquinhos e os mais crescidos da carochinha
- Independentemente da idade dos pais eles preferem sempre a Gata Borralheira
- As crianças que são filhos únicos identificam-se com os 3 porquinhos, enquanto as que têm irmão com o Peter Pan.
- Os pais possuem um melhor conhecimento da história dos 3 Porquinhos e um pior conhecimento do Gato das Botas

- Os pais possuem um melhor conhecimento da categoria “ Personagem com que a criança se identifica” e um pior conhecimento na categoria “ personagem principal”
- Os sujeitos casados possuem um melhor conhecimento da história da Gata Borralheira do que os solteiros
- Os pais de meninas possuem um melhor conhecimento da história dos 3 Porquinhos, da Gata Borralheira e da Carochinha do que os pais de meninos
- Os pais com filhos com 3 ou menos anos, apresentam um pior conhecimento da história dos 3 Porquinhos
- Os sujeitos casados possuem um melhor conhecimento na categoria “ Personagem com que a criança se identifica” do que os solteiros
- Os pais de meninas possuem um melhor entendimento na categoria “ Personagem com que a criança se identifica” do que os pais de meninas
- Os pais com apenas um filho têm um melhor conhecimento na categoria “ Personagem Principal” do que os pais com mais filhos
- O Estado civil e o sexo da criança parecem ser as variáveis que mais influenciam o conhecimento dos pais

### **Vinculação, Práticas Educativas e Histórias**

- Os sujeitos com vinculação Evitante (Confiança nos outros), apresentam um pior conhecimento da história o Gato das Botas
- Os pais que recordam a prática educativa Suporte Emocional por parte da mãe, apresentam um melhor conhecimento da história do Gato das Botas
- Os pais que recordam a prática Suporte Emocional por parte do pai, apresentam um melhor conhecimento da história da Gata Borralheira
- Os pais que recordam a sobreprotecção por ambos os pais, apresentam um melhor conhecimento do Gato das Botas. A sobreprotecção pai está ainda relacionada com um melhor conhecimento da Gata Borralheira.
- As estratégias desenvolvidas pela mãe, estão relacionadas com o Gato das Botas e as do pai com a Gata Borralheira.
- Os pais que recordam as Práticas Suporte Emocional Mãe e a Sobreprotecção Mãe apresentam um melhor conhecimento da categoria “ Vilão /Personagem Secundária”, enquanto a Sobreprotecção Mãe ainda se relaciona com a categoria” Tema Principal”
- Ao nível das categorias a figura materna parece ser mais influente do que a paterna
- Segundo a Nomenclatura de Bartholomwe, os sujeitos da amostra usam sobretudo a vinculação Segura, seguindo-se o Desligado, o Preocupado e o Amedrontado.
- O estilo seguro e o Desligado escolhem a história dos 3 porquinhos como a preferida do seu filho, ao passo que o Estilo Preocupado e Amedrontado optam para além dos 3 Porquinhos, ainda pelo Peter Pan
- Na preferência dos pais, observa-se que os 3 Porquinhos é a eleição de todos os estilos à excepção dos Preocupados que optam ainda pela Carochinha

- Na identificação da criança, os filhos de pais Seguros identificam-se com a Gata Borralheira e com o Peter Pan, os filhos de pais preocupados e Amedrontados identificam-se com o Peter Pan e os filhos de pais Desligados com os 3 Porquinhos
- Os pais seguros e Desligados identificam-se sobretudo com a Gata Borralheira, os preocupados com a Carochinha e os Amedrontados com a Gata Borralheira e o Peter Pan
- Conclui-se que os sujeitos Seguros, Desligados e Amedrontados possuem uma maior sintonia com o seu filho do que os Preocupados
- Os Pais Amedrontados possuem um pior conhecimento da história dos 3 Porquinhos
- Os pais Desligados possuem um melhor conhecimento na categoria “ Personagem com que a criança se identifica”

### **Conclusões que passaremos a explicar de seguida:**

Na análise dos Estilos de Vinculação, verifica-se que, os sujeitos da amostra desenvolveram sobretudo o **Conforto com a Proximidade, seguindo-se a Confiança nos Outros e por fim aparece a Ansiedade. Correspondendo aos estilos de vinculação descritos por Hazan & Shaver – Vinculação Segura, Evitante e Ansiosa.**

Isto é, os sujeitos da presente amostra são maioritariamente sujeitos que valorizam as relações de vinculação e consideram que estas experiências tiveram influência no seu desenvolvimento. As pessoas seguras são pessoas que relativamente à sua história pessoal relatam relações positivas sobre o apoio dado pelas figuras de vinculação, as quais constituíram uma base segura para o seu desenvolvimento.

De seguida foi-se perceber se os estilos de vinculação apresentam alguma relação com as práticas educativas usadas pelos seus pais na sua infância e adolescência.

Inicialmente constatou-se que os sujeitos da presente amostra **recordam com maior frequência o Suporte Emocional à Mãe e ao Pai. Surgindo como prática menos usada pelos seus pais a Rejeição.**

Visto isto, percebe-se que na amostra em questão a maioria dos sujeitos em estudo apresentam um estilo de vinculação seguro, assim como memórias de práticas educativas com base no suporte emocional quer à mãe quer ao pai.

O que confirma o facto dos pais sensíveis e atentos às solicitações dos seus filhos, que encorajam, aprovam e transmitem afecto, são pais que conseguem transformar as angústias da criança ( $\beta$ ) em pensamentos capazes de serem pensados ( $\alpha$ ). É desta

capacidade de rêverie dos pais que nasce a vinculação segura. Os pais tornam-se um continente capaz de receber as angústias dos filhos e atribuir-lhes um significado. Para além desta capacidade de rêverie, realça-se ainda a importância da noção de Holding de Winnicott, isto é, a forma como a criança é pegada, tratada e cuidada funciona como uma protecção contra as experiências assustadoras. O que nos leva a pensar que os pais que usam o suporte emocional, são pais mais sensíveis e contentores.

A análise da influência dos estilos educativos dos pais no desenvolvimento dos modelos de vinculação durante a fase adulta, revelou uma **associação positiva entre o modelo de Vinculação Ansiedade e as Práticas Rejeição Pai e Mãe e a Sobreprotecção Mãe. Isto é, os sujeitos que se submeteram a estes estilos educativos na sua infância ou adolescência, vêm na fase adulta a desenvolver uma vinculação ansiosa.** São sujeitos que não se sentem confortáveis sem terem relações de proximidade com os outros, mas têm receio de não serem tão importantes para os outros como outros são para eles.

O que explica os resultados encontrados uma vez que a prática educativa com base na rejeição caracteriza, pais que alteram constantemente a vontade dos filhos, sendo isto percebido pelos filhos como uma rejeição de si próprios como indivíduos. Consistem em práticas em que se usa o castigo físico e a privação de objectos ou privilégio entre outros. São pais que não possuem esta capacidade de rêverie, ou seja esta função continente / conteúdo, o que leva a que os filhos não lhe confirmem segurança nem protecção, acabando por não confiar nem em si nem nos outros.

**Observa-se ainda uma relação positiva entre o Estilo Ansiedade e a Prática Sobreprotecção Mãe,** aqui evidencia-se que a protecção excessiva da figura materna é mais decisiva no desenvolvimento do estilo de vinculação do que a paterna.

**Por sua vez, verifica-se uma relação negativa entre o Estilo de Vinculação Conforto com a Proximidade (vinculação segura) e a Prática Rejeição Mãe.** Isto é, os sujeitos que desenvolveram uma vinculação segura na fase adulta são sujeitos que possuem uma mãe que usou com pouca frequência a rejeição. Mais uma vez observa-se que o papel da mãe é mais decisivo no desenvolvimento da vinculação na fase adulta.

Pelo que relembramos alguns estudos que sugerem que a relação paterna tem uma maior influência na exploração do meio e na relação com o exterior (Lamb, 1975, cit por Soares, Martins & Tereno, 2007)

Por fim constata-se uma **relação também negativa entre o Estilo de Vinculação Confiança nos Outros (vinculação Evitante) e a Prática Suporte Emocional Mãe.**

Este estilo de vinculação caracteriza pessoas que não se sentem confortáveis com a proximidade, não confiam nos outros e não sentem receio de serem abandonadas.

Os sujeitos que desenvolvem este estilo de vinculação são sujeitos em quem os seus pais usaram com menor frequência estratégias educativas com base na aprovação, encorajamento, ajuda, compensação e expressão verbal e física de amor e carinho.

Os presentes resultados vão ao encontro dos resultados encontrados no estudo de Hazan & Shaver (1987 cit por Canavarro, 1999) onde os autores concluíram que os sujeitos com padrões de vinculação segura referem relações mais calorosas de ambos os pais para consigo e entre eles. Por sua vez sujeitos com padrões de vinculação evitante, por comparação com sujeitos ansiosos, descrevem as suas mães como tendo sido mais frias e rejeitantes.

No mesmo sentido surge a investigação de Feeney e Noller (1990 cit por Canavarro, 1999) em que evidenciaram que os sujeitos com vinculação segura referiam relações familiares mais positivas durante a infância, ao passo que os classificados como ansiosos, percepcionavam falta de suporte por parte dos pais.

De certa forma é como se os pais se encontrassem presentes, mas lhe faltasse esta capacidade de digerir os conteúdos mentais dos filhos.

Estes resultados vêm no sentido dos resultados encontrados na teoria que defende que a segurança na vinculação está relacionada a uma prestação de cuidados sensíveis (Bakerman-Kranenburg e tal, 2003; de Wolff, & Van Ljzerdoorn, Juffer, & Duyvesteyn, 1995 cit por Soares, Martins & Tereno, 2007)

Neste sentido, a vinculação segura parece desenvolver-se num ambiente relacional em que o cuidador é sensível aos sinais e comunicações do seu bebé, respondendo-lhe

adequadamente ao passo que modula eficazmente a activação emocional negativa. Desta forma, o bebé começa a desenvolver um modelo interno dinâmico dos cuidadores como um refúgio de segurança em momentos de mal-estar e como uma base segura. A partir da qual explora o mundo.

O que segue a linha das práticas educativas com base no suporte emocional, uma vez que, se trata de um ambiente relacional com base na aprovação, encorajamento, ajuda, compreensão e grande expressão de amor.

Estes resultados encontram ainda explicação ao nível da teoria dos modelos operativos internos. Isto é, o sujeito desde muito cedo é capaz de interiorizar as interacções nas quais participa, após formar representações dos objectos que o envolve mesmo que rudimentares, ou seja, através das trocas com as pessoas que o rodeiam, neste caso, os pais, o sujeito desenvolve modelos de relação, que uma vez postos em acção, o ajudam a compreender e interpretar o comportamento dos que lhe são próximos.

A função destes modelos é prever a reacção dos outros (Liljkovitch, 2004), assim como a influência do seu comportamento na reacção dos outros (López e cols, 2000), influenciando o seu comportamento nas relações com as figuras de vinculação.

Em simultâneo a criança desenvolve um modelo de si e um modelo do outro. O modelo de si corresponde a uma imagem de si como sendo mais ou menos merecedora de ser amada, enquanto, o modelo do outro diz respeito à sua percepção dos outros como estando mais ou menos atentos e sensíveis às suas necessidades.

Desta forma, os sujeitos submetidos a práticas educativas como a rejeição ou a sobreprotecção vão desenvolvendo ao longo da vida um sentimento de rejeição de si próprios como indivíduos, não se sentindo merecedores do amor do outro, pelo que na fase adulta acabam por desenvolver um modelo de vinculação com base na Ansiedade.

Realça-se ainda o facto de segundo Bretherten (1985, cit por Soares, 2001), outro factor crucial é a motivação da criança para se separar da figura de vinculação e explorar o meio. Desta forma, existem 2 objectivos, o estabelecimento da proximidade e a obtenção da segurança para a exploração do meio.

O que explica ainda, o facto de na presente amostra os sujeitos submetidos a práticas educativas de sobreprotecção por parte da mãe, também virem a desenvolver uma vinculação ansiosa. São resultados que surgem desta dificuldade em explorar o meio com segurança, uma vez que os pais não promovem a sua autonomia e independência.

Segundo a perspectiva desenvolvimental, o sentimento de segurança, é formado em vivências repetidas em que o medo e a ansiedade foram aliviados de uma forma adequada pela figura de vinculação (capacidade rêverie), levando a criança a regressar à exploração do meio. Ou seja, crianças que cresceram em ambientes relacionais cujas práticas educativas tenham tido por base quer a rejeição, caracterizada, por punições físicas e verbais, assim como por uma falta de aprovação e aceitação, quer a sobreprotecção, caracterizada, por pais com uma protecção excessiva, fez com que o medo e a ansiedade da criança não fossem aliviados, o que não lhe permitiu uma exploração adequada do meio, pois não se sentia segura para o fazer.

Assim, a figura de vinculação funciona como uma base segura, uma vez que a ajuda a superar o medo e a ansiedade, mas também lhe proporciona a segurança necessária para a criança retomar as explorações do meio. Assim sendo, o sentimento de segurança decorre deste processo de regulação mútua. Estas experiências promovem uma vinculação segura, isto é, “uma organização interna constituída por conhecimentos e expectativas positivas relativas à disponibilidade e responsividade da figura de vinculação e ao self como merecedor de atenção e de afecto e como componente para se confrontar com o mundo” (Soares, 2001, p. 85) Esta regulação mútua, não é mais do que a capacidade de rêverie dos pais.

Se por outro lado como é o caso dos resultados apresentados, a criança possuir experiências desfavoráveis ou adversas aquando da activação do sistema de vinculação, irá constituir uma vinculação ansiosa.

Para George e Solomon (1990) no sistema de Caregiving, a função da mãe é cuidar da criança no sentido em que ela se torne independente e autónoma, logo, verifica-se um decréscimo de intensidade da protecção à medida que a criança vai crescendo. O envolvimento elevado e próximo do bebé vai dando lugar a uma supervisão à distância,

em função das necessidades de apoio, mas também de autonomia. Até que por fim esta protecção fornecida pela mãe vai dar lugar a uma capacidade de auto-protecção da criança.

Pois, é esta capacidade de auto-protecção que vai falhar nos sujeitos cujos pais usaram a prática educativa de sobreprotecção, uma vez que, não se verificou este decréscimo da intensidade da protecção. Foram pais que não deram espaço à criança para resolverem os seus conflitos, aparecendo tudo já solucionado.

Estes pais até podem possuir uma função continente, recebendo adequadamente as angústias dos filhos, a diferença poderá verificar-se no passo seguinte, pois em vez de digerirem os conteúdos impossíveis de serem pensados e de lhes devolverem menos assustadores, estes pais passam automaticamente para a resolução da questão, não dando espaço à criança para elaborar adequadamente os seus receios. Existindo uma lacuna ao nível dos processos de autonomia e independência.

Esta abordagem traz-nos uma mudança no sentido em que se transfere do foco ser protegido – objectivo da criança, para o foco proporcionar protecção – objectivo da figura parental.

Para Greenberg & Speltz (1988), “ a sensibilidade dos pais aos sinais do seu bebé tem de evoluir para uma capacidade de conciliar os seus objectivos e os seus planos com os do seu filho mais crescido, tendo em conta os seus desejos e os seus afectos, o que irá aumentar a sua confiança neles, e o irá apoiar na construção com eles de uma «parceria corrigida quanto ao objectivo». Alguns comportamentos de cuidados são quase automáticos mas, quanto mais o filho cresce, mais difícil se torna os pais adaptarem-se a ele, como acontece na adolescência, porque o desejo dos pais de proteger entra em conflito com os desejos de autonomia dos filhos (Rabouam & Moralès-Huet, 2004).

O estudo de George e Solomon (1996), concluiu que as mães de crianças seguras caracterizam-se por representações mentais flexíveis do cuidado, ou seja, positivas e realistas elas avaliam o perigo para as suas crianças e a necessidade de cuidado em função da situação, da personalidade da criança, das necessidades de desenvolvimento,

etc. Enquanto, as mães de crianças evitantes demonstram ter desenvolvido modelos de representações convencionais, ou seja, elas descrevem-se a si próprias e às suas crianças de forma desvalorizada, acentuam os aspectos negativos da sua interacção e elaboram estratégias de protecção à distância. As mães de crianças evitantes usam processos defensivos da ordem da “ desactivação cognitiva”, elas desvalorizam as necessidades de vinculação dos filhos, o que as leva a desactivarem o seu sistema de comportamento de cuidado. (Raboum & Moralès-Huet, 2004)

Os estudos de Wolff e Van Ljzendoorn (1997) confirmam que as práticas sensíveis e responsivas predizem uma vinculação segura, ao passo que, cuidados severos, intrusivos, não responsivos ou inconsistentemente responsivos desenvolvem vinculações inseguras.

Na análise comparativa entre os estilos de vinculação e os dados demográficos, encontraram-se resultados significativos entre; **o estilo de vinculação seguro (conforto com a proximidade) e o género masculino, isto é os sujeitos masculinos da amostra apresentam um padrão de vinculação seguro com maior frequência do que as mulheres.**

**Verifica-se ainda que os sujeitos solteiros usam com maior frequência o evitamento (confiança nos outros) do que os casados. Isto é, os sujeitos que não possuem um parceiro desenvolvem com maior frequência este tipo de vinculação do que os sujeitos que possuem um parceiro, ou vice-versa, os sujeitos que possuem o modelo de vinculação evitante têm maior dificuldade em encontrar um parceiro estável.**

Como já foi atrás mencionado encontrou-se uma relação negativa entre o estilo de vinculação evitante e a prática educativa suporte emocional mãe, o que nos faz pensar que se tratam de sujeitos com pais menos atentos e sensíveis, os quais não funcionaram como um continente adequado, logo os filhos não lhe conferiram capacidades de segurança e protecção, capacidades estas, necessárias para o desenvolvimento de si como merecedor do amor dos outros. Se estes sujeitos não podem confiar nos pais, pois também não podem confiar em mais ninguém, uma vez que não são merecedores do amor de mais ninguém.

Actualmente são pessoas que não confiam nas outras, não têm receio de serem abandonadas e não se sentem confortáveis com a proximidade, o que de certa forma dificulta os relacionamentos amorosos. Em conclusão seriam sujeitos que não tiveram o privilégio de possuir uma “mãe suficientemente boa”.

Por fim encontra-se **uma diferença entre o estilo ansioso e o sexo dos filhos, isto é, os pais com filhos rapazes apresentam mais sinais de vinculação ansiosa do que os pais de meninas.**

Observa-se ainda uma **diferença significativa entre o estado civil e as práticas educativas rejeição quer pai quer mãe. Ou seja, a maioria dos sujeitos que foi submetido a estes estilos educativos encontram-se sem qualquer relacionamento amoroso estável na fase adulta.** O que nos faz pensar que uma falha na adaptação perfeita entre os pais e a criança em tenra idade, assim como uma falha nas capacidades de rêverie dos pais, irá desencadear a formação de um self mais inseguro que lhe trará dificuldades ao nível dos futuros relacionamentos. Se nos primeiros tempos de vida o bebé não se consegue rever nos olhos dos pais e sentir-se amado, então vai voltar a confrontar-se com esta dificuldade, anos mais tarde frente a um relacionamento amoroso. Pode-se pensar que se tratam de pessoas que desenvolveram uma falha ao nível da confiança nos outros e sobretudo em si mesmas, verifica-se uma dificuldade de acreditar e entregar-se ao outro, assim como uma auto-desvalorização.

Mais uma vez, os resultados encontrados na presente amostra fazem-nos pensar ao nível dos modelos operativos internos, isto é, os sujeitos submetidos a práticas educativas como a rejeição, acabam por interiorizar um sentimento de falta de aceitação e de aprovação o qual acaba por influenciar todos os seus futuros relacionamentos, levando a uma rejeição de si próprio como indivíduo, o que para além de os conduzir ao desenvolvimento de um modelo de vinculação de tipo ansioso, parece leva-los ainda a uma dificuldade ao nível do estabelecimento de uma relação amoroso estável, isto é, são sujeitos que não se sentem merecedores do amor dos outros.

Desta forma, percebe-se que nos sujeitos da amostra **o estado civil é o dado demográfico mais influenciado quer pelo estilo de vinculação apresentado, quer pelas práticas educativas sofridas.**

Se todos estes condicionantes são tão decisivos na infância, e se a infância segundo Klein (1923) é a altura em que a vida mental da criança é dominada pela Fantasia. Surgindo a fantasia como uma satisfação dos desejos, mas também como um aspecto defensivo, pois o próprio facto de fantasiar é uma defesa contra a realidade dolorosa.

A fantasia é utilizada como a principal função de adaptação à realidade, elaborando e organizando os conteúdos emocionais. (Magagnin, 1995)

Se a noção de fantasia é tão rica na infância, então a história infantil assume um papel crucial nesta fase de desenvolvimento, uma vez que é por meio dela que a criança acede a este mundo mágico.

Tal como nos diz Sá (2002) “o nosso espaço interior é um espaço de histórias”, permitindo à criança o contacto com a fantasia regressando mais organizada à realidade. Assim sendo, vejamos porque motivo escolhem os pais as histórias infantis que contam aos filhos? Será uma escolha aleatória ou condicionada por estes modelos de vinculação, isto é, pela forma como se relacionam e comunicam quer com os outros quer consigo próprios.

Na análise descritiva da I parte, percebe-se que, **quer os pais, quer os filhos escolhem a história dos 3 Porquinhos como a sua preferida, por sua vez a última história escolhida pelas crianças foi o Gato das Botas, enquanto, para os pais foi o Peter Pan. Relativamente à história com que ambos se identificam, surge o Peter Pan como identificação dos mais pequenos e a Gata Borralheira como identificação dos Pais.**

Uma das particularidades do presente estudo, que de certa forma o enriquece, é o facto de estarmos sempre a funcionar na mente do adulto, isto é, a própria escolha e identificação das crianças, não é mais do que a opinião dos pais desses mecanismos. Permitindo-nos dessa forma realizar uma compreensão não só das preferências e identificações dos pais como ainda da própria projecção que eles fazem dos interesses dos mais pequenos.

Ao longo da análise dos resultados iremos fazer uso da vantagem de interpretar esta rica dicotomia, isto é, tanto se pode pensar em termos de uma compreensão de 2 realidades distintas, como por vezes, de 2 faces da mesma realidade.

Nestes resultados realça-se o facto da história do Peter Pan surgir como a última escolha dos pais e depois como a história que eles identificam como identificação do seu filho. Ou seja, o Peter Pan não surge como um conto apaziguador dos conflitos do adulto, mas sim como ideal do eu das crianças. É como se aos adultos não fosse permitido gostar da simbologia do Peter Pan, mas depois pudesse ganhar relevância enquanto projecção dos mais pequenos.

Na própria identificação dos adultos privilegia-se o conto da Gata Borralheira, sendo uma narrativa mais evoluída do ponto de vista da maturidade relacional do que o Peter Pan.

Por outro lado pais e filhos escolhem a mesma história para sua preferência, o que de certa forma é explicado pelo facto de um história nunca se ler sozinha, trata-se de um acto relacional em que ambos aprendem as emoções e os sentimentos do outro. (Sá, 1995) O que leva a uma partilha de gostos.

Bettelheim (1998) acrescenta ainda que embora adultos e crianças desfrutem dos contos em conjunto, eles vivem esta experiência de uma forma diferente. A criança delicia-se com a fantasia, enquanto, os pais tiram o seu prazer do prazer experimentado pela criança. Desta forma, coloca-se a hipótese dos pais retirarem o seu gosto do gosto das crianças pelos 3 porquinhos.

Já ao nível das identificações, trata-se de um processo mais interno, em que cada um realiza a sua própria identificação projectiva. Relembremos que, a identificação é o processo psicológico pelo qual o indivíduo se constitui, este mecanismo de ordem arcaica permite ao sujeito expulsar de si e localizar no outro sentimentos e desejos difíceis de suportar. Nos contos, os processos internos são assim exteriorizados e tornam-se compreensíveis porque representados pelos personagens.

Segundo Barros (1995), o conto oferece-se como “placas de sinalização” que indicam alguns dos possíveis caminhos no longo trajecto que é crescer, apontando leituras para os problemas interiores, assim como possíveis soluções para esses conflitos. No fundo constitui um espaço de resposta à compreensão da pessoa de si mesma, seria como arrumar a casa, num espaço de confusão de sentimentos.

O conto apresenta-se como uma possibilidade estruturante, uma vez que, o processo primário, via de acesso ao imaginário aqui entendido como inconsciente, e o processo secundário inter-relacionam-se para produzir “imagens que combinam sentimentos e significados pessoais como implicações sociais e culturais mais vastas”.

O mundo que é aberto pela porta do conto de fadas é um mundo em que crianças e adultos se perdem no seu espaço de desejos, fantasias, medos, angústias, todas elas espaços e passos de crescimento que marcam o desenvolvimento, a transição o voltar a ver e ver com outros olhos, outras coisas, daí que, pais e filhos façam identificações diferentes.

**Ao nível da sua preferência pode-se concluir que os pais e os filhos da presente amostra encontram-se em sintonia.**

No que diz respeito à comparação entre esta I parte e os dados demográficos, apenas se encontram **diferenças relativamente ao sexo dos pais, na identificação destes, ou seja, as mulheres da nossa amostra identificam-se sobretudo com a história da Gata Borralheira, ao passo que os homens, tanto se identificam com a Carochinha como com o Peter Pan.**

Deixando-nos a interrogação do que é que existirá na mente da mulher que encontra voz na história da Gata Borralheira e na mente do homem que encontra soluções quer na Carochinha, quer no Peter Pan? Este fenómeno não será ao acaso com certeza. Existirão mecanismos que nos vão inculcando valores, desejos, medos que ao criarem a nossa identidade e aquilo que nós somos vão ainda encontrar voz nestes espaços de hiatos de fantasia que são as histórias infantis.

Segundo Ferro (1995) tanto nos podemos identificar com personagens simpáticas, sendo uma referência ao ideal do eu, como com personagens más, remetendo-nos para a parte má de nós próprios.

Ao pensar sobre estes resultados, a identificação dos homens com a Carochinha, parece-nos algo curioso, colocando-se a hipótese destes realizarem uma identificação à personagem do João Ratão, sedutor e narcisista, que pela curiosidade e gulosice acaba no caldeirão. Parece-nos pertinente pensar que os homens realizam uma identificação a este tipo de comportamentos, tal como à aventura e descomprometimento do Peter Pan. Talvez estas 2 personagens vão ao encontro do ideal do Eu masculino.

Por outro lado, temos as nossas mulheres, que se identificam à Gata Borralheira, ingénua e dócil que sem um verdadeiro propósito acaba por conquistar o coração do seu príncipe encantado. A sua beleza e pureza de espírito parecem encontrar eco na mente do género feminino. Com a análise destes dados, constata-se com clareza como homens e mulheres procuram sentires tão diferentes. Uns preferem a aventura e a magia da ousadia, ou confrontam-se com a consequência dos seus actos mais irreflectidos, enquanto outros a perfeição do amor incondicional.

Por sua vez no que diz respeito **ao sexo das crianças, quer os pais das meninas quer os pais dos meninos, escolhem a história dos 3 Porquinhos como a sua preferida e da sua criança. Observa-se que as crianças meninas da nossa amostra identificam-se sobretudo com a Gata Borralheira, enquanto os meninos se identificam com o Peter Pan. Os pais, quer sejam, pais de meninas ou de meninos identificam-se sempre sobretudo com a Gata Borralheira.** Estes resultados parecem estar relacionados com o facto dos sujeitos da nossa amostra serem sobretudo mulheres e estas identificarem-se com a Gata Borralheira. Esta identificação é muito própria, pois é, independente do facto de estarem a ler a história a um filho ou a uma filha. O que vai ao encontro do que nos sugere Bettelheim (1998) quando nos diz que os pais contam histórias aos filhos com base nas suas próprias necessidades. O que poderá ajudar a criança na sua compreensão do pai, logo na adaptação perfeita.

Os 3 Porquinhos, parece ser uma história versátil, transversal a qualquer género e idade. Ela percorre numa só história todas as fases de desenvolvimento, permitindo que cada sujeito faça a leitura que mais se aproxima a si. Vejamos, começa com a mãe a sair de casa e deixar os 3 filhotes, achando-os responsáveis e capazes de lidarem com a solidão. Cada porquinho simboliza uma fase de desenvolvimento diferente, isto é, desde o mais imaturo ao mais autónomo, contudo independentemente da fase de desenvolvimento o mais curioso para a mente quer da criança quer do adulto, é que no final saem todos vitoriosos, conseguem derrotar o lobo unindo-se por meio deste afecto de certa forma incondicional, pois no momento da verdade lá estavam os 3 a ajudar.

A “casa” à volta da qual se organiza a história dos 3 porquinhos, pode ser pensada como um símbolo de amor.

Sá (s/data) refere, a casa é o sítio onde estão os objectos do nosso amor. “ O espaço da casa constrói-se a partir da decoração do espaço da mente – com as suas harmonias e os seus choques – e ajuda-o a crescer a partir do espaço que ajudou a criar. Em casa, há os cantinhos, “a cadeira do pai”, “ a cama da mãe”, os objectos da casa não são objectos, mas espaços de nós que só têm sentido dentro dele porque existem no nosso interior e representam atribuições simbólicas que contêm emoções.....A casa é também lugar do amor. A casa é o espaço onde os afectos ganham a consciência dos sonhos acordados” (p.59 e 63)

O que explicaria o grande interesse dos mais pequenos por esta história. Já que para enriquecer a vida de uma criança, uma história para além de despertar a sua atenção e curiosidade terá de “ ...estimular a sua imaginação; tem de ajudá-la a desenvolver o seu intelecto e esclarecer as suas emoções; tem de estar sintonizada com as suas angústias e as suas aspirações; tem de reconhecer plenamente as suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam” (Bettelheim, 1998, p.11)

Constata-se ainda **que os mais pequenos apresentam resultados na sua identificação semelhantes aos adultos, isto é, confirma-se a preferência das meninas pela Gata Borralheira e dos meninos pelo Peter Pan.** O que mais uma vez vem provar que existem diferenças que são visíveis desde tenra idade, e que caracterizam esta nossa busca do ideal do eu, surgindo a história como o reflexo do nosso espaço interior.

**No estado civil mais uma vez não existem diferenças na preferência da história, mas depois na identificação observa-se que os pais casados acham que a sua criança se identifica com os 3 Porquinhos, enquanto os pais sem parceiro estável acham que a sua criança se identifica com o Peter Pan.**

Estes resultados são interpretados ao nível do estabelecimento de relações de proximidade. Crianças que vivam num ambiente familiar onde a proximidade relacional entre os pais é evidente, identificam-se com uma história que remete para relações familiares estreitas, ao passo que, crianças em que isto não se verifique procuram “arrumar” os seus sentimentos com base numa história que dá privilegio às relações de amizade.

Por sua vez, se recordarmos que atrás se percebeu que os sujeitos Evitantes eram sobretudo solteiros, podemos pensar que são os sujeitos Evitantes que escolhem para identificação do seu filho a história do Peter Pan. Estes sujeitos atribuiriam características suas, aos seus filhos e optariam por uma história em que a dependência relacional e afectiva é menos evidente.

Relativamente à sua própria identificação **são os casados que se identificam com a Gata Borralheira, ao passo que os solteiros optam pelas aventuras do Peter Pan.** Estes resultados revelam uma ponte entre as solicitações latentes das narrativas e a história pessoal dos sujeitos. Uma vez que, a história da Gata Borralheira nos reenvia para temáticas relacionais, existe um desejo de conjugalidade e vida a dois, ao passo que a história do Peter Pan privilegia, o desejo de não crescer, de permanecer estável numa determinada fase de desenvolvimento usando o id em vez do super eu, ou seja, o desejo da realização dos seus desejos.

O casamento e a vida em casal, é isto mesmo, ou por um lado existe uma maturidade pessoal e relacional que nos leva a sair da parentalidade (casa dos pais) em busca de relacionamentos fora da família, ou preferimos ficar presos a uma certa imaturidade relacional que não nos permite conjugar os nossos desejos e deveres com os do outro.

Mais uma vez verifica-se uma associação entre características particulares da pessoa e da própria história.

Realça-se ainda a sintonia existente entre os pais solteiros e os seus filhos, ou melhor, uma projecção dos pais nos interesses dos seus filhos.

Em termos de curiosidade podem ainda ser alvo de análise os seguintes resultados:

**Na situação profissional as pessoas que trabalham escolhem os 3 Porquinhos como a história que o seu filho gosta mais, enquanto as que não trabalham optam pela Carochinha e pelo Peter Pan.**

Ao analisarmos as histórias em questão percebe-se tratar-se de resultados bastante interessantes, uma vez que, os 3 Porquinhos é uma história que nos reenvia para a nossa própria maturidade e crescimento pessoal, em que existe a noção de dever e de compromisso com o outro. Esta é a história eleita pelas pessoas que são profissionalmente activas, isto é, as que possuem um compromisso e uma

responsabilidade profissional. As que não o são, dão preferência a histórias como a Carochinha, que vive à procura de uma saída fácil, ficando à janela à mercê de encontrar aquilo que deseja, e o Peter Pan como já foi referido vive num mundo gerido apenas pelos seus desejos mais regressivos. Estes resultados fazem-nos lembrar a importância de se ter percebido a razão desta inactividade, será que é uma escolha da pessoa ou uma imposição, pois com este dado a análise dos resultados ficaria mais rica, sendo apontado como uma limitação ao trabalho.

**Os pais activos preferem também eles a história dos 3 Porquinhos, os que não trabalham preferem ora a Gata borralheira ora o Peter Pan.** Continua-se a analisar os resultados no sentido de mais uma vez se tratarem de contos infantis em que não existe uma intervenção clara do protagonista no desfecho da história, como nos 3 Porquinhos, sendo esta uma história mais pró-activa.

**Na identificação dos seus filhos, os filhos de pais activos identificam-se com o Peter Pan e os filhos de pais sem qualquer actividade profissional identificam-se com a Gata Borralheira.** Os filhos de pais que trabalham fora de casa e que supostamente se encontram menos disponíveis para as suas crianças, optam pela história do Peter Pan, para seu objecto transitivo, enquanto, os filhos de pais que se encontram em casa, preferem a Gata Borralheira.

**Na identificação dos pais os activos identificam-se com a Gata Borralheira e os inactivos com a Carochinha.** Parece-nos uma identificação ao nível do merecimento do desfecho, isto é, os activos são mais positivos e esperam ser recompensados no fim, enquanto os inactivos, foram tão exigentes que acabaram sem concretizar o seu sonho.

**Na divisão por escolaridade, na escolha da história que a criança mais gosta, não existem diferenças ao nível das aptidões académicas, por outro lado quando falamos na história que o pai mais gosta, verifica-se que os sujeitos com a escolaridade mais baixa (6º) e os com a mais alta (Lic.) escolhem a Carochinha, ao passo que a escolaridade intermédia (9º e o 12ª ano) optam pelos 3 Porquinhos. No caso das identificações observa-se que as crianças identificam-se sobretudo quer na escolaridade mais baixa quer na mais alta com a carochinha e com o Peter Pan, à**

**exceção do 9<sup>a</sup> ano que preferem os 3 Porquinhos. Por fim na identificação dos pais, surge pela 1<sup>o</sup> vez a escolha da Gata Borralheira pelo grupo do 12<sup>o</sup> ano.**

Verificam-se escolhas diferentes, mas não se encontra nenhum padrão, pelo que se conclui que a escolaridade não parece ser decisiva na escolha dos contos infantis.

**Na comparação relativa à idade dos filhos, evidencia-se que os filhos mais pequenos gostam mais dos 3 Porquinhos, enquanto os mais crescidos (maiores de 5 anos) preferem a Carochinha.** O que nos remete para diferentes fases de desenvolvimento. As crianças maiores de 5 anos, encontram-se numa fase de desenvolvimento em que surge o seu interesse por temáticas relacionais e amorosas, tal como a Carochinha nós solícita, sugerindo à criança algumas soluções para as suas inquietações. Por sua vez os mais pequenos encontram-se numa fase anterior em que encontram nos 3 Porquinhos a forte ligação familiar à qual corresponde grande parte das vezes, à sua inquietação.

Na escolha da história preferida dos pais, observa-se que existe uma sintonia entre estes e os seus filhos, uma vez que optam pela sua história preferida consoante a fase de desenvolvimento e o interesse da criança. Pelo que surge o Peter Pan nos mais pequenos, ainda egocêntricos e centrados nas suas necessidades e desejos, depois surge os 3 Porquinhos nos 4/5 anos, aqui a criança começa a possuir a perspectiva do outro e a descentrar-se de si para a relação com o outro, ainda que familiar. Por fim aos 5 anos, o interesse da criança prende-se com a descoberta das relações fora da esfera familiar. Por sua vez na identificação da criança, já surge o Peter Pan nas crianças mais pequenas e a Gata Borralheira nas maiores de 5 anos. Os pais identificam-se sempre com a Gata Borralheira independentemente da idade da criança.

Relativamente à idade dos pais não se encontram diferenças entre os grupos ao nível da escolha das histórias, isto é, **independentemente da idade dos pais, as crianças gostam mais dos 3 Porquinhos e os pais da Gata Borralheira, as crianças identificam-se com o Peter Pan e os pais com a Gata Borralheira.**

O que nos sugere que a idade dos adultos não é significativa na preferência das solicitações das narrativas, existindo outros factores mais decisivos.

No que diz respeito ao **nº de filhos, observa-se que o nº de filhos não é preponderante na preferência das histórias da criança, mas na preferência dos pais, já se observa que os pais com apenas um filho optam pelos 3 Porquinhos, enquanto os pais com mais de um filho tanto escolhem os 3 Porquinhos como a Carochinha.** A Carochinha é a preferência dos sujeitos que têm mais filhos, verificando-se mais uma vez a transversalidade do conto dos 3 Porquinhos.

**Nas identificações as crianças que são filhos únicos, identificam-se com os 3 Porquinhos, enquanto as que possuem irmãos optam pelo Peter Pan.** Estes resultados fazem-nos pensar em termos de desejo da criança de possuir irmãos. Ela revive através das personagens as aventuras inerentes às relações fraternas. A criança usa a história para viver aquilo que não pode fazer no real.

**Na identificação dos pais, os pais com apenas um filho identificam-se com a Gata Borralheira e os que têm mais filhos com a Carochinha.**

A Carochinha parece adequar-se ao imaginário dos pais com mais de um filho, oferecendo-se assim como um espaço organizante para as suas angústias.

Estes resultados permitem-nos concluir, que não existem escolhas ao acaso, mas que pelo contrário estas particularidades são fruto da projecção da pessoa num espaço privilegiado, que é tão bem conhecido pela nossa mente, como é o espaço do conto. O conto funcionária assim, como um espaço intermédio, como objecto transitivo que coloca fora de nós o reflexo daquilo que somos. E ainda, permite por meio da leitura da narrativa por si escolhida, realizar uma leitura de si mesmo.

Se esta escolha não é aleatória, talvez seja condicionada pelos Modelos de Vinculação e por sua vez pelas Práticas Educativas. Sendo entendido o conto como um produto da fantasia, uma síntese das metáforas da mente, fazendo parte intrínseca da nossa história e da nossa mente, tal como nos diz Lodge (2009) o cérebro não vive à margem de histórias. A nossa história está relacionada com a forma como fomos cuidados, protegidos e sobretudo amados, isto é Vinculados.

A escolha da história não será mais do que a projecção da nossa forma de estar e entender o outro, a nós próprios e o mundo em geral.

O que nos faz pensar, tal como referimos anteriormente, que a própria percepção que os pais têm das preferências e identificações dos seus filhos, tanto podem ser reais, como meras projecções daquilo que eles sentem. Colocando-se esta última hipótese, acredita-se ainda, que estas identificações seriam as autênticas identificações, uma vez que não existiria qualquer mecanismo defensivo, já que estaríamos a recriar uma imagem do outro.

Agora que já se conhecem as preferências dos sujeitos da amostra, tentou-se aprofundar um pouco mais e perceber de que história os pais possuíam um melhor conhecimento? Relativamente à II parte do instrumento, tentou-se averiguar qual seria a história que os pais interpretariam melhor, isto é, tentou-se criar um instrumento que avaliasse o conhecimento e a interpretação mais profunda da história. O que desperta neles? Para onde reenvia os seus pensamentos e sentimentos?

Relativamente à estatística descritiva da análise por História verifica-se que os sujeitos da amostra possuem **um conhecimento mais profundo da história dos 3 Porquinhos, a qual tem sido nomeada como a história preferida quer de pais quer de filhos, o que nos faz pensar que existe uma harmonia neste sentido, pelo que, a narrativa preferida dos sujeitos é ainda a narrativa da qual eles possuem uma melhor interpretação.** De seguida surge a história da Carochinha, da Gata Borralheira, do Peter Pan e por fim do Gato das Botas. O Gato das Botas para além de surgir como a história que os pais menos conhecem, também não tem surgido como escolha deles, nem como identificação.

A história dos 3 Porquinhos, surge como preferência de pais e filhos e ainda como melhor conhecimento dos pais. O desenrolar deste conto, faz-nos lembrar o bom e o mau objecto de Klein. Teríamos o porquinho que faz a casa de palha que simbolizaria o mau objecto e o irmão que faz a casa de tijolos como símbolo do bom objecto. Relembremos que é por meio desta projecção e reintrojecção que o eu da criança através da clivagem cria o bom e o mau objecto. Este mecanismo é uma forma defensiva de se lidar com a ansiedade e de se poder introjectar o bom objecto, existindo uma idealização do bom objecto. Para que uma criança passe de um mau objecto para um bom objecto é necessário que exista um processo de luto. Tal como acontece na história dos 3

porquinhos, uma vez que o mau objecto (casa de palha) não sobrevive às investidas do lobo mau, isto é não serve o ideal do eu da criança. O facto de a criança acreditar no bom objecto (casa de tijolo), faz com que ela esteja mais bem preparada para lidar com a ansiedade, levando à reintegração do eu. Pois o bom e o mau estão relacionados com a capacidade de frustrar ou satisfazer o eu. Deste modo os mais pequenos percebem que as percepções não são provenientes de um objecto bom ou mau, mas sim de um objecto total, A Mãe.

Os objectos que são internalizados em fantasia, transformam-se em estruturas internas, como o superego, tornando-se cada vez mais realistas. Muda a natureza das fantasias de relação de objecto parcial, ideal e persecutória para relação com objectos internos, tais como os pais, os irmãos, a família, e a fantasia diz mais respeito à reparação, dando desta forma lugar à sublimação.

Na análise por Categoria, formaram-se 4 categorias, tendo em conta que cada pergunta remete para uma dessas categorias. Neste sentido percebe-se que os sujeitos da amostra demonstraram um **melhor conhecimento na categoria da personagem com que a criança se identifica**, isto é, os pais demonstraram uma boa percepção da identificação do seu filho ao ouvir a história, pode-se ainda concluir que os pais da amostra estão despertos e interessados naquilo que a história desperta no seu filho. São sensíveis às emoções da criança nesse momento. Por outro lado, estes resultados ganham ainda interesse na perspectiva de podermos estar a analisar a própria identificação projectiva dos pais. De seguida possuem um **bom entendimento das personagens secundárias, do tema principal e por fim da personagem principal**. Estes resultados fazem-nos pensar que os pais não estão tão preocupados com o conteúdo da história, mas dão mais importância às preocupações e emoções da criança, averiguando com quem se identifica, quem é o seu personagem preferido, em que fase de desenvolvimento ela se encontra, qual é o seu entendimento da narrativa. O que nos faz concluir que a história poderá ser um bom veículo de conhecimento e adaptação dos pais aos filhos.

Relativamente à comparação entre grupos tendo por base os dados demográficos.

Na análise por História, **não se verificaram diferenças estatisticamente significativas relativamente ao sexo dos pais, situação profissional e escolaridade. Observando-se uma diferença significativa relativamente ao estado civil. Os sujeitos casados**

**demonstram um conhecimento mais profundo da história da Gata Borralheira do que os solteiros. Pelo que mais uma vez a Gata Borralheira parece estar intimamente ligada às relações de conjugalidade.**

Pode-se ainda concluir que este conhecimento mais profundo da história, está relacionado com a própria identificação que eles fazem a essa história, ou seja, com os pontos de contacto entre as solicitações da narrativa e as vivências psíquicas dos sujeitos. Pois, parece que são os sujeitos com um parceiro estável, que melhor entendem as representações da história, ao passo que os sujeitos que se encontram sozinhos não a entendem. É como se existisse algo interno aos sujeitos que os ajudasse a aprofundar um bom conhecimento da mesma. Parece que só os sujeitos que investem e acreditam nos relacionamentos amorosos (casados) encontram explicação aos seus problemas internos nas interpretações da Gata Borralheira.

**O que vem reforçar a ideia de que estes resultados não surgem ao acaso, mas que são o reflexo de mecanismos internos que nos guiam.**

Embora não se tivesse encontrado uma associação estatisticamente significativa entre os modelos de vinculação e as histórias infantis, sugere-se o seguinte raciocínio. Como se acabou de referir parece que os sujeitos casados possuem algo interno a si que os faz estarem mais atentos às solicitações da história da Gata borralheira, ao passo que os solteiros não se encontram despertos para essa temática. Estes resultados levam-nos a lembrar que na amostra em questão se encontrou uma associação positiva entre o estilo de vinculação ansiedade e os sujeitos solteiros, o que nos conduz a colocar a seguinte hipótese: Será que os sujeitos com um modelo de vinculação ansiosa têm maiores dificuldades em entender a história da Gata Borralheira?

Relembremos ainda que, na amostra em questão se constatou uma associação entre os sujeitos solteiros e as práticas educativas com base na rejeição. Voltando a fazer-nos pensar que talvez os sujeitos solteiros da nossa amostra, desenvolveram uma imagem de si e dos outros mais negativa, levando-os não só ao desenvolvimento do estilo de vinculação ansiosa, mas também ao desenvolvimento de uma dificuldade ao nível dos relacionamentos e da confiança no outro, dificuldade esta que lhe dificulta ou até impede o entendimento da história da Gata Borralheira, uma vez que esta retrata a relação a 2 e o desejo de união.

Aos solteiros falta-lhes algo, ou encontram-se numa fase de maturidade diferente, dando atenção a conteúdos diferentes.

No que diz respeito ao sexo da criança. **Constata-se que os pais de meninas têm um conhecimento melhor da história dos 3 Porquinhos, da Gata Borralheira e da Carochinha do que os pais de meninos.** O que será que possuem os pais de meninas que lhes permitem estarem mais aptos para lidarem com as exigências das suas filhas?

Se recordarmos que na I parte os pais **escolheram os 3 Porquinhos como a história que os seus filhos tanto rapazes como raparigas mais gostam, de seguida percebemos que no que diz respeito tanto à Carochinha como à Gata Borralheira foram sobretudo a escolha das meninas, pois os rapazes preferiram o Peter Pan.**

O que nos faz pensar que estes resultados se devem sobretudo ao facto destas histórias serem as histórias preferidas das meninas, daí os pais possuírem um melhor conhecimento delas. Podendo-se ainda pensar que talvez estes contos possuam solicitações que os pais achem importantes transmitir ao universo do mundo feminino. Estes resultados mais uma vez poderão ser entendidos à luz de uma boa harmonia entre os pais e os filhos da nossa amostra.

Relativamente à idade dos filhos, **percebe-se que os pais de crianças com idades iguais ou menores a 3 anos, apresentam um pior conhecimento da história dos 3 Porquinhos,** o que nos reenvia para o facto dos 3 Porquinhos remeter para conteúdos e solicitações para as quais os mais pequenos ainda não estão despertos. Pois ainda vivem numa relação de grande dependência das figuras parentais, ao que não entendem este afastamento da mãe dos porquinhos, podendo até angustiá-los em demasia.

No que diz respeito as categorias, verifica-se que **não existem diferenças significativas relativamente ao sexo dos pais, situação profissional e escolaridade.** Tal como na subdivisão por história, o que nos faz pensar que estes 3 dados não são decisivos no conhecimento mais profundo dos pais. Ao passo que sobretudo o estado civil e o sexo da criança influenciam o conhecimento que os pais têm das histórias.

Relativamente ao **estado civil**, observou-se que os sujeitos casados possuem um **melhor entendimento na categoria personagem com que a criança se identifica do que os solteiros**, isto é, os sujeitos casados parecem estar emocionalmente mais disponíveis para entender as emoções e angústias das crianças ao ouvirem uma história. Embora não apresente uma diferença significativa pode-se observar que os sujeitos solteiros possuem um melhor entendimento da categoria vilão /personagem secundária. O que nos mostra que o mundo interno dos sujeitos solteiros entende melhor as solicitações das personagens mais “ousadas”.

Na análise do sexo da criança percebe-se que **os pais de meninas possuem um melhor entendimento da história na categoria a personagem com que a criança se identifica do que os pais de meninos**.

**Mais uma vez evidencia-se que os pais de meninas estão mais atentos e sensíveis às solicitações das histórias do que os pais de meninos. Relembrando-se que são os pais de meninos que possuem mais indícios de vinculação ansiosa do que os pais de meninas. Lança-se a hipótese de os sujeitos com o modelo de vinculação Ansioso, possuírem um pior conhecimento e entendimento das histórias infantis, nomeadamente dos 3 Porquinhos, da Gata Borralheira e da Carochinha.**

Esta possível dificuldade na interpretação destas 3 narrativas, pode ser analisada à luz do desejo de proximidade e intimidade que a relação de vinculação ansiosa possui, mas ao mesmo tempo do seu grande receio de não serem tão importantes para os outros como os outros são para eles, pelo que, parece existir uma proximidade entre a realidade psíquica destes sujeitos e as solicitações das histórias, uma vez que, são 3 narrativas em que se encontram implicitamente presentes o sentimento de falta de aprovação ou até de rejeição. Vejamos, nos 3 porquinhos o afastamento da mãe pode ser interpretado à luz do abandono e da rejeição, por sua vez na Gata Borralheira o sentimento de rejeição é nítido entre a madrasta, as irmãs e a Gata Borralheira. Na Carochinha também é visível esta dicotomia entre o ser aceite ou rejeitado.

Por fim constata-se que os sujeitos **com apenas um filho parecem possuir um melhor conhecimento da categoria personagem principal do que os que possuem mais**

**filhos. Coloca-se a hipótese do nº de filhos poder interferir na disponibilidade emocional dos pais para lidar com esta categoria.**

Tendo em conta o objectivo principal do estudo, averiguar se existe relação entre os estilos de vinculação e as escolhas das histórias infantis. Embora por meio do coeficiente de correlação de Pearson não se tenha verificado qualquer relação entre os estilos de vinculação e as histórias infantis ou as categorias, realça-se **a relação entre o estilo de vinculação Confiança nos Outros (vinculação evitante) e a história do Gato das Botas.**

Esta relação não é estatisticamente significativa, mas parece-nos possuir uma leitura qualitativa uma vez que se encontra no limiar de significância ( $\alpha$  0,058). Caso se tenha em consideração esta significação, trata-se de uma relação negativa, isto é, **os sujeitos com um estilo de vinculação Evitante possuem um pior entendimento da história o Gato das Botas, assim sendo, evidenciam dificuldades ao nível da interpretação e integração das solicitações desta narrativa.** Olhando para as características deste modelo relacional, identificam-se claramente pontos antagónicos entre o mundo interno e relacional destes sujeitos e as solicitações implícitas neste conto. Os sujeitos evitantes estabelecem uma relação de objecto em que é preponderante uma forte dificuldade em estabelecer relações estáveis de confiança, possuindo sistematicamente uma desconfiança nos outros. Fazendo com que este modelo relacional encontre um obstáculo interpretativo, na história do Gato das Botas, uma vez que nesta narrativa evidencia-se uma relação de objecto diametralmente oposta. A personagem principal, o Gato, brinda-nos com uma capacidade invejável ao nível do investimento no outro, capacidade esta impossível de assimilar e integrar pelos sujeitos evitantes, uma vez que não encontra qualquer ponto de contacto com o seu interior. A aproximação a este estilo relacional deixaria estes sujeitos muito desprotegidos e vulneráveis frente a sua principal angústia.

Quando vamos analisar as Memórias de Infância e as histórias, percebe-se que o conhecimento que os pais possuem das histórias apresenta uma associação com as práticas educativas sofridas na infância, na sua maioria. Isto é, a forma como os seus pais, cuidaram deles, os encorajaram ou rejeitaram, condiciona claramente o

conhecimento das mensagens transmitidas nos contos infantis. Contos estes, que poderão ser entendidos como o produto de nós próprios.

Desta forma, pensa-se que a sensibilidade parental e a sua responsividade adequada nos momentos angustiantes para a criança ou adolescente, organizam por meio dos modelos operativos internos, a avaliação e o relacionamento nas suas futuras interações, criando como que, uma imagem de si e do outro. Imagens estas que ficam enraizadas na nossa mente, interligando-se com a fantasia, que nos liga à realidade e nos ajuda na organização e elaboração dos conteúdos emocionais. (Magagnin, 1995) De forma a projectarem e sintetizarem na história infantil, todo o nosso mundo interior, surgindo as suas preferências e o seu melhor ou pior conhecimento, não de forma aleatória, mas induzida por todo este experienciar individual que torna o ser único.

Se o nosso espaço interior é um espaço de histórias e o nosso cérebro não vive à margem das histórias, então elas tornam-se o meio favorável e adequado à exteriorização do nosso sentir mais profundo. É como se existisse uma linha directa entre a pessoa que somos, como resultado das nossas vivências e a fantasia, “ como desejo inconscientemente trabalhado pela capacidade do pensamento lógico, a fim de dar origem a uma expressão disfarçada e a uma satisfação imaginária de um desejo pulsional (Magagnin, 1995, p.5) Este desejo vai encontrar satisfação no fim de linha nos conteúdos e solicitações de determinadas histórias. Escolhidas por este motivo não ao acaso, mas de forma minuciosa.

Segundo Klein (1986) as fantasias assumem tanto um papel de satisfação de desejos como um aspecto defensivo. Aspecto defensivo este que poderá explicar as associações negativas entre os modelos de vinculação e o conhecimento das histórias. Aqui não se realiza propriamente uma identificação projectiva, mas por outro lado, uma defesa contra as solicitações do conteúdo latente do conto.

Vejamos agora em particular as associações encontradas. Constataram-se relações significativas entre, a **estratégia Suporte Emocional Mãe e a história do Gato das Botas, isto é, os pais sujeitos à estratégia educativa Suporte Emocional por parte da sua Mãe, apresentam um melhor conhecimento da história do Gato das Botas, enquanto os sujeitos submetidos à prática educativa Suporte Emocional por parte do**

**Pai, apresentam um melhor conhecimento da Gata Borralheira.** Por sua vez os participantes sujeitos à prática **Sobreprotecção por ambos os pais, também possuem um melhor conhecimento do Gato das Botas.** Por fim a **Sobreprotecção Pai está ainda relacionada com a Gata Borralheira.** Isto é, as **estratégias desenvolvidas pela mãe estão relacionadas com o Gato das Botas e as desenvolvidas pelo pai estão relacionadas com a Gata Borralheira,** o que nos faz pensar que a figura paterna, quer encorajante, quer de extrema protecção, parece ser decisiva na compreensão da história da Gata Borralheira e a figura materna na compreensão do Gato das Botas. Ou por outro lado, o conteúdo encontrado no Gato das Botas, auxilia a compreensão e a elaboração de temáticas relacionais relativas à relação com a nossa mãe, enquanto a Gata Borralheira permite o acesso às questões relacionais ligadas ao nosso pai.

O conto do Gato das Botas, parece realmente ser um meio privilegiado à compreensão de estilos relacionais com ligações afectivas fortes, uma vez que, as práticas suporte emocional e sobreprotecção estão associadas a relações de vinculação seguras e ansiosas.

A história da Gata Borralheira evidencia ainda, o simbolismo de um pai fisicamente ausente, mas internamente presente, isto é, ao nível dos processos internos ele está presente e é guardado e recordado de forma organizante e apaziguador das angústias da sua filha (a Gata). Nos processos inconscientes da personagem, este pai é um pai “suficientemente bom”. Por sua vez esta narrativa, encontra-se intimamente ligada às trocas relacionais que os sujeitos estabeleceram com os seus pais, quer sejam interacções encorajantes (suporte emocional pai), quer sejam de extrema protecção (sobreprotecção pai). As pessoas que possuem internamente este tipo de representações face ao seu pai, vão por sua vez, desenvolver mecanismos que lhes permitem interpretar melhor a fantasia emergente na Gata Borralheira.

Na análise por categoria, encontra-se a **figura materna como peça decisiva na compreensão da categoria Tema Principal e Vilão/Personagens Secundárias.** Isto é, existe uma **relação positiva entre o Suporte Emocional Mãe, a Sobreprotecção Mãe e a categoria Vilão /Personagem Secundária,** ao passo que a **Sobreprotecção Mãe ainda se relaciona como Tema Principal.** Desta forma, os sujeitos que possuem mães

que usam estes 2 tipos de estratégias apresentam melhores resultados nestas categorias. Estas constatações, permitem-nos concluir ainda que o maior ou menor investimento da figura materna é mais preponderante do que o da figura paterna.

Tendo em conta que uma das grandes vantagens da escala de vinculação Eva, é o facto de realizar uma avaliação contínua, permitindo a cada sujeito distribuir-se pelos 3 padrões de vinculação, Ansiedade, Conforto com a proximidade e Confiança nos Outros, verificando-se um paralelismo com os estilos encontrados por **Hazan & Shaver (1987) Vinculação Ansiosa, Segura e Evitante.**

A escala permite-nos ainda após uma análise exploratória, realizar um estudo comparativo entre as 3 dimensões de vinculação encontradas por Canavarro e os 4 estilos de vinculação encontrados por **Bartholomew (1990), Seguro, Preocupado, Desligado e Amedrontado.**

Bartholomew (1990), “comprovou que o perfil de vinculação evitante, definido por Hazan e Shaver (1987) era diferente do definido por Maine et al. (1985). A autora verificou que o padrão de vinculação evitante, tal como foi descrito por Maine et al. (1985) se caracterizava por níveis elevados de repressão, negação e invulnerabilidade, enquanto Hazan e Shaver (1987) o descreviam como uma combinação de insatisfação, sensações conscientes de depressão e vulnerabilidade. Por esta razão a autora considerou que uma única categoria de vinculação evitante poderia mascarar tipos diferentes de vinculação” (Canavarro, 1999, p.125) Desta forma Bartholomew (1990) sugere-nos um modelo com 4 padrões de vinculação: Seguro, Preocupado, Evitante-Desligado e Evitante com medo.

Vinculação Segura – Indica a percepção de si mesmo como merecedor e digno dos cuidados dos outros, combinado com expectativas de que habitualmente os outros estão acessíveis, disponíveis e que respondem de forma adequada às suas necessidades. Correspondendo ao padrão seguro de Hazan e Shaver (1987). São pessoas que se sentem confortáveis dependendo dos outros e sabendo que os outros dependem delas. Não se preocupam com as eventualidades de ficarem sozinhos ou de os outros não as aceitarem.

Vinculação Preocupada – indica a percepção de si próprio como não merecedor dos cuidados dos outros, conjugada com uma avaliação positiva destes. São pessoas que gostariam de estar próximas dos outros, mas sentem os outros relutantes em aproximarem-se delas. Não se sentem confortáveis sem terem relações próximas com os outros, mas às vezes preocupam-se por não serem tão importantes para os outros como os outros o são para eles.

Vinculação Evitante – Desligado – combina a percepção do próprio como merecedor de cuidados dos outros com a representação destes como não respondendo às suas necessidades. São pessoas que se sentem confortáveis sem estabelecer relações próximas. Para eles é importante sentirem-se independentes e auto-suficientes, preferindo não depender dos outros mesmo que estes dependam deles.

Vinculação Evitante com medo (Amedrontado) – caracteriza-se pela percepção do próprio como não merecedor dos cuidados dos outros, combinado com uma avaliação destes como pessoas em quem não se pode confiar. Este padrão assemelha-se ao evitante de Hazan e Shaver (1987). São pessoas que gostariam de estabelecer relações próximas mas têm receio de confiar completamente nos outros ou de depender deles. Preocupam-se com a possibilidade de serem magoados, se os outros se aproximarem deles. (Canavarro, 1999, p. 127,128)

Voltando a analisar a presente amostra com base nos 4 Padrões de Bartholomwe (1990), percebe-se que os sujeitos apresentam sobretudo o **estilo Seguro, tal como se tinha analisado tendo por base a nomenclatura de Hazan e Shaver, seguindo-se o Desligado, o Preocupado e por fim o Amedrontado, tal como no anterior Evitamento e Ansioso.**

Pegando-se nesta nova nomenclatura, foi-se tentar perceber apenas em termos de curiosidade a distribuição dos diferentes estilos de vinculação pelas histórias. Onde se concluiu o seguinte:

**Na história que a criança gosta mais, verificou-se que o estilo Seguro e Desligado, escolhe os 3 Porquinhos como a história que o seu filho gosta mais, ao passo que o estilo Preocupado e Amedrontado para além dos 3 Porquinhos escolhem ainda o**

**Peter Pan.** Realça-se ainda que os sujeitos Seguros não dão nenhuma resposta Gato das Botas, os Preocupados não dão respostas Carochinha e os Amedrontados não dão respostas Gato das Botas, Gata Borracheira e Carochinha. O Desligado é o único estilo que se distribui por todas as histórias.

Os Amedrontados são pessoas que se sentem desconfortáveis com a proximidade dos outros. Gostavam de estabelecer relações próximas mas têm receio de confiar por inteiro nos outros, têm receio de sair magoados. Na presente investigação estes sujeitos não identificam como preferência dos seus filhos histórias que remetem para uma proximidade relacional e para uma confiança.

Os 3 Porquinhos continuam a ser a história transversal aos 4 modelos de vinculação.

**Na preferência dos pais, observa-se que, os 3 Porquinhos é a eleição de todos os estilos à exceção dos Preocupados que preferem a Carochinha e não dão qualquer resposta Gato das Botas e Peter Pan.**

Os sujeitos Preocupados são pessoas que gostariam de se aproximar e manter relações com os outros, mas têm receio a não ser aceites e amados pelos outros. Estes sujeitos encontram uma resposta às suas angústias na história da Carochinha, talvez por esta se tratar de uma personagem confiante e lutadora. Uma personagem que não tem receio de ir à procura do que deseja e não se preocupa com a opinião dos outros. Talvez os sujeitos preocupados, escolham esta história, uma vez que identificam na personagem principal características pessoais que eles não possuem. Seria como que uma procura de um ideal do eu.

**Na identificação da criança, constata-se que, os pais Seguros acham que os seus filhos se identificam com a Gata Borracheira e com o Peter Pan, os filhos dos pais Preocupados e Amedrontados identificam-se com o Peter Pan e os dos pais Desligados com os 3 Porquinhos.**

Se analisarmos as respostas relativamente às crianças, percebe-se que os filhos de sujeitos Seguros gostam mais da história dos 3 Porquinhos, mas depois identificam-se com a Gata Borracheira e com o Peter Pan. Os filhos de pais Preocupados gostam mais dos 3 Porquinhos e do Peter Pan e depois identificam-se sobretudo com o Peter Pan. Os filhos de pais Desligados escolhem os 3 Porquinhos para sua preferência e identificam-se também com os 3 Porquinhos. Por fim os filhos dos sujeitos Amedrontados escolhem

para seu gosto os 3 Porquinhos e o Peter Pan e para sua identificação apenas o Peter Pan.

**Desta forma, conclui-se que o estilo mais coerente é o Desligado e o menos coerente o Seguro.** O que nos faz pensar que os pais Desligados possam possuir um conhecimento menos profundo dos seus próprios filhos no momento da história, são pais que não se envolvem tanto na relação e não entendem que embora a criança aprecie muito uma história possa vir a identificar-se a outra. Seriam assim sujeitos, menos atentos ao interior da criança.

**Na identificação dos pais, constata-se que os pais Seguros identificam-se com a história da Gata Borralheira.** São pessoas que se sentem confortáveis com a proximidade dos outros, mas também não se preocupam de ficar sozinhas ou de não serem aceites pelos outros. A história da Gata Borralheira vai de certa forma ao encontro desta forma de estar, já que ela, se limita a fazer a sua “vidinha” independentemente dos outros, gostava de estabelecer uma relação com o príncipe, mas ao mesmo tempo não se importa de estar sozinha, isto é, ela não vai alterar a sua maneira de ser para atingir a aprovação do príncipe. **Os Preocupados identificam-se com a Carochinha, os Desligados com a Gata Borralheira e por fim os Amedrontados tanto com a Gata Borralheira como com o Peter Pan.** Realça-se ainda o facto de nenhum sujeito Preocupado e Amedrontado se identificar com os 3 Porquinhos e com o Gato das Botas. São sujeitos que não confiam nem acreditam no amor das outras pessoas, sendo o afecto e a confiança 2 das grandes solicitações destas histórias.

Na análise das repostas dos pais, evidencia-se que, **os pais Seguros gostam mais dos 3 Porquinhos e identificam-se sobretudo com a Gata Borralheira, os Preocupados gostam mais da Carochinha e identificam-se com a Carochinha. Os Desligados preferem os 3 Porquinhos e identificam-se com a Gata Borralheira. Por fim os Amedrontados gostam dos 3 Porquinhos e identificam-se com a Gata Borralheira e com o Peter Pan.**

Desta forma percebe-se que o modelo de vinculação Seguro, Desligado e Amedrontado, preferem a história dos 3 Porquinhos, mas identificam-se com a Gata Borralheira. Apenas o Preocupado prefere e identifica-se com a Carochinha. Colocando-se a possibilidade de existir algo na organização psíquica destes sujeitos que encontra explicação no enredo da história da Carochinha, é como se de certa forma esta personagem preenche-se o mundo interno destes sujeitos.

Na análise por preferências e identificações, constata-se que **pais e filhos dos sujeitos Seguros e Desligados, gostam mais dos 3 Porquinhos, os pais Preocupados preferem a Carochinha enquanto os filhos preferem os 3 Porquinhos e o Peter Pan, por fim os pais Amedrontados escolhem os 3 Porquinhos e os filhos os 3 Porquinhos e o Peter Pan.** Concluindo-se que os sujeitos Seguros, Desligados e Amedrontados, possuem uma maior sintonia com o seu filho, enquanto os Preocupados são os que se encontram em desacordo.

Nas identificações, os sujeitos Seguros identificam-se com a Gata Borralheira e os seus filhos também se identificam com a Gata Borralheira, identificando-se ainda com o Peter Pan. Os Preocupados identificam-se com a Carochinha e os seus filhos com o Peter Pan, os Desligados identificam-se com a Gata Borralheira e os seus filhos com os 3 Porquinhos, por fim os Amedrontados identificam-se com o Peter Pan tal como os seus filhos e ainda com a Gata Borralheira.

Nas identificações os sujeitos Seguros e os Amedrontados encontram-se em sintonia com os seus filhos, o que pode ainda ser interpretado ao nível da projecção do pai, isto é, o pai projecta a sua própria identificação e interpreta isso como a identificação do seu filho.

Desta análise retira-se apenas que, se entendermos que através do conto a pessoa “arruma” o seu espaço de confusão de sentimentos, assim os diferentes modelos de vinculação procuram histórias que os ajude a “arrumar” sentimentos que lhe são muito particulares, o que explica a diversidade de escolhas encontradas.

De seguida procedeu-se à análise dos estilos de vinculação por dado demográfico e história, com vista a perceber se existem alterações ao nível dos dados demográficos

principais, isto é, apenas foram alvo de análise os dados que encontraram diferenças significativas nas restantes análises.

Desta forma concluiu-se que:

Relativamente à história que a criança gosta mais, verificou-se que embora aparecessem os 3 Porquinhos e o Peter Pan como eleição dos sujeitos Amedrontados, constatou-se que são os Amedrontados casados que escolhem o Peter Pan, enquanto os Amedrontados solteiros optam pelos 3 Porquinhos. Relativamente ao sexo dos pais percebe-se que os homens Seguros escolhem a Carochinha e não os 3 Porquinhos. Nos Preocupados apenas as mulheres escolhem o Peter Pan. Constata-se ainda que não há homens Amedrontados. No respeitante ao sexo dos filhos, observa-se que as meninas filhas de pais Seguros optam pela Carochinha e não pelos 3 Porquinhos. As meninas filhas de pais Preocupados apenas escolhem o Peter Pan. E verifica-se que não existem pais Amedrontados com filhas meninas.

No nº de filhos os pais Seguros com mais de um filho optam pela Carochinha e não pelos 3 Porquinhos. Os Amedrontados com apenas um filho escolhem só os 3 Porquinhos e não o Peter Pan.

Por fim na idade da criança percebe-se que os sujeitos Seguros com filhos maiores de 5 anos escolhem a Carochinha, em vez dos 3 Porquinhos. Não existem sujeitos Preocupados com filhos com idade igual ao inferior a 3 anos e os que possuem filhos maiores de 5 anos escolhem o Gato das Botas. Os Desligados com filhos maiores de 5 anos escolhem a Carochinha em vez dos 3 Porquinhos. Por fim não há sujeitos Amedrontados com filhos maiores de 5 anos, constatando-se ainda que são os menores de 3 que preferem o Peter Pan e os 4/5 anos preferem os 3 Porquinhos.

No respeitante à preferência dos pais, observa-se que os Preocupantes solteiros tanto escolhem os 3 Porquinhos como a Carochinha e os Amedrontados casados tanto escolhem os 3 Porquinhos como o Gato das Botas. Constata-se que não existem homens Amedrontados, logo a escolha dos 3 Porquinhos é toda feminina. No sexo dos filhos percebe-se que os sujeitos Seguros pais de meninas tanto escolhem os 3 Porquinhos como a Carochinha e os sujeitos Preocupados pais de rapazes tanto escolhem a Carochinha como os 3 Porquinhos. Os Desligados com filhos rapazes optam pela

Carochinha. Evidencia-se que não existem sujeitos Amedrontados com filhos meninas, logo a resposta 3 Porquinhos é de responsabilidade masculina.

No nº de filhos, os sujeitos Seguros com mais de um filho escolhem a Carochinha, os Preocupados com mais de um filho distribuem-se pelos 3 Porquinhos, Gata Borracheira e Carochinha. Os Desligados com mais de um filho, preferem a Gata Borracheira. Na idade da criança verificam-se as seguintes alterações, não há Preocupados com filhos menores de 3 anos e os com 4/5 anos optam pela Carochinha e pelos 3 Porquinhos. Nos Desligados apenas o grupo dos 4/5 anos escolhem os 3 Porquinhos, pois os menores de 3 preferem a Gata Borracheira e a Carochinha e os maiores de 5 a Carochinha. Não existem Amedrontados com filhos maiores de 5 anos.

No respeitante às identificações da criança verificaram-se as seguintes alterações, os sujeitos Desligados solteiros escolhem o Peter Pan. Os homens Seguros escolhem a Carochinha e o Peter Pan, os homens Preocupados preferem o Peter Pan e o Gato das Botas. No sexo dos filhos, os pais Seguros com filhos rapazes escolhem o Peter Pan e não dão nenhuma resposta Gata Borracheira. Não existem pais Amedrontados com filhos meninas pelo que as respostas Peter Pan são todas masculinas. No nº de filhos observa-se que os sujeitos Seguros com mais de um filho acham que o seu filho se identifica com a Gata Borracheira e com o Peter Pan. Os Desligados com mais de um filho optam pela Gata Borracheira. Por fim na idade da criança, percebe-se que a resposta Peter Pan nos sujeitos Preocupados apenas diz respeito à faixa etária dos 4/5 anos, pois não existem sujeitos com filhos menores de 3 anos e os maiores de 5 optam pelo Gato das Botas. Nos sujeitos desligados, não existem respostas 3 Porquinhos nos maiores de 5 anos, estes preferem a Gata Borracheira e a Carochinha.

Por fim no respeitante a identificação dos pais, observam-se alterações ao nível, do estado civil, pois os sujeitos Seguros solteiros não dão respostas Gata Borracheira optando pelo Gato das Botas. No sexo dos pais os sujeitos masculinos identificam-se com os 3 Porquinhos. Nos Amedrontados as respostas são só femininas. No sexo dos filhos, os sujeitos Seguros com filhas meninas identificam-se com o Peter Pan e com filhos rapazes escolhem o Gato das Botas, em vez da Gata Borracheira como a totalidade da amostra.

Os Desligados com filhos rapazes identificam-se com os 3 Porquinhos. Nos Amedrontados a resposta diz apenas respeito aos pais de rapazes, já que não existem meninas.

No nº de filhos os sujeitos Seguros com mais de um filho identificam-se com a Carochinha e os Desligados com mais de um filho com os 3 Porquinhos. Por sua vez constata-se que nos Amedrontados são os pais de um filho apenas que se identificam com a Gata Borralheira e os pais de mais de um filho com o Peter Pan. Por fim na idade da criança os sujeitos Seguros com filhos com idades de 4/5 anos identificam-se com o Gato das Botas, a Carochinha e o Peter Pan em vez da Gata Borralheira. Os Desligados na mesma faixa etária identificam-se com os 3 Porquinhos e não com a Gata Borralheira. Nos Amedrontados verifica-se que são os que possuem filhos menores de 3 anos que optam pela Gata Borralheira, enquanto, os de 4/5 anos preferem o Peter Pan, não existindo sujeitos Amedrontados com filhos maiores de 5 anos.

Embora na anterior nomenclatura não se tenha verificado uma associação significativa entre os estilos de vinculação e as histórias infantis, segundo esta nomenclatura conclui-se que relativamente ao nível de conhecimento das histórias e das categorias, recorrendo à análise das médias das respostas correctas dos sujeitos às diferentes histórias, evidencia-se que, existe uma diferença **significativa ao nível da história dos 3 Porquinhos, isto é, os sujeitos Amedrontados possuem um pior conhecimento desta história.** A história dos 3 Porquinhos tem por base a ajuda mútua dos irmãos, conceito que é difícil elaborar para os sujeitos Amedrontados, uma vez que estes não conseguem confiar incondicionalmente nos outros. Tendo sempre o receio de virem a ser magoados por eles. Não esquecendo que os sujeitos Amedrontados, são sujeitos que possuíram pais com uma menor capacidade, de Rêverie, usando os conceitos bionicos, logo uma pior integração do objecto total, usando a nomenclatura de Klein. Objecto este para o qual pensamos que a história dos 3 porquinhos remeta.

No que diz respeito às categorias, percebe-se que existe uma **diferença significativa ao nível da categoria Personagem com que a criança se identifica, percebendo-se que os sujeitos Desligados possuem um melhor conhecimento desta categoria.**

O modelo de vinculação Desligado caracteriza sujeitos que se sentem confortáveis sem estabelecer relações de proximidade, dando preferência ao sentimento de independência

e auto-suficiência, estes resultados indicam-nos que embora estes sujeitos evitem depender dos outros, eles possuem sensibilidade e disponibilidade suficiente para entender e interpretar as identificações dos seus filhos.

## Conclusões

A presente investigação permite-nos concluir que, no estudo dos sujeitos da nossa amostra, a escolha e a interpretação das histórias infantis varia consoante o modelo de vinculação desenvolvido, de tal forma que as histórias surgem como um meio favorável ao metabolismo mental, auxiliando a capacidade de pensar. Usando as emoções oferecidas pelo outro (personagens), por meio de símbolos e significados, a pessoa desencadeia mecanismos de projecção e identificação que o levam à elaboração psicológica das suas vivências internas e relacionais.

Se a relação de objecto está intimamente ligada ao imaginário infantil e se esta linha parece tão clara, então será que podemos pensar no sentido inverso: Isto é, usar o conto como instrumento facilitador do metabolismo mental, ou seja, através de uma selecção “microscópica” das narrativas infantis, podemos oferecer ao sujeito o estímulo adequado à “digestão” de certos conteúdos emocionais. Esta utilização pode ser uma mais-valia em contexto clínico, uma vez que nos permite apropriarmo-nos das qualidades projectivas e identificativas do conto, não do ponto de vista da pessoa, mas do outro.

Ao usar o conto como via de acesso à elaboração mental da pessoa de si, irão realizar-se progressivas alterações ao nível dos modelos operativos internos e da consequente Transmissão Intergeracional, alterando-se desta forma o tipo de relação que se estabelece com o outro.

### Referências

- António, C. (2004). Feridos no corpo feridos na relação. Maus tratos físicos de crianças de 5 anos reflectidos à luz dos contos de fadas. Tese de Mestrado apresentada ao ISPA, Lisboa.
  
- Anzieu, D. (1974). A Pele: Do prazer ao pensamento. In D. Anzieu., J. Bowlby., R.Chauvin., F. Duyckaerts., H. Harlon., C. Koupernik., S. Lebovici., K. Lorenz., P. Mailrieu., R. Spitz., D. Widlocher., & R. Zazzo (Eds), *A Vinculação "Attachement"*(pp.119-130). Lisboa: Colecção Educação e Reabilitação, Socicultur.
  
- Barros, T. M (1995) Histórias Infantis: Significado Psicológico. *Aletheia*, Jan/Jun, 1,11-16.
  
- Bowlby, J. (1974).Notas sobre o contexto histórico da teoria da vinculação. In D. Anzieu., J. Bowlby., R.Chauvin., F. Duyckaerts., H. Harlon., C. Koupernik., S. Lebovici., K. Lorenz., P. Mailrieu., R. Spitz., D. Widlocher., & R. Zazzo (Eds), *A Vinculação "Attachement"*(pp.45-46). Lisboa: Colecção Educação e Reabilitação, Socicultur.
  
- Bowlby, J. (1974). Jonh Bowlby – 2º Intervenção. In D. Anzieu., J. Bowlby., R.Chauvin., F. Duyckaerts., H. Harlon., C. Koupernik., S. Lebovici., K. Lorenz., P. Mailrieu., R. Spitz., D. Widlocher., & R. Zazzo (Eds), *A Vinculação "Attachement"*(pp.109-118). Lisboa: Colecção Educação e Reabilitação, Socicultur.
  
- Bowlby, J. (1974). Jonh Bowlby – 3º Intervenção. In D. Anzieu., J. Bowlby., R.Chauvin., F. Duyckaerts., H. Harlon., C. Koupernik., S. Lebovici., K. Lorenz., P. Mailrieu., R. Spitz., D. Widlocher., & R. Zazzo (Eds), *A Vinculação "Attachement"*(pp.171-173). Lisboa: Colecção Educação e Reabilitação, Socicultur.
  
- Bowlby, J. (1981). *Cuidados Maternos e Saúde Mental*. São Paulo, Brasil: Livraria Martins Fontes.

- Bowlby, j. (1982). *Formação e Rompimento dos Laços Afectivos*. São Paulo, Brasil: Livraria Martins Fontes
  
- Bowlby, J. (1984). *Separação- Angustia e Raiva*. São Paulo, Brasil: Livraria Martins Fontes.
  
- Bowlby, J. (1985). *Perda, tristeza e depressão*. São Paulo, Brasil: Livraria Martins Fontes
  
- Canavarro, M.C. (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: estudos psicométricos. *Psychologica*, 16, 5-18.
  
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afectivas e saúde Mental: uma abordagem ao longo do ciclo de vida*. Coimbra: Quarteto
  
- Canavarro, M.C. (2001) *Psicologia da Gravidez e da maternidade*. Coimbra: Quarteto
  
- Canavarro, M. C. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na população portuguesa. *Psicologia*, 20,155-186
  
- Carvalho, M., Martins, E., Neves, L., & Soares, I., (2007). Vinculação e emoções. In I. Soares (Ed), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento, teoria e avaliação* (pp.159-191). Braga:Psiquilibrios
  
- Costa, M.C. (1997). *No reino das Fadas*. Lisboa:Fim do Século
  
- Diamond, N. (2001). La obra de Jonh Bowlby como paradigma psicoanalítico. In M. Marrone (Ed), *La Teoria Del Apego – Um enfoque Actual* (pp.157-178). Madrid: Psimática-Psicologia Clínica

- Diamond, N., Marrone, M. (2001). Sobre la transferencia: aspectos de fondo. In M. Marrone (Ed), *La Teoria Del Apego – Um enfoque Actual* (pp.187-204). Madrid: Psimática-Psicologia Clínica
  
- Diamond, N., & Marrone, M. (2001). El apego e la sexualidade. In M. Marrone (Ed), *La Teoria Del Apego – Um enfoque Actual* (pp.275-292 ). Madrid: Psimática-Psicologia Clínica
  
- Duyckaerts, F. (1974). Metapsicologia e Psicologia. In D. Anzieu., J. Bowlby., R.Chauvin., F. Duyckaerts., H. Harlon., C. Koupernik., S. Lebovici., K. Lorenz., P. Mailrieu., R. Spitz., D. Widlocher., & R. Zazzo (Eds), *A Vinculação” Attachement”*(pp.131-152). Lisboa: Colecção Educação e Reabilitação, Socicultur.
  
- Faria, C., Fonseca, M., Lima, V., Soares, I., & Klein, J.(2007). Vinculação na fase adulta. In I. Soares (Ed), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento, teoria e avaliação* (pp.121-158). Braga:Psiquilibrios
  
- Ferro, A. (1995). O Jogo. In A. Ferro (Ed) *A técnica na psicanálise infantil: A criança e o analista: da relação ao campo emocional* (77-89). Rio de Janeiro: Imago
  
- Fromm, E. (1980). A Linguagem Esquecida – Uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos. 7ª edição, tradução de Óctavio Alves Velho. Rio de Janeiro. Editora Zahar
  
- Goldberg, S. (2004). Desenvolvimentos Recentes na Teoria e na Pesquisa do Apego. In A. Slater, & D. Muir (Eds), *Psicologia do Desenvolvimento*. (pp. 429-446). Lisboa: Instituto Piaget
  
- Golse, B. (2005) *O desenvolvimento afectivo e intelectual da criança*. Lisboa: Climepsi
  
- Greenberg, J.R., & Mitchell, S.A.(2003). *Relações de Objecto na Teoria psicanalitica*.Lisboa: Climepsi

- Guedeney, N., & Guedeney, A. (2004) *Vinculação, Conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi
  
- Juri, L., & Marrone, M. (2001). La teoria del apego y el duelo. In M. Marrone (Ed), *La Teoria Del Apego – Um enfoque Actual* (pp. 231-254). Madrid: Psimática-Psicologia Clínica
  
- Lebovici., K. Lorenz., P. Mailrieu., R. Spitz., D. Widlocher., & R. Zazzo (Eds), *A Vinculação” Attachment”*(pp.17-43). Lisboa: Coleção Educação e Reabilitação, Socicultur.
  
- Lodge, D. (2009). A consciência e o Romance. In D. Lodge (Ed) *A consciência e o romance.*( 13-95). Alfragide, Portugal: ASA
  
- Lópes, F., & Ortiz, M., J., (2000). El desarrollo del apego durante la infância. In F. Lópes, I. Etxebarria, M. Fuentes & M. Ortiz (Ed), *Desarrollo afectivo y social* (pp.41-64). Madrid: Psicología Pirâmide
  
- Magaganin, S.M. (1995) Fantasia. *Aletheia, Jan/Jun, 1,5-10.*
  
- Maroco, J. (2003). *Análise estatística com utilização do SPSS* .Lisboa: Edições Sílabo
  
- Marrone, M. (2001). John Bowlby: Apunte Biográfico. In M. Marrone (Ed), *La Teoria Del Apego – Um enfoque Actual* (pp.11-31). Madrid: Psimática-Psicologia Clínica
  
- Marrone, M. (2001). La Teoria del Apego. In M. Marrone (Ed), *La Teoria Del Apego – Um enfoque Actual* (pp.31-48). Madrid: Psimática-Psicologia Clínica
  
- Marrone, M. (2001). Entre la Clinica y la Investigacion. In M. Marrone (Ed), *La Teoria Del Apego – Um enfoque Actual* (pp.49-72). Madrid: Psimática-Psicologia Clínica

- Marrone, M. (2001). Sobre los modelos representacionales. In M. Marrone (Ed), *La Teoria Del Apego – Um enfoque Actual* (pp.73-86). Madrid: Psimática-Psicologia Clínica
- Marrone, M. (2001). Encuentros e Divergencias. In M. Marrone (Ed), *La Teoria Del Apego – Um enfoque Actual* (pp.133-156). Madrid: Psimática-Psicologia Clínica
- Soares, I., (2007). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In I. Soares (Ed), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento, teoria e avaliação* (pp.13-45). Braga:Psiquilibrios
- Pereira, A. (1999).*Guia prático de utilização: análise de dados para ciências sociais e psicologia* .Lisboa: Edições Sílabo
- Sá, E. (1995). *Más maneiras de sermos bons pais*. Lisboa: Fim de Século
- Sá, E. (s/data). *Psicologia dos pais e do Brincar*. Lisboa: Fim de Século
- Sá, E. (2003). *Eduardo Sá Textos com Psicanálise*. Lisboa: Fim do século
- Santos, M.J. (2006). O sentir e o significar para uma leitura do papel das narrativas no desenvolvimento emocional da criança. Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, instituto de estudos da criança, Minho.
- Soares, I., Martins, E., & Tereno, S. (2007). Vinculação na infância. In I. Soares (Ed), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento, teoria e avaliação* (pp.45-98). Braga:Psiquilibrios
- Soares, I. (1996). Vinculação: questões teóricas, investigação e implicações clínicas. *Revista Portuguesa de pedopsiquiatria*, 1,35-71
- Viterbo, E & Renault, M. (2005). John Bowlby. In G. Bernard (Ed), *O Desenvolvimento Afetivo e Intelectual da Criança* (pp.153-161). Lisboa: Climepsi

- Zazzo, R. (1974). A vinculação- Uma nova teoria sobre a origem da afectividade. In D. Anzieu., J. Bowlby., R.Chauvin., F. Duyckaerts., H. Harlon., C. Koupernik., S.

- Winnicott, D. (1975). Porque as crianças brincam. In D. Winnicott (Ed), *A criança e o seu mundo*. (pp.161-165). Rio de Janeiro: Zaher

-Winnicott,D.N.(1995). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro:Imago

# Anexos

# Anexo A

(Resultados sem significância estatística)

## Resultados Sem Significância Estatística

Quadro 1: Teste Normalidade - Vinculação

	Kolmogorov-Smirnov Sig.
Ansiedade	0,175
Conforto com a Proximidade	0,086
Confiança nos Outros	0,003

No quadro acima apresentado observa-se que a variável Ansiedade e Conforto com a proximidade seguem a normal, enquanto a Confiança nos Outros não segue.

Quadro 2: Teste da Normalidade – Memórias de Infância

	Kolmogorov-Smirnov Sig
Suporte Emocional Pai	0,200
Suporte Emocional Mãe	0,200
Rejeição Pai	0,000
Rejeição Mãe	0,000
Sobreprotecção Pai	0,028
Sobreprotecção Mãe	0,200

No quadro acima apresentado observa-se que a variável suporte emocional pai, suporte emocional mãe e sobreprotecção mãe, seguem a normalidade, ao passo que a variável rejeição pai, rejeição mãe e sobreprotecção pai não seguem a normal.

Quadro 3: Teste da Normalidade - Histórias

	Kolmogorov-Smirnov Sig
3 Porquinhos	0,000
Gato das Botas	0,000
Gata Borralheira	0,000
Carochinha	0,000
Peter Pan	0,000

No quadro acima apresentado observa-se que nenhuma das variáveis segue uma distribuição normal

Quadro 4: Teste da Normalidade - Categorias

	Kolmogorov-Smirnov Sig
Personagem com que a criança se identifica	0,000
Tema da História	0,000
Personagem Principal	0,000
Vilão/Personagens Secundárias	0,000

No quadro acima apresentado observa-se que nenhuma das variáveis segue uma distribuição normal

Na análise comparativa entre as Memórias de Infância e as variáveis demográficas, encontraram-se os seguintes resultados:

Quadro 5: Sexo dos Pais e Memórias de Infância

	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	Nível de Significância
Suporte Emocional (Pai)	Feminino	50	18,70	4,03	0,138
	Masculino	20	20,25	3,57	0,122
Suporte Emocional (Mãe)	Feminino	50	19,64	4,14	0,182
	Masculino	20	21,10	3,97	0,178
Sobreprotecção (Mãe)	Feminino	50	14,66	2,85	0,908
	Masculino	20	14,75	3,16	0,913

O quadro acima apresentado mostra que não existem diferenças significativas entre os grupos.

Quadro 6: Sexo dos pais e Memórias de infância

	Sexo	N	Médiana	Nível de Significância
Sobreprotecção (Pai)	Feminino	50	35,14	0,813
	Masculino	20	36,40	
Rejeição (Pai)	Feminino	50	37,30	0,234
	Masculino	20	31	
Rejeição (Mãe)	Feminino	50	37,47	0,194
	Masculino	20	30,58	

O quadro acima apresentado mostra que não existem diferenças significativas entre os grupos.

Quadro 7: Memórias de Infância e Estado Civil

	Estado Civil	N	Média	Desvio Padrão	Nível de Significância
Suporte Emocional (Pai)	Casado/U.F	61	19,21	3,82	0,334
	Solteiro/D/V	9	18,67	4,95	
Suporte Emocional (Mãe)	Casado/UF	61	20,05	4,10	0,958
	Solteiro/D/V	9	20,11	4,51	
Sobreprotecção (Mãe)	Casado/UF	61	14,51	2,87	0,739
	Solteiro/D/V	9	15,89	3,18	

O quadro acima apresentado mostra que não existem diferenças significativas entre os grupos

Quadro 8: Memórias de Infância e Escolaridade

	Escolaridade	N	Nível de Significância
Suporte Emocional (Pai)	Até 6º ano	10	0,642
	Até 9º ano	20	
	Até 12º ano	27	
	Licenciatura	13	
Suporte Emocional (Mãe)	Até 6º ano	10	0,527
	Até 9º ano	20	
	Até 12º ano	27	

	Licenciatura	13	
Sobreprotecção (Mãe)	Até 6º ano	10	0,799
	Até 9º ano	20	
	Até 12º ano	27	
	Licenciatura	13	

O quadro acima apresentado mostra que não existem diferenças significativas entre os grupos.

#### Quadro 9: Memórias de infância e Escolaridade

	Escolaridade	N	Mediana	Nível de Significância
Sobreprotecção (Pai)	Até 6º ano	10	34,15	0,935
	Até 9º ano	20	33,67	
	Até 12º ano	27	36,19	
	Licenciatura	13	37,92	
Rejeição (Mãe)	Até 6º ano	10	34,55	0,921
	Até 9º ano	20	36,50	
	Até 12º ano	27	36,65	
	Licenciatura	13	32,31	
Rejeição (Pai)	Até 6º ano	10	44,10	0,355
	Até 9º ano	20	37,80	
	Até 12º ano	27	32,72	
	Licenciatura	13	31,12	

O quadro acima apresentado mostra que não existem diferenças significativas entre os grupos.

#### Quadro 10: Memórias de Infância e Idade dos Pais

	Idade dos Pais	Média	Desvio Padrão	Nível de Significância
Suporte Emocional (Pai)	20-40	18,56	4	0,202
	40-60	19,76	3,84	
Suporte Emocional (Mãe)	20-40	20	4,19	0,906
	40-60	20,12	4,10	
Sobreprotecção (Mãe)	20-40	14,58	2,59	0,765
	40-60	14,79	3,27	

O quadro acima apresentado mostra que não existem diferenças significativas entre os grupos

#### Quadro 11: Memórias de infância e Idade dos Pais

	Idade dos pais	Mediana	Nível de Significância
Sobreprotecção (Pai)	20-40	35,26	0,919
	40-60	35,75	
Rejeição (Mãe)	20-40	35,64	0,953
	40-60	35,35	
Rejeição (Pai)	20-40	35,88	0,873
	40-60	35,10	

O quadro acima apresentado mostra que não existem diferenças significativas entre os grupos.

**Quadro 12: Memórias de Infância e N° De Filhos**

	N° de Filhos	Média	Desvio Padrão	Nível de Significância
Suporte Emocional (Pai)	Um	18,56	4,05	0,170
	Mais de um	19,87	3,74	
Suporte Emocional (Mãe)	Um	19,72	4,19	0,443
	Mais de um	20,48	4,05	
Sobreprotecção (Mãe)	Um	14,90	3,08	0,501
	Mais de um	14,42	2,73	

O quadro acima apresentado mostra que não existem diferenças significativas entre os grupos

**Quadro 13: Memórias de infância e N° de Filhos**

	N° de Filhos	Mediana	Nível de Significância
Sobreprotecção (Pai)	Um	35,82	0,881
	Mais de um	35,10	
Rejeição (Mãe)	Um	36,64	0,594
	Mais de um	34,06	
Rejeição (Pai)	Um	36,47	0,650
	Mais de um	34,27	

O quadro acima apresentado mostra que não existem diferenças significativas entre os grupos.

**Quadro 14: Memórias de Infância e Situação Profissional**

	Situação Profissional	Média	Desvio Padrão	Nível de Significância
Suporte Emocional (Pai)	Activa	19,23	4	0,530
	Inactiva	18,17	3,37	
Suporte Emocional (Mãe)	Activa	20,09	4,22	0,810
	Inactiva	19,67	3,14	
Sobreprotecção (Mãe)	Activa	14,67	2,95	0,898
	Inactiva	14,83	2,86	

O quadro acima apresentado mostra que não existem diferenças significativas entre os grupos

**Quadro 15: Memórias de infância e Situação Profissional**

	Situação Profissional	Mediana	Nível de Significância
Sobreprotecção (Pai)	Activa	35,34	0,831
	Inactiva	37,17	
Rejeição (Mãe)	Activa	34,84	0,366
	Inactiva	42,58	
Rejeição (Pai)	Activa	34,72	0,290
	Inactiva	43,83	

O quadro acima apresentado mostra que não existem diferenças significativas entre os grupos.

Quadro 16: Memórias de Infância e Idade dos Filhos

	Idade dos Filhos	Nível de Significância
Suporte Emocional (Pai)	≤ 3 anos	0,901
	Entre 4/5 anos	
	>5anos	
Suporte Emocional (Mãe)	≤ 3 anos	0,949
	Entre 4/5 anos	
	>5anos	
Sobreprotecção (Mãe)	≤ 3 anos	0,577
	Entre 4/5 anos	
	>5anos	

O quadro acima apresentado mostra que não existem diferenças significativas entre os grupos

Quadro 17: Memórias de infância e Idade dos Filhos

	Idade dos Filhos	Mediana	Nível de Significância
Sobreprotecção (Pai)	≤ 3 anos	34,63	0,493
	Entre 4/5 anos	37,10	
	>5anos	28,85	
Rejeição (Mãe)	≤ 3 anos	27,54	0,079
	Entre 4/5 anos	39,16	
	>5anos	27,50	
Rejeição (Pai)	≤ 3 anos	30,50	0,123
	Entre 4/5 anos	38,71	
	>5anos	26,10	

O quadro acima apresentado mostra que não existem diferenças significativas entre os grupos.

Na análise comparativa entre os Padrões de Vinculação e os dados demográficos, encontraram-se os seguintes resultados:

Quadro 18: Vinculação e Sexo dos pais

	Sexo	N	Mediana	Nível de Significância
Confiança nos outros	Feminino	50	37,28	0,245
	Masculino	20	31,05	

No quadro acima apresentado pode-se observar que não existem diferenças significativas entre os grupos

Quadro 19: Vinculação e Estado Civil

	Estado Civil	N	Média	Desvio Padrão	Nível de Significância
Conforto com a Proximidade	Casado/UF	61	3,43	0,51	0,30
	Solteiro/D/V	9	3,24	0,43	

No quadro acima apresentado não se observam diferenças entre os grupos.

Quadro 20: Vinculação e Escolaridade

	Escolaridade	N	Nível de Significância
Ansiedade	Até 6º ano	10	0,392
	Até 9º ano	20	

	Até 12º ano	27	
	Licenciatura	13	
Confronto com a proximidade	Até 6º ano	10	0,378
	Até 9º ano	20	
	Até 12º ano	27	
	Licenciatura	13	

No quadro acima apresentado pode-se verificar que não existem diferenças significativas entre os grupos.

#### Quadro 21: Vinculação e Escolaridade

	Escolaridade	N	Mediana	Nível de Significância
Confiança nos outros	Até 6º ano	10	34,05	0,946
	Até 9º ano	20	36,83	
	Até 12º ano	27	36,26	
	Licenciatura	13	33	

No quadro acima apresentado pode-se verificar que não existem diferenças significativas entre os grupos.

#### Quadro 22: Vinculação e Idade dos pais

	Idade dos Pais	N	Média	Desvio Padrão	Nível de Significância
Ansiedade	20-40	36	2,08	0,68	0,457
	40-60	34	2,20	0,62	
Conforto com a proximidade	20-40	36	3,49	0,46	0,168
	40-60	34	3,32	0,54	

No quadro acima apresentado não se observa qualquer existência de diferenças significativas entre os grupos.

#### Quadro 23: Vinculação e Idade dos Pais

	Idade dos pais	N	Mediana	Nível de Significância
Confiança nos outros	20-40	36	33,50	0,395
	40-60	34	37,62	

No quadro acima apresentado pode-se verificar que não existem diferenças significativas entre os grupos.

#### Quadro 24: Vinculação e Nº de Filhos

	Nº de Filhos	N	Média	Desvio Padrão	Nível de Significância
Ansiedade	Apenas Um	39	2,11	0,58	0,682
	Mais de um	31	2,17	0,74	
Conforto com a proximidade	Apenas Um	39	3,41	0,46	0,955
	Mais de um	31	3,41	0,56	

No quadro acima apresentado observa-se que não existem diferenças significativas entre os grupos.

#### Quadro 25: Vinculação e Nº de Filhos

	Nº de Filhos	N	Mediana	Nível de Significância
Confiança nos outros	Apenas Um	39	35,26	0,910
	Mais de um	31	35,81	

No quadro acima apresentado observa-se que não existem diferenças significativas entre os grupos.

Quadro 26: Vinculação e Situação Profissional

	Situação profissional	N	Média	Desvio Padrão	Nível de Significância
Ansiedade	Activo	64	2,11	0,67	
	Inactivo	6	2,36	0,38	0,381
Conforto com a Proximidade	Activo	64	3,41	0,52	
	Inactivo	6	3,36	0,24	0,827

No quadro acima apresentado observa-se que não existem diferenças significativas entre os grupos.

Quadro 27: Vinculação e Situação profissional

	Situação Profissional	N	Média	Nível de Significância
Confiança nos outros	Activo	64	35,70	0,792
	Inactivo	6	33,42	

No quadro acima apresentado observa-se que não existem diferenças significativas entre os grupos.

Quadro 28: Vinculação e Sexo dos Filhos

	Sexo dos filhos	N	Média	Desvio Padrão	Nível de Significância
Conforto com a Proximidade	Feminino	41	3,42	0,46	0,726
			3,38	0,56	
	Masculino	29			

No quadro acima apresentado pode-se observar que os grupos não apresentam diferenças significativas.

Quadro 29: Vinculação e Idade dos Filhos

	Idade dos Filhos	Nível de Significância
Ansiedade	≤3 anos	0,766
	4/5 anos	
	>5anos	
Conforto com a Proximidade	≤3 anos	0,741
	4/5 anos	
	>5anos	

No quadro acima apresentado observa-se que não existem diferenças significativas entre os grupos.

Quadro 30: Vinculação e Idade dos Filhos

	Idade dos Filhos	N	Mediana	Nível de Significância
Confiança nos outros	≤3 anos	12	29,75	0,134
	4/5 anos	48	38,74	
	>5anos	10	26,85	

No quadro acima apresentado observa-se que não existem diferenças significativas entre os grupos.

Na análise comparativa entre as Histórias e as variáveis demográficas, encontraram-se os seguintes resultados:

**Quadro 31: Quadro de Histórias relativamente ao sexo dos pais**

	Sexo	N	Mediana	Nível de Significância
3 Porquinhos	Feminino	50	35,40	0,945
	Masculino	20	35,75	
Gato das Botas	Feminino	50	35,50	1
	Masculino	20	35,50	
Gata Borralheira	Feminino	50	35,25	0,864
	Masculino	20	36,13	
Carochinha	Feminino	50	36,18	0,640
	Masculino	20	33,80	
Peter Pan	Feminino	50	36,21	0,625
	Masculino	20	33,72	

No quadro acima apresentado não se verificam diferenças significativas entre os grupos.

**Quadro 32: Quadro de Histórias relativamente à Situação profissional**

	Situação Profissional	N	Mediana	Nível de Significância
3 Porquinhos	Activa	64	34,98	0,492
	Inactiva	6	41,08	
Gato das Botas	Activa	64	35,32	0,814
	Inactiva	6	37,42	
Gata Borralheira	Activa	64	34,45	0,167
	Inactiva	6	46,67	
Carochinha	Activa	64	35,61	0,894
	Inactiva	6	34,33	
Peter Pan	Activa	64	35,40	0,894
	Inactiva	6	36,58	

No quadro acima apresentado não se verificam diferenças significativas entre os grupos.

**Quadro 33: Quadro Histórias relativamente à Escolaridade**

	Escolaridade	N	Mediana	Nível de Significância
3 Porquinhos	6º Ano	10	31,90	0,836
	9º Ano	20	33,92	
	12º Ano	27	36,61	
	Licenciatura	13	38,38	
Gato das Botas	6º Ano	10	34,35	0,787
	9º Ano	20	32,28	
	12º Ano	27	36,72	
	Licenciatura	13	38,81	
Gata Borralheira	6º Ano	10	33,60	0,705
	9º Ano	20	32,47	
	12º Ano	27	36,15	
	Licenciatura	13	40,27	
Carochinha	6º Ano	10	28,95	0,107
	9º Ano	20	32,03	
	12º Ano	27	35,19	
	Licenciatura	13	46,54	
Peter Pan	6º Ano	10	41,95	0,135
	9º Ano	20	27,23	

12º Ano	27	38,44
Licenciatura	13	37,15

No quadro acima apresentado não se verificam diferenças significativas entre os grupos.

#### Quadro 34: Quadro de Histórias relativamente ao N° de Filhos

	N° de Filhos	N	Mediana	Nível de Significância
3 Porquinhos	Apenas Um	39	38,19	0,191
	Mais de Um	31	32,11	
Gato das Botas	Apenas Um	39	38,85	0,108
	Mais de Um	31	31,29	
Gata Borralheira	Apenas Um	39	35,77	0,896
	Mais de Um	31	35,16	
Carochinha	Apenas Um	39	37,12	0,431
	Mais de Um	31	33,47	
Peter Pan	Apenas Um	39	37,74	0,274
	Mais de Um	31	32,68	

No quadro acima apresentado verifica-se que não existem diferenças significativas entre os grupos.

Na análise comparativa entre as categorias das histórias e os dados demográficos, encontraram-se os seguintes resultados:

#### Quadro 35: Quadro de Categorias relativamente ao sexo dos pais

	Sexo	N	Mediana	Nível de Significância
Personagem com que a criança se identifica	Feminino	50	35,07	0,774
	Masculino	20	36,58	
Tema Principal	Feminino	50	35,41	0,952
	Masculino	20	35,72	
Personagem Principal	Feminino	50	36,80	0,364
	Masculino	20	32,25	
Vilão / personagem Secundária	Feminino	50	35,81	0,836
	Masculino	20	34,72	

No quadro acima apresentado não se encontraram diferenças entre os grupos.

#### Quadro 36: Quadro de Categorias relativamente à Situação profissional

	Situação profissional	N	Mediana	Nível de Significância
Personagem com que a criança se identifica	Activa	64	35,06	0,573
	Inactiva	6	40,17	
Tema Principal	Activa	64	34,97	0,492
	Inactiva	6	41,17	
Personagem Principal	Activa	64	36,23	0,338
	Inactiva	6	27,67	
Vilão / personagens Secundárias	Activa	64	34,58	0,226
	Inactiva	6	45,33	

No quadro acima apresentado não se encontraram diferenças entre os grupos

#### Quadro 37: Quadro Categorias relativamente à Escolaridade

	Escolaridade	N	Mediana	Nível de Significância
Personagem com que a criança se identifica	6º Ano	10	37,25	0,936
	9º Ano	20	36,90	
	12º Ano	27	35,09	

	Licenciatura	13	32,85	
Tema Principal	6º Ano	10	24,40	0,118
	9º Ano	20	33,78	
	12º Ano	27	36,83	
	Licenciatura	13	43,92	
Personagem Principal	6º Ano	10	33,50	0,135
	9ª Ano	20	28,50	
	12º Ano	27	37,48	
	Licenciatura	13	43,69	
Vilão / personagem Secundária	6º Ano	10	38,70	0,092
	9º Ano	20	26,30	
	12º Ano	27	37,98	
	Licenciatura	13	42,04	

No quadro acima apresentado não se verificam diferenças significativas entre os grupos.

### Quadro 38: Quadro de Categorias relativamente à Idade da Criança por grupos

	Idade da Criança	N	Mediana	Nível de Significância
Personagem com que a criança se identifica	≤3	12	33,63	0,846
	4/5	48	36,43	
	>5	10	33,30	
Tema Principal	≤3	12	27,88	0,286
	4/5	48	37,74	
	>5	10	33,90	
Personagem Principal	≤3	12	31,04	0,471
	4/5	48	35,47	
	>5	10	41	
Vilão / personagens Secundárias	≤3	12	37,83	0,730
	4/5	48	35,79	
	>5	10	31,30	

No quadro acima apresentado percebe-se que não existem diferenças significativas entre os grupos

# Anexo B

(Análise do Instrumento de Histórias)

### **Instrumento sobre Histórias Infantis**

Fez-se uma recolha junto de pais de crianças em idade pré-escolar sobre quais as histórias que costumam contar com mais frequência aos seus filhos.

Seleccionaram-se as 10 histórias que surgiam com maior frequência. Dessas 10 realizou-se uma análise de conteúdo e seleccionaram-se apenas 5, visto que algumas delas eram similares em termos de conteúdos e simbologia.

#### **Histórias Seleccionadas / Histórias contadas com mais frequência**

Os 3 Porquinhos

O Gato das Botas

A Gata Borralheira

A Carochinha

O Peter Pan

O Instrumento foi desenvolvido apenas com base nas 5 histórias previamente seleccionadas.

O Instrumento criado divide-se em 2 partes. Na primeira parte é realizado um levantamento das histórias que os pais escolhem com base em 4 questões. E uma segunda parte realizada à posterior como forma de enriquecer o presente estudo, tendo por objectivo aprofundar o conhecimento e o entendimento que os pais têm das histórias infantis. Esta segunda parte subdivide-se em 2 análises, existindo uma primeira análise por história e uma segunda análise por categoria.

#### **Análise do Questionário**

Na primeira parte do questionário tendo em conta tratar-se de variáveis nominais, apenas se realizará uma análise com base nas frequências.

Na segunda parte, após a realização de uma leitura das histórias com base em linhas orientadoras de uma vinculação segura, criou-se uma chave, que pensamos remeter para um melhor entendimento da história. Com base nessa chave, obtêm-se uma escala quantitativa com a qual já é permitido calcular quer as medidas de tendência central (média), quer as de dispersão (desvio-padrão).

Nesta segunda parte o instrumento é ainda subdividido em 2 análises. Uma análise por história e uma segunda análise por categoria. Nesta análise por categoria criaram-se as seguintes categorias.

Cada História subdivide-se em 4 categorias:

- 1º- Personagem com que a criança se identifica (somatório de todas as questões nº1)
- 2º- Tema Principal (somatório de todas as questões nº2)
- 3º- Personagem Principal (somatório de todas as questões nº3)
- 4º- Vilão / Personagem Secundária (somatório de todas as questões nº4)

De seguida sintetiza-se a leitura realizada com base nos sinais de vinculação segura.

### **Sinais de vinculação segura**

#### **3 Porquinhos**

A mãe pede aos filhos para saírem de casa como uma forma de promover a sua autonomia e a exploração do meio.

O irmão mais novo, é mais inteligente, pensa no futuro.

Os irmãos ajudam-se uns aos outros

É preciso confiança para enfrentar o lobo

#### **Gato das Botas**

O Gato simboliza a criança segura, confiante, inteligente que luta para alcançar os seus objectivos, sem ter receio de explorar o meio.

O menino simboliza a criança que ainda não atingiu uma vinculação segura, pelo que necessita da proximidade do pai para se sentir confiante.

#### **Gata Borracheira**

Gata Borracheira embora tenha sofrido a perda do pai e da mãe e não possua uma figura de vinculação estável, percebe-se que apresenta uma vinculação segura através dos seus comportamentos mais honestos e íntegros.

As irmãs simbolizam a vinculação insegura uma vez que dão mais importância aos valores externos e não têm em conta os sentimentos dos outros.

Na própria procura pelo príncipe percebe-se que a Gata Borralheira é autêntica, não procura nada e encontra o amor do príncipe, ao passo que as irmãs procuravam a todo o custo casar com uma pessoa da realeza.

### **Carochinha**

É interpretada como uma personagem segura e confiante, que traça os seus objectivos e depois luta para os alcançar. É ainda interpretado como tema principal a busca de uma nova relação fora do seio familiar, pelo que mais uma vez se percebe a segurança da Carochinha para dar este passo.

### **Peter Pan**

Peter Pan é corajoso, ajuda os amigos, luta pelos seus desejos.

Capitão gancho simboliza o obstáculo à realização dos seus desejos.

**Entende-se por Vinculação Segura** – Para além de indícios que remetam directamente para a vinculação segura, o bom entendimento da história assim como o adequado confronto com as emoções que a história suscita.

### **Chave do Questionário**

3 Porquinhos	Gato das Botas	Gata Borralheira	Carochinha	Peter Pan
1-C	1- A	1-A	1-A	1-A
2-C	2-A	2-A	2-A	2-C
3-A	3-C	3-A	3- A	3-A
4-A	4-A	4-B	4-A	4-A

Nota: Foi realizado um estudo prévio numa amostra de 20 pais de crianças em idade pré-escolar.

# Anexo C

## (Questionário de Histórias Infantis)

### Questionário

O presente questionário tem por objectivo recolher e analisar a opinião de pais de crianças em idade pré-escolar, sobre os conteúdos das histórias infantis. Dentro das várias histórias para crianças existentes, pareceu-nos relevante analisar o conteúdo de algumas delas, nomeadamente – Os 3 Porquinhos, O Gato das Botas, A Gata Borralheira, A Carochinha e o Peter Pan, de forma a conhecer o entendimento que os pais possuem delas.

Assim sendo, gostaria de solicitar a sua colaboração no preenchimento do presente questionário, assegurando-lhe a sua total confidencialidade e anonimato.

Agradece-se ainda que este seja preenchido pelo pai ou mãe que tem por hábito contar histórias ao filho.

#### Instruções:

De seguida ser-lhe-ão apresentadas várias questões sobre 5 histórias infantis – Os 3 Porquinhos, O Gato das Botas, A Gata Borralheira, A Carochinha e o Peter Pan.

Após ler todas as questões com atenção, é-lhe pedido que opte pela resposta que segundo a sua opinião é a mais correcta, colocando uma cruz no quadrado que se apresenta à sua frente. Escolha apenas uma r..esposta por questão.

#### I – Parte

1- Das seguintes histórias infantis, qual é a que o seu filho gosta mais de ouvir?

- a) Os 3 Porquinhos
- b) O Gato das Botas
- c) A Gata Borralheira
- d) A Carochinha
- e) O Peter Pan

2 - E, qual é a que mais gosta de lhe contar?

- a) Os 3 Porquinhos
- b) O Gato das Botas
- c) A Gata Borralheira
- d) A Carochinha
- e) O Peter Pan

3 – Com que herói destas histórias acha que o seu filho se identifica mais?

- a) Os 3 Porquinhos
- b) O Gato das Botas
- c) A Gata Borralheira
- d) A Carochinha
- e) O Peter Pan

4 – E o Sr (a)?

- a) Os 3 Porquinhos
- b) O Gato das Botas
- c) A Gata Borralheira
- d) A Carochinha
- e) O Peter Pan

## II – Parte

### Os 3 Porquinhos

1- Na sua opinião na história dos 3 Porquinhos com qual das seguintes personagens acha que o seu filho se identifica mais?

- a) O irmão que não gosta de trabalhar
- b) O irmão que é um comilão
- c) O irmão inteligente e trabalhador

2- Na sua opinião, o seu filho entende na história dos 3 Porquinhos que?

- a) Pode sempre contar com os outros para o ajudarem
- b) O melhor é ficar sempre por perto da mãe
- c) Possui capacidade para lidar com situações de perigo

3- Na sua opinião na história dos 3 Porquinhos o porquinho mais novo, volta a sair de casa e a enfrentar o lobo, porque?

- a) Se sente seguro e confiante nas suas capacidades
- b) É irresponsável
- c) É vaidoso

4- Na sua opinião nos 3 porquinhos a maldade do lobo simboliza?

- a) Os sentimentos mais agressivos dos filhos
- b) Os sentimentos mais agressivos dos pais
- c) Os sentimentos mais agressivos dos irmãos

### **Gato das Botas**

1- Na história do Gato das Botas, acha que o seu filho se identifica sobretudo com?

- a) O Gato
- b) O menino
- c) O Rei

2- Na sua opinião no Gato das Botas predominam os conteúdos?

- a) Da vontade de crescer e ser pequeno ao mesmo tempo
- b) Do desejo de crescer e ser adulto
- c) Do desejo de ser pequeno

3- Na sua opinião na história do Gato das Botas, o seu filho gosta do gato porque?

- a) Acha que ele é o mais esperto e consegue enganar toda a gente
- b) Acha que ele tem sorte e encontra as pessoas certas
- c) Acha que ele é corajoso, confiante, seguro e consegue alcançar os seus objectivos

4- Para si, no Gato das Botas, o menino simboliza a criança?

- a) Que percebe que precisa da protecção dos pais
- b) Que acha que consegue proteger-se sozinho
- c) Que se sente mais protegida longe da presença dos pais

### **Gata Borralheira**

1- Na sua opinião, na história da Gata Borralheira com que personagem o seu filho se identifica mais?

- a) A Gata Borralheira
- b) As Irmãs
- c) O Príncipe

2- Na sua opinião na história da Gata Borralheira, acha que o seu filho entende que se valoriza?

- a) A Bondade, sinceridade, honestidade e lealdade
- b) A ambição
- c) A amizade

3- Na sua opinião, a Gata Borralheira tem receio de?

- a) Perder o amor dos pais
- b) Não casar com o príncipe
- c) Da maldade das irmãs

4- Na história da Gata Borralheira, acha que o seu filho interpreta os comportamentos das irmãs como?

- a) Uma forma correcta de alcançarem os seus objectivos
- b) Uma maldade sem razão que deve ser penalizada
- c) Um comportamento que se compreende à luz dos ciúmes

### **A Carochinha**

1- Na história da carochinha, das seguintes personagens qual acha que o seu filho gosta mais?

- a) Da Carochinha
- b) Do João Ratão
- c) Dos outros animais

2- Na sua opinião o tema principal da história da Carochinha é?

- a) A busca de uma nova relação
- b) O crescimento
- c) O casamento

3- Na sua opinião, o seu filho percebe a Carochinha como uma personagem?

- a) Confiante e Segura
- b) Tímida e insegura

c) Que se auto-valoriza em excesso

4- Na sua opinião, a Carochinha escolhe o João Ratão porque?

a) Sabe exactamente o que quer e segue os seus objectivos

b) É teimosa e persistente

c) É Vaidosa e não gostou dos outros animais

### **Peter Pan**

1- Para si, na história do Peter Pan, o seu filho gosta mais?

a) Do Peter Pan

b) Da Sininho

c) Capitão Gancho

2- Na sua opinião, na história do Peter Pan o seu filho entende que?

a) Deve Sonhar e explorar tudo o que o rodeia

b) Por vezes o melhor é fugir e esconder-se num mundo só seu

c) Pode sonhar e explorar o mundo regressando à protecção da família mais tarde

3- Na sua opinião Peter Pan, simboliza a criança?

a) Egocêntrica

b) Corajosa

c) Pequena

4- Na sua opinião, na história do Peter Pan, o Capitão Gancho simboliza?

a) O obstáculo à realização dos desejos

b) As forças do mal

c) A inveja

# Anexo D

(Escala de Vinculação do Adulto - EVA)

# Anexo E

(Memórias de Infância - EMBU)